



TADEU VILANI

A EDUCAÇÃO
PRECISA DE
RESPOSTAS.

DEZEMBRO | 2012

Juntos pela educação

Caderno especial reúne reportagens, entrevistas e exemplos positivos publicados nos veículos do Grupo RBS na primeira fase da campanha institucional "A Educação Precisa de Respostas"

➤ As respostas às seis perguntas da campanha

➤ Entrevistas com autoridades na área da educação

➤ Boas práticas em escolas gaúchas e catarinenses

➤ Ações dentro e fora das salas de aula

Grupo **RBS**



AO LEITOR

Compromisso com a educação

Historicamente comprometido com o desenvolvimento econômico e social das comunidades em que atua, o Grupo RBS tem a convicção de que a educação é um dos mais poderosos instrumentos para transformar as pessoas e tornar o mundo melhor.

Ciente de sua imensa responsabilidade neste desafio, esteve sempre presente nos grandes debates sobre o tema, colocando suas empresas e seus veículos de comunicação a serviço da qualificação da educação e da defesa do interesse de seus públicos. Como empresa socialmente responsável, elegeu a educação como principal destinatária de seu investimento social, concentrando suas ações nesta área por meio da atuação da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, buscando mobilizar a sociedade para o tema.

Ao completar 55 anos em agosto deste ano, a RBS deu um novo passo na defesa da educação. O lançamento da bandeira institucional "A Educação Precisa de Respostas" colocou sob os holofotes questionamentos cruciais do por quê há tantas contradições entre o cenário social e o patamar educacional brasileiros.

As bandeiras institucionais são uma tradição e uma das principais iniciativas do

Grupo RBS na área do investimento social. Desenvolvidas por meio de campanha publicitária e por abordagem editorial e institucional, fortalecem o compromisso da empresa em atuar nas comunidades em que está presente de forma colaborativa com as causas relevantes para o seu desenvolvimento.

Passados pouco mais de três meses, a campanha da educação, focada principalmente nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, contabiliza resultados positivos ao mostrar capacidade de mobilizar escolas, pais e alunos para a causa. Com o objetivo de contribuir ainda mais nesse desafio de reverberar os grandes temas da educação, oferecendo mais instrumentos para a promoção do debate, a RBS publica este caderno especial. O material que você tem em mãos é uma amostra significativa das reportagens, entrevistas e boas práticas publicadas em nossos veículos para valorizar iniciativas criativas, viáveis e capazes de dar início a um novo ciclo na educação.

Assim, o Grupo RBS espera colaborar para que todos, como cidadãos, possamos trabalhar juntos para alcançar efetivamente uma elevação na qualidade de aprendizagem no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, com a expectativa de que essas ações provoquem a sociedade a refletir cada vez mais sobre o tema e a entender que nós fazemos parte da solução deste problema.


Jayme Sirotsky
Presidente Emérito


Nelson Pacheco Sirotsky
Presidente do Conselho
de Administração


Eduardo Sirotsky Melzer
Presidente Executivo

Grupo **RBS**

Presidente Emérito:
Jayme Sirotsky

Fundador:
Maurício Sirotsky Sobrinho (1925-1986)

Presidente do Conselho de
Administração e Comitê Editorial
Nelson Pacheco Sirotsky

Conselheiros:

Betania Tanure
Carlos Melzer
Cláudio Thomaz Lobo Sonder
Gustavo Joschpe

Jayme Sirotsky
Luiz Henrique Fraga
Marcelo Sirotsky
Pedro Pullen Parente
Pedro Sirotsky

Presidente Executivo
Eduardo Sirotsky Melzer

Diretoria Executiva

Vice-presidente Jurídico e de Relações Governamentais: Alexandre Kruehl Jobim
Vice-presidente de Finanças: Cláudio Toigo Filho
Vice-presidente de Gestão e Pessoas: Delir Matsuo
Vice-presidente SG: Eduardo Magnus Smith
Vice-presidente de Internet e Mobile: Fabio Bruggioni
Vice-presidente de Segmento Rural: Geraldo Corrêa
Vice-presidente de Educação: Mariano de Beer
Diretora Executiva de Estratégia e Desenvolvimento de Negócios: Luciana Antonini Ribeiro

ÍNDICE

Neste caderno especial estão reunidas as principais reportagens publicadas ao longo de três meses nos jornais do Grupo RBS no Rio Grande do Sul e em Santa Catarina. Além das respostas às seis perguntas da campanha, o caderno contempla entrevistas com autoridades sobre educação e iniciativas bem-sucedidas que demonstram como uma educação de mais qualidade e eficiência não é um sonho, mas uma realidade possível por meio de atitudes capazes de gerar grandes transformações.

EDITORIAL	4
PAINEL RBS	6
PERGUNTAS E RESPOSTAS	8
A primeira pergunta	8
A segunda pergunta	12
A terceira pergunta.....	16
A quarta pergunta	20
A quinta pergunta	24
A sexta pergunta.....	28
ENTREVISTAS	32
BOAS PRÁTICAS	38
ARTIGOS	45
INSTITUCIONAL	46
AÇÕES NAS ESCOLAS	48

AS SEIS PERGUNTAS

- 1** Por que, mesmo sendo a sexta economia do mundo, o Brasil ainda está no 88º lugar no ranking mundial da educação?
- 2** Por que 34,5% dos alunos do Ensino Médio não estão na série correspondente à sua idade?
- 3** Por que é importante os pais participarem da vida escolar dos seus filhos?
- 4** Por que apenas 2% dos estudantes querem seguir a carreira de professor?
- 5** Por que 89% dos estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender o esperado em matemática?
- 6** Por que a maioria dos alunos matriculados no último ano do Ensino Fundamental não aprende o mínimo considerado adequado?

Ângela Ravazzolo
Editora de Educação

angela.ravazzolo@zerohora.com.br



Não duvide

Uma das mais importantes lições que aprendi nas aulas da faculdade de História da UFRGS foi anunciada por um professor de Arqueologia, mais ou menos assim, lá pelo ano de 1995: "Se vocês saírem da faculdade com um único aprendizado, eu espero que seja este: em história, nada pode ser explicado por uma única causa".

Um conselho claro, quase óbvio e que se aplica diretamente aos desafios que a educação nos apresenta hoje no Brasil. Não será possível resolver nossas dificuldades em sala de aula partindo de críticas ou hipóteses simplórias, que colocam a "culpa" em agentes isolados, como estudantes, professores, pais ausentes ou a falta de um computador ultramoderno. O que pode transformar a educação é o investimento coletivo, da sociedade.

Ao longo dos últimos meses, em andanças de todos os envolvidos com a campanha A Educação Precisa de

Respostas, não foram poucas as histórias emocionantes de ótimos exemplos em salas de aula. Uma delas em especial me chamou a atenção: o trabalho de inclusão desenvolvido pela Escola Municipal Professor Gilberto Jorge, de Porto Alegre. Em um vídeo apresentado no TEDxUnisinos em novembro, os alunos dessa escola aparecem segurando uma faixa simples, nada tecnológica, mas com uma frase revolucionária: "Não duvidem de nós".

Pois eu aproveito essa provocação maravilhosa daquelas crianças e o ensinamento do mestre arqueólogo e faço aqui dois convites:

- 1) Aposte nesses garotos, eles vão longe.
 - 2) Aposte na educação, especialmente em projetos, estudos e práticas que nos façam entender e melhorar o investimento coletivo, da sociedade.
- Não duvide. Não deixe de procurar boas respostas.

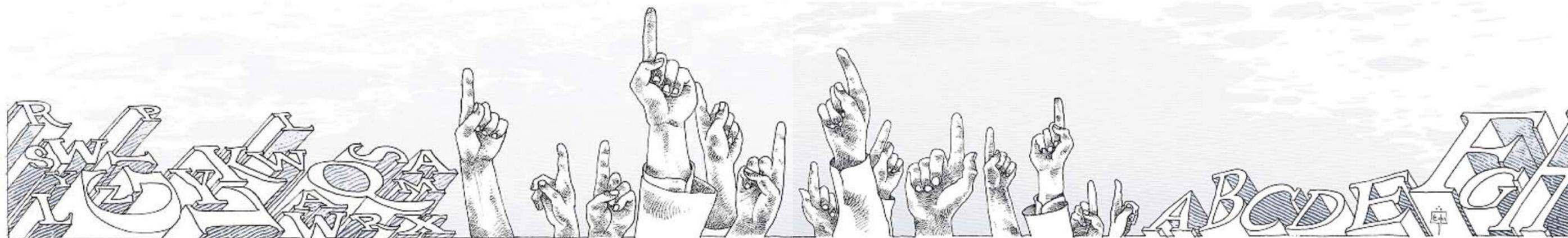
Saiba mais online

Em www.precisamosderespostas.com.br, estão disponíveis extensões de conteúdo da bandeira, assim como as respostas às seis perguntas dadas pelos especialistas consultados na campanha:

Os especialistas

- **Antônio Elizio Pazeto**, doutor em Educação e professor da Universidade do Estado de SC (Udesc)
- **Cláudia Costin**, secretária municipal de Educação do Rio, ex-ministra da Administração do governo FH
- **Fernando Becker**, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e professor da UFRGS
- **Gustavo Joschpe**, economista e especialista em educação
- **Helena Sporleder Côrtes**, doutora em Educação e professora da Faculdade de Educação da PUCRS
- **Jorge Gerdau Johannpeter**, empresário, presidente do Conselho de Administração da Gerdau e do Conselho de Governança do Todos pela Educação
- **José Francisco Soares**, professor da Faculdade de Educação da UFMG, com pós-doutorado em Educação
- **José Paulo da Rosa**, diretor regional do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (Senac) no RS
- **Lourival José Martins Filho**, diretor de Ensino do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Udesc e presidente do Conselho Municipal da Educação de Florianópolis (SC)
- **Maria Amabile Mansutti**, pedagoga, coordenadora técnica no Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec)
- **Miriam Abramovay**, socióloga com doutorado em Ciências da Educação, coordenadora do projeto Violência e Convivência nas Escolas Brasileiras
- **Mozart Neves Ramos**, professor e conselheiro do movimento Todos pela Educação
- **Nássara Scheck**, formada em Magistério e em Educação Física, é diretora da Escola Estadual Aurélio Reis, em Porto Alegre
- **Priscila Fonseca da Cruz**, diretora executiva do movimento Todos pela Educação
- **Silvia Colello**, doutora em Pedagogia, professora da USP e coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre Alfabetização e Letramento
- **Simon Schwartzman**, doutor em Ciências Políticas, presidente do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade no Rio de Janeiro
- **Viviane Senna**, empresária, presidente do Instituto Ayrton Senna e conselheira do Todos pela Educação

EDITORIAL



POR QUÊ?

Se somos um povo pacífico, ordeiro, criativo e empreendedor; se somos o maior país da América do Sul e a sexta economia do mundo; se temos uma democracia consolidada e desfrutamos de plenas liberdades; se contamos com uma produção agrícola exuberante, uma indústria forte e um promissor parque tecnológico; se a renda do trabalhador brasileiro está aumentando e milhões de pessoas estão ascendendo socialmente; se temos recursos naturais abundantes para promover a qualidade de vida de 190 milhões de brasileiros; e reduzimos significativamente o analfabetismo e ampliamos a rede escolar, **por que o Brasil ocupa o constrangedor 88º lugar no ranking mundial de educação medido pelo Relatório de Monitoramento Global da Unesco entre 164 países?**

Se temos uma juventude saudável; se nos orgulhamos da mistura racial de nossa população; se somos pentacampeões mundiais de futebol e multilaureados na alegria do Carnaval; se nossos talentos esportivos brilham nas competições internacionais; se nossas crianças e adolescentes são recordistas no uso de internet e de novas tecnologias digitais; se praticamente eliminamos as disparidades de gênero no acesso ao ensino e nossas mulheres conquistam cada vez mais espaço no mercado de trabalho; se nove entre 10 jovens brasileiros sonham com uma profissão que beneficie a sociedade; se as crianças e adolescentes brasileiros contam com

um dos mais modernos códigos de proteção do mundo, **por que 34,5% dos alunos do Ensino Médio não estão na série correspondente a sua idade?**

Se 90% dos nossos jovens têm orgulho de serem brasileiros e 75% acreditam que o país está mudando para melhor; se está comprovado que a escolaridade é a principal porta da ascensão social; se o magistério é uma profissão digna e admirada pelas crianças, que amam as mestras quase como uma segunda mãe; se a sociedade reconhece a importância dos educadores na formação dos brasileiros do futuro; se existe um déficit significativo de docentes no Ensino Médio e Fundamental; se a era digital representa um desafio para profissionais que realmente desejam fazer a diferença, **por que apenas 2% dos estudantes querem seguir a carreira de professor?**

Se o progresso de um povo depende do desenvolvimento da matemática; se essa disciplina é a base de todas as ciências e todas as artes; se o domínio dos números e das operações é decisivo para o sucesso numa sociedade competitiva; se o desenvolvimento tecnológico está fundamentado em cálculos e logaritmos; se o Brasil é a terra de Malba Tahan, o professor, educador e pedagogo que usou álgebra e aritmética para escrever maravilhosos contos ao estilo das Mil e Uma Noites; se somos um povo criativo e vocacionado para os mais intrincados desafios, **por que 89% dos**

estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender matemática?

Se o país já oferece escola para praticamente todas as crianças em idade escolar; se as escolas brasileiras vêm adotando sucessivos antídotos para a repetência, entre os quais a progressão continuada, e algumas redes públicas não mais reprovam nas três primeiras séries; se o trabalho infantil, um dos motivos do afastamento dos estudantes das escolas, está proibido no Brasil; se os jovens brasileiros têm facilidade para dominar as complexidades da tecnologia digital; se a infância e a adolescência são os períodos da vida em que o cérebro humano está mais propenso ao aprendizado, **por que a maioria dos alunos brasileiros não aprende o esperado para a sua idade?**

Se a escola é o caminho mais seguro para a formação dos jovens e para ascensão social de camadas expressivas da população; se a idade escolar é um dos períodos mais importantes e significativos da vida de um ser humano; se é nessa época que melhor se desenvolvem valores positivos, como a camaradagem, a ética e a cooperação; se um bom aluno será, sem muita margem para erro, um cidadão ordeiro, responsável e produtivo; se a oferta de aprendizado é a melhor herança que as famílias podem deixar para suas crianças e adolescentes; se a educação é reconhecida como o passaporte para um futuro digno, **por que muitos pais não participam da vida escolar de seus filhos?**

O ALUNO É A PRIORIDADE

O Brasil está na antessala do futuro.

Já é a sexta economia do mundo, vive uma era de pleno emprego, a renda per capita dos brasileiros ultrapassou os US\$ 10 mil e o nosso país começa a ser reconhecido como potência mais do que emergente no novo mundo multipolar.

É um país que cresce e que conseguiu reformular sua pirâmide social, mas que ainda precisa superar obstáculos decisivos para alcançar o pódio do desenvolvimento. O maior deles é o déficit educacional, que continua excluindo gerações de brasileiros das promissoras oportunidades que se abrem para o nosso país.

São constrangedoras nossas posições nos rankings internacionais: 88º lugar entre 127 nações na aferição da Unesco; 53º em leitura e ciências e 57º em matemática, entre 65 países no Pisa, que é a avaliação educacional mais importante do mundo; temos um percentual de 9,6% de analfabetos e apenas uma universidade entre as cem melhores do mundo. Rio Grande do Sul e Santa Catarina ostentam bons indicadores sociais, mas ainda estão longe da excelência na área educacional.

O Grupo RBS não aceita esta realidade. Te-

mos compromissos históricos com o desenvolvimento econômico e social dos dois Estados do Sul e acreditamos que a educação é a arma mais poderosa para transformar as pessoas e tornar o mundo melhor. Fazem parte do DNA desta organização a responsabilidade social, a atenção aos jovens, a promoção dos valores locais e da cultura regional.

Por isso, orientada desde a sua fundação pela crença de que uma empresa de comunicação deve ter responsabilidade diferenciada para com o público, a RBS decidiu concentrar suas ações e seus investimentos sociais na educação, com prioridade nos estudantes e o propósito transparente de mobilizar a sociedade no sentido de participar do processo, fiscalizando a qualidade do ensino e valorizando a escola, os professores e as práticas inovadoras.

Neste contexto, ao completar 55 anos de fundação, o Grupo RBS reafirma o compromisso de colocar todas as suas empresas e seus veículos de comunicação a serviço da qualificação da educação nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, por meio das seguintes ações que compartilha com a sociedade:

Compromissos da RBS

- 1** Divulgar temas relacionados ao ensino com foco prioritário no interesse dos estudantes
- 2** Valorizar a escola como centro de saber e espaço para o desenvolvimento individual e coletivo dos alunos
- 3** Dar visibilidade aos indicadores de qualidade da educação, especialmente às avaliações das escolas
- 4** Defender a valorização dos profissionais do ensino
- 5** Mobilizar a sociedade para participar ativamente no processo educacional, estimulando os pais a se tornarem agentes fiscalizadores da qualidade da aprendizagem
- 6** Destacar e premiar iniciativas inovadoras e positivas de ensino, para que sirvam como referência de qualificação

PAINEL RBS



ALOIZIO MERCADANTE,
ministro da Educação

“
A escola é uma instituição secular, mas os professores são do século 20, são analógicos; os alunos são do século 21, são digitais. Os alunos são nativos digitais, os professores são imigrantes digitais. A tecnologia da informação vai ser vital em todos os setores da sociedade, e a escola tem de estar à frente de seu tempo.



RICARDO DIANTE

Grandes temas de um grande desafio

Ao debater as principais questões do ensino brasileiro, Painel RBS marcou o início da campanha A Educação Precisa de Respostas

Um debate realizado no dia 28 de agosto, em Porto Alegre, deu início a uma busca conjunta por soluções para problemas crônicos do ensino brasileiro. O evento deflagrou a nova campanha institucional do Grupo RBS, que enfoca a necessidade de melhorar a aprendizagem no país sob o slogan A Educação Precisa de Respostas. As primeiras delas começaram a ser discutidas no encontro de duas horas que contou com a participação do ministro da Educação, Aloizio Mercadante, de outras autoridades e de especialistas.

O Painel RBS teve a participação de jornalistas e de representantes da sociedade civil que fizeram perguntas ao ministro, aos secretários estaduais do Rio Grande do Sul, Jose Clovis Azevedo, e de Santa Catarina, Eduardo Deschamps, à secretária municipal do Rio de Janeiro, Claudia Costin, e ao conselheiro do movimento Todos pela Educação Mozart Neves Ramos.

Ao longo dos quatro blocos do programa, que contou com a presença na plateia do governador gaúcho, Tarso Genro, foram destacados alguns dos principais entraves ao avanço da qualidade do ensino no país e possíveis caminhos para apressar a elevação dos indicadores de qualidade. As discussões, a partir de então, foram ampliadas e aprofundadas em todos os veículos de comunicação da RBS a fim de mobilizar as sociedades gaúcha e catarinense e intensificar a procura de soluções para as mazelas do ensino nacional. As reportagens tiveram como eixo seis perguntas

sobre o tema, incluindo as razões para o mau desempenho em avaliações internacionais, a distorção entre idade e série e o desinteresse dos jovens pela profissão de professor.

– A educação, quando se pensa no futuro, é um tema central do interesse coletivo da nossa sociedade. A RBS definiu que, a partir desta iniciativa, vai focar prioritariamente as suas ações institucionais no tema da educação. Começamos com esta bandeira, buscando respostas, com o firme propósito de criar uma mobilização das sociedades gaúcha e catarinense – sustentou o presidente do Conselho de Administração do Grupo RBS, Nelson Sirotsky.

Diante dos questionamentos dos convidados, que apresentaram suas dúvidas ao vivo de diversas cidades do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina, os participantes do painel debateram-se sobre alguns dos principais temas da educação brasileira, como o baixo aproveitamento escolar, a necessidade de valorizar e qualificar os professores, o desafio de melhorar o processo de alfabetização e como tornar o Ensino Médio mais atrativo. O desempenho preocupante demonstrado pelo Rio Grande do Sul no mais recente Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) também foi debatido. No Ensino Médio, a média caiu de 3,9 para 3,7, abaixo da meta de 4.

– O que joga o Ideb gaúcho para baixo é a reprovação. Ela é uma derrota da escola, mas a aprovação automática não é a solução. Temos de ter um projeto de recuperação desses alunos – avaliou Mercadante.

NELSON SIROTSKY,
Presidente do Conselho de
Administração do Grupo RBS

“
A RBS definiu que, a partir desta iniciativa, vai focar prioritariamente as suas ações institucionais no tema da educação. Começamos com esta bandeira, buscando respostas, com o firme propósito de criar uma mobilização das sociedades gaúcha e catarinense.



FOTOS RICARDO DIANTE

CLAUDIA COSTIN
Secretária municipal da Educação do RJ

“
Precisamos ter um currículo claro. É muito difícil que uma criança aprenda se o currículo tem de ser inventado pelo seu professor em nome de uma falsa autonomia pedagógica. Nós somos um único país, deveríamos ter um único currículo.

Nós do Ensino Fundamental

O ensino brasileiro enfrenta dois gargalos principais na Educação Básica. Um deles se encontra no começo do Ensino Fundamental, quando as crianças devem ser alfabetizadas. O segundo está no meio do caminho, no momento em que o currículo se diversifica e o número de professores é multiplicado.

– Nossa prioridade é a alfabetização na idade certa, porque, na Região Sul, 6%, 7% das crianças não se alfabetizam até os oito anos. Mas temos Estados no Brasil em que 35% das crianças não aprendem a ler e a escrever até os oito anos. Se não aprendeu, toda a vida escolar está comprometida – afirmou o ministro Aloizio Mercadante.

Em setembro, o governo federal promete lançar um pacto nacional pela alfabetização na idade certa, em que uma ajuda de custo será oferecida para 315 mil professores alfabetizadores, cujo trabalho será monitorado.

– O material está sendo elaborado e vai ser coordenado pelas melhores universidades do Brasil. Vamos ter gestores e monitores para acompanhar todo esse processo, e vamos fazer uma avaliação externa, para fins pedagógicos, para verificar se aos sete anos e aos oito anos de fato estão aprendendo a ler – promete Mercadante.

Mesmo após a superação desse obstáculo inicial, os estudantes deparam com outra prova ao longo do Ensino Fundamental: quando chegam ao 6º ano e passam a ter várias disciplinas e diversos professores, em vez de um só. Nesse período, aumenta a reprovação de maneira geral no país. O governo também pretende estimular uma transição mais suave para os anos finais do Fundamental, reformulando currículo e oferecendo melhor formação aos educadores.

Reformulação do Ensino Médio

A situação do Ensino Médio hoje no país, com excessivas 13 disciplinas básicas, 19 optativas e um currículo antigo e pouco atrativo para os jovens, foi considerada pelos especialistas e autoridades uma das grandes deficiências da Educação Básica. O ministro Aloizio Mercadante sustenta que esse currículo deve ser redesenhado, com o agrupamento das disciplinas em quatro áreas principais: matemática, português e redação, ciências da natureza e ciências humanas.

– Os alunos têm dificuldade de organizar esse volume de informações e ter um bom desempenho, principalmente com as deficiências anteriores. Estamos buscando uma integração dessas disciplinas em quatro áreas, que são as áreas do Enem – observa o ministro.

O secretário catarinense, Eduardo Deschamps, porém, demonstrou preocupação com a vinculação entre o nível Médio e o Enem:

– Com a definição do Enem como um indicador de qualidade, me preocupa que a gente foque demais a formação do Ensino Médio na preparação para a universidade, sabendo que apenas 30% vão para a universidade imediatamente. Um dos pontos é: de que maneira diversificar o Ensino Médio, preparando o aluno para a universidade e, ao mesmo tempo, para o mercado de trabalho? A reformulação curricular passa por isso.

O secretário gaúcho, Jose Clovis Azevedo, lembrou que o Estado iniciou no ano passado uma discussão sobre a reformulação do Ensino Médio, que começou a ser colocada em prática este ano:

– Estamos implantando uma reforma que dialoga com questões como a interdisciplinaridade, do ensino por áreas do conhecimento, com 200 horas a mais por ano e estímulo aos alunos para fazerem pesquisa.



MOZART NEVES RAMOS
Conselheiro do Todos pela Educação

“
Vou mais além do ministro: a gente tem um aluno do século 21, um professor do século 20 e uma escola de século 19. A gente precisa trazer a escola e o professor para o século 21. A tecnologia, naturalmente, é um instrumento importante para prover esse professor com as condições necessárias para atrair o aluno.

Educação em tempo integral

Aumentar a presença diária dos estudantes na escola foi uma das principais estratégias apontadas por algumas das autoridades presentes ao Painel RBS para melhorar os indicadores da educação brasileira. O ministro Aloizio Mercadante se mostrou um dos maiores entusiastas da proposta.

– Todos os países desenvolvidos que têm escola de excelência têm escola de tempo integral. O Brasil precisa caminhar nessa direção. É um processo, mas estamos avançando – avaliou o ministro da Educação.

Mercadante ressaltou que pouco mais de 30 mil escolas em todo o Brasil aderiram neste ano ao programa federal Mais Educação, que prevê a ampliação da jornada escolar de quatro para sete horas diárias. Nessas três horas excedentes, o colégio pode oferecer reforço de disciplinas como matemática ou português, atividades envolvendo teatro ou música, responsabilidade ambiental, de conhecimento das leis de trânsito ou cultura regional, por exemplo, somando 10 campos de conhecimento que cada estabelecimento pode escolher.

– Eu vi uma jovem, outro dia, que tinha abandonado a escola, voltou no Mais Educação, entrou no judô e virou campeã brasileira – comentou o ministro.

Claudia Costin citou o exemplo carioca e também destacou a importância de oferecer mais tempo de estudo nos colégios públicos a fim de turbinar o desempenho do aluno:

– Temos investido nisso, porque os 15 primeiros no Pisa (*ranking que compara desempenho de alunos em diferentes países*) têm sete horas de aula. Precisamos colocar o professor para trabalhar em uma única escola, sem perder tempo para deslocamentos e criando vínculos afetivos com alunos daquela escola.



JOSE CLOVIS AZEVEDO
Secretário estadual de Educação do RS

“
A escola, hoje, é um ambiente ritualizado. Temos determinadas práticas pedagógicas hegemônicas, que são uma verdadeira cultura, que são aquela prática de passar o conteúdo para os estudantes e exigí-lo de volta, numa prova. Na verdade, isso não é produção de conhecimento.



EDUARDO DESCHAMPS
Secretário estadual de Educação de SC

“
A questão da simplificação do currículo é importante. Também é preciso simplificar um pouco o ambiente escolar. O que se observa é que há um número excessivo de projetos e, às vezes, a escola deixa de ter tempo para cuidar daquilo que é essencial.

A situação do professor

Na avaliação dos especialistas, a volta por cima da educação precisa ter como base uma melhor formação e a valorização dos professores.

– A base de toda a aprendizagem começa por um bom professor. O Brasil tem um enorme dever de casa. A gente precisa responder a uma pergunta: por que a carreira do magistério não é atrativa no Brasil? – questionou Mozart Neves Ramos.

O próprio especialista ofereceu uma hipótese: enquanto um professor ganha, em média, R\$ 1,8 mil, outro profissional com titulação equivalente recebe R\$ 2,8 mil. Países que estão no topo da educação mundial, como Coreia do Sul e Finlândia, pagam bem seus professores, o que lhes permite atrair mais interessados e selecionar os melhores. Outros desafios a serem superados, segundo Ramos, são a criação de planos de carreira baseados em formação continuada e desempenho, uma formação inicial sólida e condições adequadas de trabalho.

– Nada substitui o brilho nos olhos de um bom professor – resume.

Para Claudia Costin, é preciso superar o ranço de que professores não podem ser avaliados externamente:

– Por que não se pode reconhecer o professor? Mais importante do que premiar o professor é premiar toda a equipe escolar. A educação é um processo coletivo.

Mercadante lembrou que há 170 mil educadores no país sem formação adequada para lecionar no Ensino Médio. Sustentou que o governo oferece bolsas de estudo para aprimorar a formação prática do magistério, e promovendo a formação por meio da Universidade Aberta do Brasil.

A 1ª PERGUNTA

Por que mesmo sendo a 6ª economia do mundo, o Brasil ainda está no 88º lugar no ranking mundial da educação?

MARCELO GONZATTO

Os problemas da educação brasileira extrapolam os limites da sala de aula. O desempenho pífio revelado em avaliações internacionais se deve a uma combinação de falhas de educadores, governantes e famílias, na opinião de especialistas. Essas deficiências incluem erros de gestão, falta de recursos e pouca cobrança social por resultados que façam jus ao atual peso econômico e político do Brasil.

O desafio de alcançar um ensino de qualidade foi eleito o tema da nova campanha institucional do Grupo RBS, deflagrada no dia 28 de agosto de 2012 sob o slogan A Educação Precisa de Respostas. Para investigar quais são os principais nós que comprometem a aprendizagem no país e descobrir como desatá-los, uma série de reportagens em rádios, tevês e jornais vai responder a questionamentos concretos sobre o atual cenário da educação nacional.

A primeira dessas perguntas é como pode um país que alcançou a sexta posição entre as maiores economias do planeta ostentar um constrangedor 88º lugar em um ranking mundial publicado pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (Unesco) no ano passado. As respostas, oferecidas por especialistas nacionais na área, resumem os principais entraves ao avanço educacional brasileiro.

Superados estes obstáculos, o país poderia experimentar nos próximos anos um acréscimo de qualidade significativo nas escolas e vencer um atraso histórico.

– Temos de levar em conta que começamos a nos preocupar com educação com quatro, cinco séculos de atraso em relação a outros países. É impossível recuperar isso do dia para a noite, mas temos de investir melhor para não perdermos mais tempo – observa o economista Claudio de Moura Castro.

Confira, a seguir, alguns dos principais empecilhos ao salto educacional brasileiro.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br



TADÉU VILANI

1 GESTÃO INEFICIENTE

Especialistas em educação sustentam que não basta apenas despejar mais dinheiro no sistema educacional brasileiro. Outra disciplina em que o país encontra dificuldades é como aplicar bem os recursos disponíveis – que este ano devem somar R\$ 114 bilhões.

– Há mau gerenciamento, e não é porque as pessoas são incompetentes. As estruturas são viciadas por clientelismo e corporativismo. Há nomeações políticas de diretores, em muitos lugares há dois professores para cada classe, tem muita gente que não trabalha. É uma cultura gerencial difícil de desmontar – avalia o presidente do Instituto Alfa e Beto, João Batista Oliveira.

Exercício

A proporção de alunos por professor é ruim em muitas regiões do país. Conforme informações da Confederação Nacional dos Trabalhadores em Educação, em cidades do Piauí, por exemplo, há apenas oito alunos para cada professor – o que torna o sistema caro e pouco eficiente.

No Rio Grande do Sul, um estudo da especialista em Educação e ex-secretária estadual Mariza Abreu aponta que há 17 alunos por professor na rede estadual – mas, considerando os educadores que estão fora de aula, cedidos para outras atividades, essa média cai para 15 por um. A própria CNTE entende que esse indicador deveria ficar entre 18 e 23 para um.

Tema de casa

O Brasil deve aprimorar a gestão da educação, melhorar a administração escolar, evitar interferências políticas e qualificar a distribuição de recursos e pessoal para aumentar a eficiência das redes de ensino.

2 DESPRESTÍGIO DO MAGISTÉRIO

Falhas na gestão do ensino explicam, em parte, a dificuldade para desatar outro nó da educação brasileira: a baixa remuneração dos professores – tanto na rede pública quanto na particular. Os baixos salários têm duplo impacto: além de oferecerem pouco estímulo aos profissionais em ação, afugentam da carreira muitos dos melhores alunos.

– A baixa aprendizagem decorre da ausência de professores com qualidade. Tornar o magistério um objeto de desejo dos jovens é fundamental. Nos países com boa

educação, ser professor tem bom retorno financeiro e reconhecimento social – avalia Mozart Neves Ramos, conselheiro do movimento Todos pela Educação.

Estudos mostram que, na média, mesmo educadores da rede privada recebem menos do que os colegas do setor privado no país. Um trabalho elaborado pelo especialista Simon Schwartzman mostrou, em 2008, que nas séries iniciais do Ensino Fundamental a diferença chegava a 25%. O setor particular leva vantagem somente no Ensino Médio.

Exercício

No Brasil, um professor que receba o piso nacional de R\$ 1.451 acumula ao longo de um ano, incluindo o 13º salário, o equivalente a cerca de US\$ 9,3 mil. Compare o salário inicial da carreira em alguns outros países da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE):



Tema de casa

Para melhorar as condições de vida dos professores e atrair profissionais mais capazes, o país precisa elevar a remuneração dos educadores. A média dos países da OCDE, por exemplo, fica ao redor de US\$ 30 mil anuais, cerca de três vezes mais do que o piso brasileiro em dólar.

3 MÁ FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

Para especialistas, o modelo de treinamento dos mestres brasileiros é uma das razões principais para o desempenho pífio dos estudantes nas avaliações nacionais e internacionais. A principal crítica é de que os cursos não preparam adequadamente.

– Em primeiro lugar, para se formar um bom professor, você tem de aprender o conteúdo a ser ensinado. Em segundo, você tem de aprender a dar aula. O terceiro é tudo mais, ou seja, cultura, ideologia, identidade do professor, antropologia e sociologia da educação, legislação, tudo o que é periférico. No Brasil, as faculdades só ensinam o “tudo mais”, o periférico. Faltam os temas centrais – diz o economista e especialista em educação Claudio de Moura Castro.

Exercício

Além da má formação, em muitos casos o professor brasileiro não tem a graduação exigida para dar aula. Confira a proporção de educadores sem licenciatura nas séries finais do Ensino Fundamental e no Médio no país:

49,9%
sem formação adequada na zona rural

14,8%
sem formação adequada na zona urbana

Tema de casa

Na avaliação de especialistas, o Brasil precisa revisar a formação dos professores, agregando mais prática à teoria, e ampliar o acesso dos educadores aos cursos superiores de licenciatura.

4 BAIXO INVESTIMENTO NA EDUCAÇÃO BÁSICA

Um dos problemas que o país precisa resolver para elevar a qualidade do seu ensino é de matemática. O Brasil aplica, em média, um valor muito baixo para cada estudante da educação básica. O gasto público, em 2010, era de apenas R\$ 3,5 mil ao longo de um ano. Isso representa todo o investimento estatal feito diretamente em educação dividido pelo número de alunos.

– Ainda investimos menos do que países como Argentina, México ou Chile – compara Mozart Neves Ramos, conselheiro do movimento Todos Pela Educação.

Uma comparação internacional feita com base nas cifras aplicadas em 2008 convertidas para dólar demonstra que, em uma lista de 34 países, o Brasil só aplicou mais dinheiro por aluno de qualquer nível de ensino do que a China. Outro problema é o desequilíbrio entre os níveis educacionais. Enquanto há R\$ 17,9 mil disponíveis ao ano para cada universitário, o estudante do Fundamental ao Médio conta com cinco vezes menos.



Pais	Valor por aluno	Pais	Valor por aluno	Pais	Valor por aluno	Pais	Valor por aluno
1. Suíça	US\$ 14.976,81	6. Suécia	US\$ 11.161,56	11. Islândia	US\$ 9.873,15	16. Itália	US\$ 9.149,44
2. Estados Unidos	US\$ 14.922,76	7. Holanda	US\$ 10.703,51	12. Japão	US\$ 9.673,02	17. Alemanha	US\$ 9.115,14
3. Noruega	US\$ 13.284,82	8. Bélgica	US\$ 10.588,62	13. França	US\$ 9.562,13	18. Austrália	US\$ 9.056,09
4. Áustria	US\$ 11.851,57	9. Irlanda	US\$ 10.082,14	14. Espanha	US\$ 9.498,54	19. Eslovênia	US\$ 8.718,81
5. Dinamarca	US\$ 11.787,86	10. Reino Unido	US\$ 10.051,37	15. Finlândia	US\$ 9.463,07	20. Coreia	US\$ 7.434,46

Tema de casa

O Brasil está discutindo para quanto deve se elevar o gasto nacional em educação. Atualmente em 5,1% do PIB, o novo Plano Nacional de Educação prevê um crescimento para até 10%.

5 POUCA INOVAÇÃO NA SALA DE AULA

As dificuldades de formação e remuneração dos profissionais da educação, somadas às restrições de orçamento, resultam em um problema: a dificuldade para apresentar um sistema de ensino renovado, inovador e capaz de despertar o interesse dos estudantes.

– Temos hoje uma situação em que a escola é do século 19, o professor é do século 20, mas o aluno é do século 21. Precisamos colocar todos no mesmo século. Para isso, é preciso ter um currículo atraente, com inovação e criação de mecanismos que estimulem a pesquisa. O aluno do século 21 não quer coisa pronta, enlatada – analisa Mozart Neves Ramos.

Exercício

A pesquisa *O Uso das Tecnologias da Informação e da Comunicação nas Escolas Brasileiras*, do Comitê Gestor da Internet no Brasil, mostrou no ano passado que 92% das escolas públicas urbanas têm computador conectado à internet, mas...

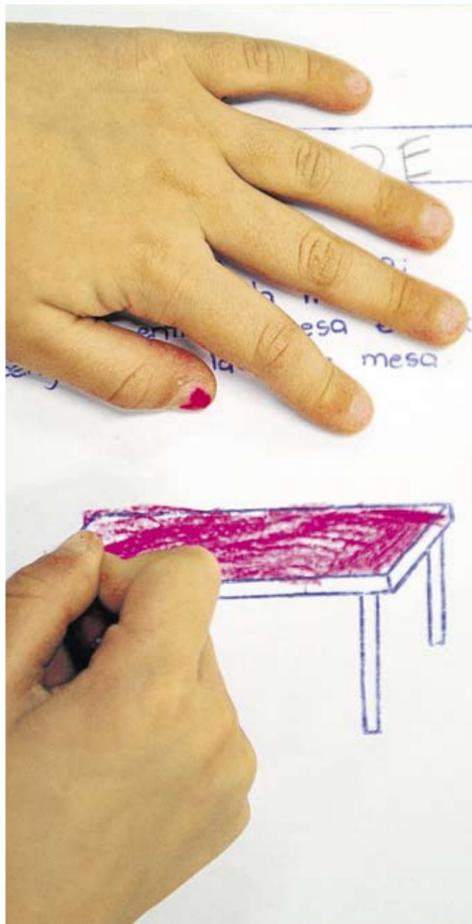
...apenas 4% dos equipamentos estão presentes na sala de aula.

...64% dos professores acreditam que os alunos sabem mais do que eles sobre uso da informática.

...75% dos educadores dependem de apoio informal para usar a informática na educação.

Tema de casa

O país precisa realizar uma combinação de mais investimento, melhor formação e estímulo à renovação das práticas de ensino a fim de torná-lo mais atraente, interativo e adequado ao mundo digital do século 21.



INVTIA/REBEL

6 BAIXA PARTICIPAÇÃO DA COMUNIDADE

Os problemas da educação brasileira não estão apenas dentro do colégio. Um dos elementos apontados para o mau desempenho internacional é o pouco envolvimento de quem está do lado de fora dos muros escolares no universo da educação. A pouca intimidade foi demonstrada pela pesquisa Educar Para Crescer, realizada pelo Ibope: 72% das famílias brasileiras se dizem “satisfeitas” com a educação nacional, e dão uma média 7 (em uma escala de zero a 10) para as escolas públicas e privadas.

Exercício

Confira indícios da pouca importância que a educação tem no imaginário da população brasileira:

70% não sabem o que o prefeito está fazendo para melhorar a qualidade do ensino

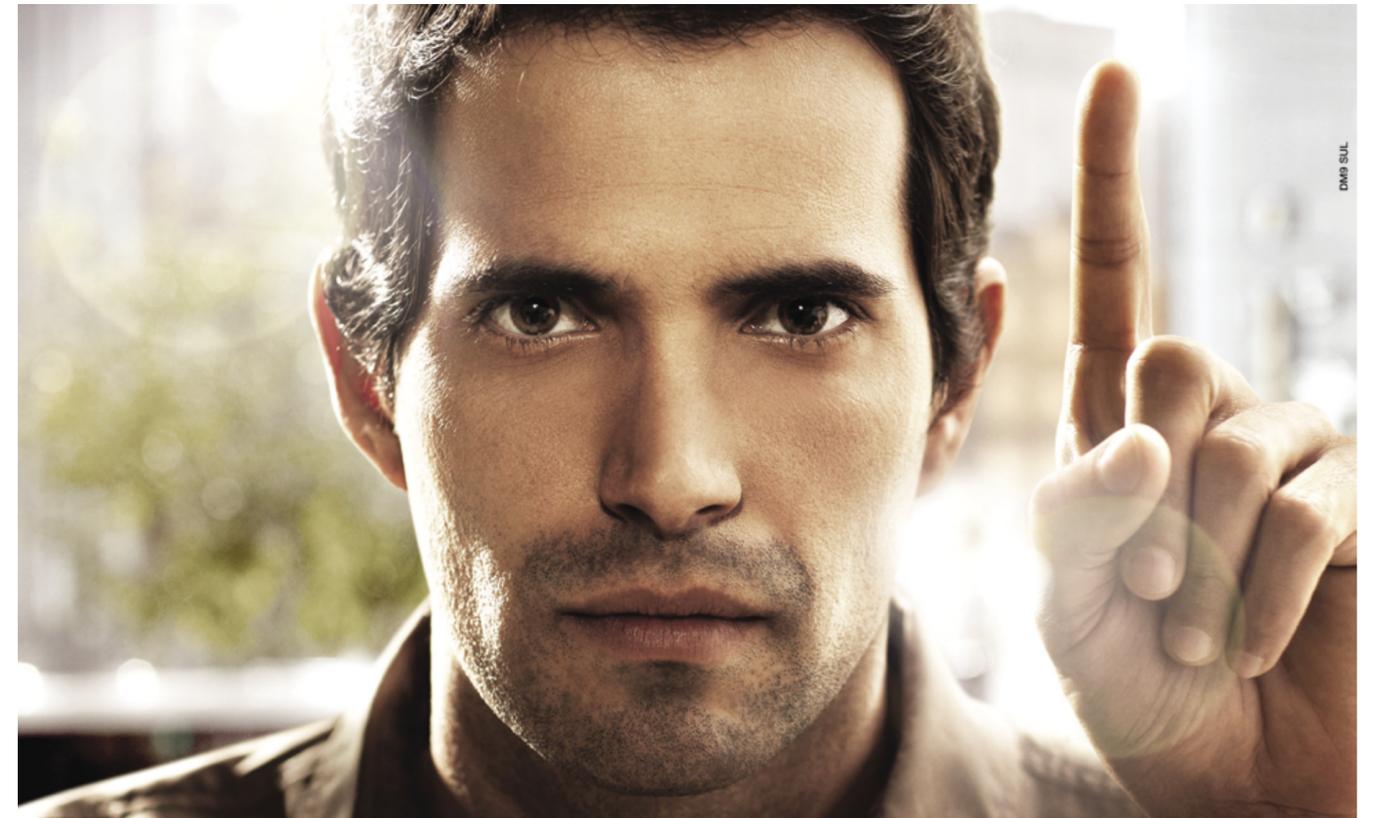
1% dos eleitores considera as propostas de educação determinantes na hora do voto

89% não veem a educação como principal problema do país

20% acreditam que a educação é também responsabilidade da população

7% acham que educação é responsabilidade dos pais

68% pensam que a responsabilidade é do governo



POR QUE, MESMO SENDO A 6ª ECONOMIA DO PLANETA, O BRASIL AINDA ESTÁ NO 88º LUGAR DO RANKING MUNDIAL DA EDUCAÇÃO?*

“A primeira explicação é histórica e cultural: a ideia de que a educação básica é um direito só foi de fato incorporada na nossa cultura muito recentemente. O segundo motivo é pedagógico: muitos projetos pedagógicos que as avaliações já mostraram serem ineficazes continuam em uso. E a debilidade da educação já afeta nossa posição econômica, por não conseguirmos produzir aqui o que se faz facilmente em outros lugares.”

“Essa distância entre economia e educação é injusta e explica, em grande medida, por que somos um dos países mais desiguais do mundo. Por exemplo, ainda hoje temos 3,8 milhões de crianças de quatro a 17 anos fora da escola. Em relação à aprendizagem, os dados são ainda mais preocupantes. O Brasil passa por um intenso e importante momento de crescimento. Entretanto, crescer economicamente sem que isso seja acompanhado pelo aumento da qualidade e da equidade na educação é um equívoco que, além de comprometer o desenvolvimento do país, limita as oportunidades dos brasileiros.”

“O que nos levou a essa contradição foi a falta de um projeto de nação que ultrapassasse os limites dos períodos governamentais e se concretizasse em políticas públicas eficientes. A educação foi tratada, ao longo dos anos, com ações pontuais, sem estratégias claras e objetivos bem definidos. Por outro lado, a economia trabalha com processos de gestão, busca resultados e define metas previamente. Quando o país cuidar da educação da mesma forma que cuida da economia, o fracasso escolar, que atinge milhões de alunos, fará parte de uma história superada. Mas, para isso, é urgente rever a forma de trabalhar a educação brasileira.”

José Francisco Soares,
professor da
Faculdade de Educação
da Universidade Federal
de Minas Gerais.

Priscila Fonseca da Cruz,
diretora executiva do
Todos pela Educação.

Viviane Senna,
empresária brasileira,
presidente do Instituto
Ayrton Senna e
conselheira do Todos
pela Educação.

**Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil.
Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em:
www.precisamosderespostas.com.br**

@Crupe_RBS /CrupeRBS @nossaeducacao

Grupo **RBS**



A 2ª PERGUNTA

Por que 34,5% dos alunos do Ensino Médio não estão na série correspondente à sua idade?



TADEU VILANI

De onde vem o número

O atual modelo educacional brasileiro prevê ensino obrigatório a partir dos seis anos de idade, com a matrícula no primeiro ano do Ensino Fundamental de nove anos. Isso significa que, aos 15 anos, o estudante deve entrar no Ensino Médio. Dados do Ministério da Educação compilados pelo Movimento Todos Pela Educação no Anuário Brasileiro da Educação Básica 2012, porém, demonstram que 34,5% dos estudantes do Ensino Médio são mais velhos do

que deveriam em relação à série em que se encontram.

Uma das metas estabelecidas pela ONG prevê que, até 2022, 95% ou mais dos jovens brasileiros de 16 anos tenham completado o Ensino Fundamental, e 90% ou mais dos de 19 anos tenham completado o Médio. De acordo com números de 2009, devido a fatores como abandono ou início escolar tardio, apenas metade dos jovens de 19 anos concluíram o Ensino Médio no Brasil.

MARCELO GONZATTO

As deficiências registradas na educação brasileira, como baixa aprendizagem, alta reprovação e abandono escolar, começam a se acumular nas primeiras séries do nível Fundamental. Mas é ao final da Educação Básica, no Ensino Médio, que a onda de falhas pedagógicas, estruturais e de gestão rebenta com maior força.

Um dos principais indicadores da maré negativa enfrentada por esse ciclo escolar é a gigantesca defasagem entre a idade dos alunos e o nível que estão cursando. Pouco mais de um terço dos estudantes matriculados nos colégios brasileiros, nessa fase, estão fora do cronograma previsto devido a razões que começam pela repetência – amplificada pela inadequação do atual currículo e pela falta de apoio adequado aos secundaristas em dificuldade.

Alunos mais velhos do que o recomendado para a seriação em que se encontram têm maior risco de desistir dos estudos e registrar desempenho inferior aos demais, além de indicar desperdício de recursos públicos. Conforme um estudo da Organização para o Desenvolvimento e Cooperação Econômica (OCDE), o país desperdiça até R\$ 14 bilhões por ano com a alta taxa de repetência – cerca de 13% da verba disponível para a Educação Básica.

– O Ensino Médio vem se tornando um gargalo para a expansão da Educação Superior no Brasil. Os dados mostram que no ano 2000 tivemos um número de concluintes que se manteve praticamente o mesmo 10 anos depois – alerta o sociólogo Bruno Morche, pesquisador do Grupo de Estudos sobre Universidade da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisador visitante no Institute of Education da Universidade de Londres. Conheça, nesta reportagem, algumas das razões para explicar a distorção idade-série no Ensino Médio do país.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

1 FORMAÇÃO DEFICIENTE NA PRÉ-ESCOLA

Uma das razões para o alto índice de defasagem verificado no Ensino Médio tem origem uma década antes. Uma das avaliações de especialistas é de que a falta da pré-escola dificulta a aprendizagem nos anos seguintes – principalmente no caso de crianças sem acesso a materiais como livros em casa. Um estudo divulgado no mês passado pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (Unicef) revela que 1,4 milhão de crianças de quatro ou cinco anos estão fora das salas de aula no Brasil.

– A escola tem uma cultura própria que começa a ser aprendida na pré-escola, como copiar do quadro, ficar mais tempo sentado, fazer exercícios. Também envolve manejar livros, relacionar a letra com o som. Muitas crianças que não passam pela Educação Infantil têm dificuldade em fazer essa adaptação, o que atrapalha a aprendizagem nos primeiros anos do Fundamental – afirma a professora da Faculdade de Educação da UFRGS e especialista em Educação Infantil Maria Carmen Silveira Barbosa.

Se essa dificuldade resulta em reprovação, compromete o fluxo escolar do estudante. Esse é um problema que afeta especialmente o Rio Grande do Sul – enquanto o país registra 80,1% de crianças de quatro ou cinco anos matriculadas na pré-escola, o Estado fica com a segunda pior cobertura nacional, atrás apenas de Rondônia, com 58,6%.

Exercício

A) Confira o percentual de crianças com quatro ou cinco anos atendidas pela pré-escola, cuja média nacional fica em 80,1%:

MELHORES MÉDIAS	
1. Ceará	92,2%
2. Rio Grande do Norte	90,1%
3. Piauí	89,3%
4. Maranhão	88,2%
5. Sergipe	87,5%

PIORES MÉDIAS	
1. Rondônia	57,1%
2. Rio Grande do Sul	58,6%
3. Acre	64,1%
4. Amapá	66,7%
5. Goiás	67%

B) Veja a média de percentual do PIB aplicado em Educação Infantil no Brasil e na média de outros países:

Brasil	0,4%
Média da OCDE	0,55%

Tema de casa

O país assumiu o compromisso de universalizar a matrícula na pré-escola, para crianças de quatro e cinco anos, até o ano 2016. Hoje, isso significaria incluir nada menos do que 1,4 milhão de meninos e meninas na rede de ensino. O desafio é aumentar a oferta de vagas na rede pública com qualidade.

2 GARGALO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Se o estudante conseguir superar os primeiros obstáculos encontrados nas séries iniciais do Ensino Fundamental – já que apenas um terço chega ao quinto ano do Fundamental com o aprendizado considerado adequado – vai encontrar outro gargalo no caminho rumo ao Ensino Médio.

No sexto ano, quando o aluno deixa de ter uma única professora e passa a ter diversos educadores que lecionam disciplinas específicas, há uma explo-

sação na repetência e no abandono. Se o aluno reprovado seguir na escola, e se o aluno desistente retornar à sala de aula, chegarão ao Ensino Médio com pelo menos um ano de atraso.

Os dados compilados pelo Ministério da Educação são alarmantes: nessa série, o índice de repetência praticamente dobra no país. O Rio Grande do Sul segue a mesma tendência. As taxas de abandono também se multiplicam, saltando de 1,6% para 4,2%, e sugerem

que a perspectiva de perder o ano acaba afastando estudantes da escola.

– Até o quinto ano, quando tem uma professora como referência, o currículo trabalha o lúdico, a criança gosta de ir para a escola. Depois disso, começa a confusão, vários professores com estilos diferentes, que não conversam entre si. Muitos alunos não conseguem acompanhar – afirma a professora da Faculdade de Educação da PUCRS Helena Sporleder Côrtes.

Exercício

Compare a taxa de reprovação no 6º ano do Ensino Fundamental com as séries anteriores:



Tema de casa

O país precisa eliminar o gargalo em que o sexto ano se transformou para o fluxo escolar – que vai repercutir mais tarde no Ensino Médio. Isso pode ser feito por meio da requalificação dos professores que trabalham nessa faixa, oferta de melhores condições de trabalho para eles e serviços de apoio aos estudantes em dificuldade.

3 CURRÍCULO ANACRÔNICO

O excessivo número de estudantes reprovados no país ajuda a revelar outro problema crucial da educação brasileira, e que também permite explicar a alta distorção entre idade e série: a falta de interesse dos jovens no currículo atual do Ensino Médio. Essa falta de sintonia se revela de diversas maneiras: repetência, abandono escolar e até a decisão de não cursar essa modalidade.

Uma das críticas mais comuns ao atual formato desse ciclo é o excessivo

número de disciplinas, apresentadas geralmente de forma isolada umas das outras e com pouca vinculação com o mundo real dos estudantes. Em algumas escolas, a quantidade de matérias pode chegar a 16, por exemplo.

– O Ensino Médio acaba sendo desmotivante para um aluno que precisa muitas vezes trabalhar para aumentar sua renda e não vê utilidade nas matérias científicas e preparatórias para o exame vestibular. Neste sentido, se um estudante que já foi reprovado

uma vez no Ensino Fundamental é reprovado no início de um Ensino Médio desmotivante e pouco articulado às suas necessidades, ele tende a abandonar e fazer um EJA dois anos mais tarde apenas para obter o diploma de conclusão. O atraso série-idade constitui-se, assim, em causa e também consequência das deficiências do sistema educacional – avalia o sociólogo Bruno Morche, pesquisador do Grupo de Estudos sobre Universidade da UFRGS.

Exercício

Veja o percentual de alunos que abandonam a escola no Ensino Fundamental e ao longo do Ensino Médio, no país e no Estado:

	FUNDAMENTAL	TOTAL DO MÉDIO	1º ANO	2º ANO	3º ANO
Brasil	2,8%	9,5%	11,8%	8,8%	7%
RS	1,4%	10,1%	13,2%	8,9%	5,7%

Tema de casa

É necessário reformular o currículo para aproximá-lo da realidade. O MEC planeja a redivisão das disciplinas em quatro áreas: matemática, linguagens,

ciências humanas e da natureza. O Rio Grande do Sul está implementado uma reforma para aproximar o Ensino Médio do mundo do trabalho.

4

REPROVAÇÃO NO BRASIL

Embora concentrada no 6º ano do Fundamental e na 1ª série do Ensino Médio, a repetência é um problema abrangente da educação brasileira. Enquanto países de destaque nos rankings mundiais da educação, como a Coreia do Sul, aliam ensino de qualidade à decisão de eliminar a repetência, e outros registram índices muito baixos de reprovação, no Brasil 40% dos estudantes com 15 anos já rodaram pelo menos uma vez.

No Ensino Médio, onde a situação é ainda mais grave do que no Fundamental, em todo o país 13,1% dos estudantes precisam repetir o ano – na 1ª série, porém, esse índice chega a 18%. O Rio Grande do Sul é o recordista nacional de reprovações no Médio, onde um em cada cinco estudantes não consegue passar para a série seguinte. As razões para isso incluem excesso de rigor na avaliação, currículo sem interesse para o aluno, falta de apoio complementar aos estudantes, falhas na formação do magistério, entre outras hipóteses cogitadas pelos especialistas.

– A necessidade de trabalhar, principalmente na zona rural, também contribui para elevar os índices de repetência e de abandono – avalia Helena Spolleder Córtes.

Exercício

A) Analise o percentual de estudantes entre 65 países que afirmam ter reprovado pelo menos uma vez até os 15 anos – idade de entrada no Ensino Médio em diferentes países:

Maiores índices de repetência

1. Macau (China)	43,7%
2. Tunísia	43,2%
3. Brasil	40,1%
4. Uruguai	38%
5. França	36,9%
6. Luxemburgo	36,5%
7. Espanha	35,3%
8. Portugal	35%
9. Bélgica	34,9%
10. Colômbia	33,9%

Menores índices de repetência

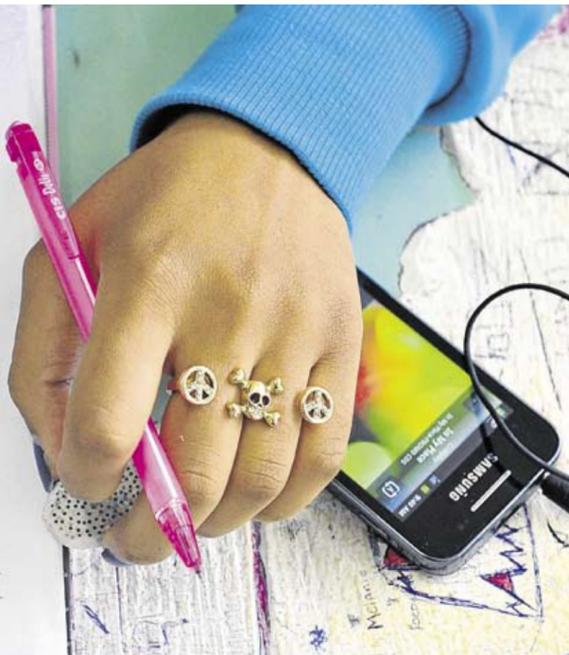
1. Coreia do Sul	0%
2. Japão	0%
3. Noruega	0%
4. Islândia	0,9%
5. Eslovênia	1,5%
6. Taipei (China)	1,7%
7. Azerbaijão	1,7%
8. Casaquistão	1,7%
9. Montenegro	1,8%
10. Sérvia	2%

B) Compare a taxa de reprovação no Ensino Médio entre os Estados brasileiros:

1. RS	20,7%
2. RJ	18,5%
3. DF	18,5%
4. ES	18,4%
5. MT	18,2%
6. MS	17,1%
7. BA	14,9%
8. AP	13,9%
9. SP	13,9%
10. SE	13,7%
11. RO	13,3%
12. RR	13,2%
13. GO	12,9%
14. MG	12,6%
15. PR	12,6%
16. PA	12,4%
17. AL	10,9%
18. TO	10,4%
19. PE	10%
20. PI	9,7%
21. MA	9,1%
22. AC	8,5%
23. RN	8%
24. PB	7,7%
25. SC	7,5%
26. CE	6,7%
27. AM	6%

Tema de casa

O país precisa reduzir drasticamente os atuais índices de repetência – que desperdiçam recursos, comprometem a aprendizagem e aumentam o risco de abandono escolar. A melhor maneira de fazer isso é melhorando a qualidade do ensino e detectando precocemente as dificuldades dos estudantes, em vez de aprovar automaticamente.



5

FALTA DE ESTRATÉGIA

Um dos mecanismos mais utilizados por países com bons índices de aprovação e baixa defasagem escolar é o monitoramento do desempenho dos estudantes e a intervenção ao primeiro sinal de problema por meio de reforço pedagógico. Com frequência, crianças e adolescentes com dificuldade são encaminhados para aulas de reforço no turno inverso, por exemplo. Em países no topo do Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), esse tipo de ação é uma das principais estratégias de ensino. No Brasil, iniciativas semelhantes costumam depender de iniciativas particulares e esporádicas de escolas. O resultado é um pior desempenho e elevação das taxas de repetência e distorção idade-série.

– Não temos condições de infraestrutura ou de recursos humanos para prover esse reforço. O ideal seria termos professores capacitados para esse tipo de serviço, disponíveis no turno inverso – avalia Helena Córtes.

A especialista afirma que muitos estudantes de Pedagogia que estagiam em escolas públicas por meio do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) são solicitados a fazer esse tipo de trabalho de maneira improvisada.

– É um indicio da carência que as escolas sentem nessa área – afirma a educadora.

Exercício

Compare a taxa de alunos participantes do Pisa, em uma amostra de países, que estudam no turno inverso para remediar deficiências em leitura, matemática ou ciências:

Argentina	33%
Brasil	19,7%
Canadá	11,8%
Chile	28,4%
Coreia do Sul	69,3%
Japão	42%
México	32,7%
Portugal	26,8%
Reino Unido	47,8%
Média da OCDE	26,1%

Tema de casa

O Brasil precisa aprimorar o sistema de atenção e apoio aos estudantes ao primeiro sinal de dificuldade para aprender qualquer conteúdo – por meio de aulas de reforço, contato com as famílias e elaboração de estratégias individuais. Isso exige professores bem preparados e com tempo para planejamento.



POR QUE 34,5% DOS ALUNOS DO ENSINO MÉDIO NÃO ESTÃO NA SÉRIE CORRESPONDENTE À SUA IDADE?*

“São diversos os fatores, com destaque para: a) fragilidade dos processos de ensino adotados na fase inicial da formação escolar dos alunos (Ensino Fundamental) e formas inadequadas de avaliação, levando-os à reprovação ou à desistência escolar; b) currículos, conteúdos e processos de ensino desprovidos da participação dos alunos e dissociados da realidade em que eles se encontram; c) conflito entre a estrutura socioeconômica e as perspectivas vividas pelos alunos em relação às demandas de estudos nesse nível de ensino.”

“Existe ainda no Brasil o que Sérgio Costa Ribeiro chamou de ‘pedagogia da repetência’, uma prática de reter os alunos que não têm bom aproveitamento, em vez de apoiá-los para que eles aprendam mais. Com isso, os alunos ficam na escola por mais tempo do que deveriam, muitos acabam abandonando os estudos, e a maioria não aprende o que deveria.”

“Esse resultado é reflexo da baixa qualidade do sistema educacional brasileiro, que não vem atendendo às metas estabelecidas pelo governo federal e pelo movimento Todos pela Educação. Aos 8 anos, toda criança deve saber ler, escrever e entender o que está lendo. Com isso, poderemos combater o analfabetismo funcional e também reduzir a distorção idade-série. Melhorar a qualidade da educação no Brasil, com propostas pedagógicas mais estruturadas e eficientes, com envolvimento das famílias e da comunidade e com professores mais capacitados e motivados, precisa ser uma prioridade de todos.”

Antônio Elizio Pazeto, professor titular da UDESC, doutor em Educação pela UFRJ e ex-diretor de Educação Básica da Secretaria de Estado da Educação de Santa Catarina.

Simon Schwartzman, presidente do Conselho de Administração do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Jorge Gerdau Johannpeter, presidente do Conselho de Administração da Gerdau.

Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil. Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em:
www.precisamosderespostas.com.br

@nossaeducacao /CrupeRBS @Crupe_RBS

Grupo **RBS**



A 3ª PERGUNTA

Por que é importante os pais participarem da vida escolar dos seus filhos?

ITAMAR MELO

A qualidade da escola brasileira começa dentro de casa. Quando os pais estimulam o aprendizado e participam da vida escolar, as crianças se alfabetizam com facilidade, obtêm notas melhores, permanecem por mais tempo no sistema de ensino e alcançam renda superior na idade adulta.

Mas no Brasil essa participação ainda precisa evoluir. Uma pesquisa do Ibope aponta que apenas 7% da população do país acredita que a educação é também uma responsabilidade dos pais. Em uma decisão prejudicial às crianças que amam, milhões de pais brasileiros preferem terceirizar a educação e colocar toda a responsabilidade sobre os ombros da escola. Os especialistas alertam que isso precisa mudar.

– Existe um provérbio africano segundo o qual é preciso toda uma aldeia para educar uma criança. Daí a importância de trazer os pais para o ambiente escolar – afirma Mozart Neves Ramos, conselheiro do movimento Todos pela Educação.

Tema da terceira pergunta da campanha do Grupo RBS e da Fundação Maurício Sirotsky Sobrinho, A Educação Precisa de Respostas, o papel da família na vida escolar é esmiuçado nas próximas três páginas, com orientações sobre como pais e mães devem agir em diferentes momentos e situações. Esta cartilha foi baseada em grande parte em materiais do projeto Educar para Crescer (educarparacrescer.com.br), que tem entre suas bandeiras a aproximação dos pais do processo de educação.

– Quando a família se envolve, o aproveitamento escolar é maior. Essa participação pode acontecer incentivando a leitura e a escrita, acompanhando a lição de casa, indo às reuniões de pais, tendo interesse pela rotina. Atitudes positivas valorizam o esforço diário da criança – afirma o coordenador do Educar para Crescer, Kadu Palhano.

itamar.melo@zerohora.com.br

1 ESCOLINHA JÁ É ESCOLA

Os estudos mostram que o acesso à Educação Infantil tem importantes consequências para a vida adulta, como mais renda, menos gravidez precoce e menor envolvimento em crimes.

Hoje se sabe que a escola infantil não é apenas um lugar onde se deixa os filhos enquanto se vai para o trabalho, mas, sim, um espaço educador decisivo – com o qual o pai deve estar muito envolvido para que a criança tire o máximo proveito dele. A participação da família nessa fase tem características próprias, que diferem daquelas exigidas pelo Ensino Fundamental.

FACILITE A ADAPTAÇÃO DA CRIANÇA

- ▼ Mostre entusiasmo e segurança ao deixar seu filho na escola. Ressalte que ele irá encontrar outras crianças com as quais poderá brincar.
- ▼ Explique, com tranquilidade, que ele irá passar o dia na escola e diga quem irá buscá-lo no fim do período.
- ▼ Controle a ansiedade. É natural sentir angústia. Não diga que sentirá saudades, nem chore na porta da escola. Esforce-se para transmitir segurança a seu filho. Não saia escondido ou sem se despedir, nem minta dizendo que você volta logo.

ESTIMULE O APRENDIZADO

- ▼ Entenda como a escola estimula seu filho e o que esperar em cada fase de seu desenvolvimento. Acompanhe cada etapa de perto.
- ▼ Reconheça e valorize cada conquista de autonomia de seu filho. Nunca o reprimam ou castiguem em caso de falha ou regressão.

Exercício

- ▼ Estudo feito pelas pesquisadoras Fabiana de Felício e Lígia Vasconcellos descobriu que crianças com vida escolar anterior ao Ensino Fundamental obtiveram desempenho significativamente melhor em matemática no Saeb 2003.

- ▼ Ir à escolinha tem efeito de longo prazo. Estudo dos pesquisadores Andréa Zaitune Curí e Naercio Menezes Filho conclui: ir à escola entre zero e três anos de idade tem impacto positivo e significante na conclusão do colegial e da universidade. Pessoas que iniciaram os estudos entre quatro e seis anos ganham salário mais elevado.

Tema de casa

Se o Brasil deseja que seus filhos cheguem à universidade, deve investir em Educação Infantil. Segundo pesquisa de Naercio Menezes Filho, coordenador do Centro de Políticas Públicas do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper), crianças com pré-escola têm melhor rendimento nos estudos, escolarização maior e mais chance de frequentar um curso superior.

– A família é o fator mais importante para o sucesso, porque é ela que está com a criança nos primeiros anos. A escola não consegue reverter o que veio de casa – observa.

- ▼ Decida com a escola o melhor momento para a retirada das fraldas, para a troca da mamadeira por copo e o uso de talheres. Se perceber que seu filho está preparado, avise a coordenação. Caso contrário, peça mais tempo.
- ▼ Respeite o ritmo de seu filho. Não o compare com irmãos ou amigos.

SEJA PARCEIRO DA ESCOLA

- ▼ Esteja presente e participe das reuniões de pais.
- ▼ Vá às atividades extracurriculares, como palestras.
- ▼ Valorize e respeite a escola, os professores e os funcionários.

EDUQUE DENTRO DE CASA

- ▼ Crie uma rotina também em casa. Mantenha um horário regular para seu filho se alimentar, tomar banho e ir para a cama.
- ▼ Preserve as conquistas de autonomia. Não coloque fraldas ou ofereça mamadeira e chupeta se ele já não usa mais esses recursos na escola.
- ▼ Fale normalmente com seu filho, sem diminutivos ou infantilizações.
- ▼ Leia histórias, capriche na interpretação.

ACOMPANHE O DIA A DIA

- ▼ Leia a agenda de seu filho diariamente.
- ▼ Converse sobre o dia dele, sem enchê-lo de perguntas. Deixe que ele conte o que quiser e siga com a conversa a partir das situações reveladas.
- ▼ Conte as suas experiências escolares e vivências diárias de maneira que elas façam sentido para o universo dele.

2 SEJA UM PAI ALFABETIZADOR

Ensinar a ler e escrever não é só tarefa da escola. A facilidade ou dificuldade que uma criança tem para se alfabetizar está intimamente relacionada ao exemplo dos pais e ao ambiente familiar.

CRIE UM AMBIENTE ALFABETIZADOR

- ▼ Sua casa também ensina a ler e escrever. Isso acontece quando você a transforma em um ambiente alfabetizador, onde o material escrito tem espaço e função. Isso familiariza a criança com as letras e a estimula a valorizá-las.
- ▼ Espalhe livros, revistas e jornais pela casa. Compre almanaques que tenham caça-palavras e palavras cruzadas.
- ▼ Coloque um quadro de recados em casa e anote mensagens nele.
- ▼ Mantenha lápis e papel pela casa e também um computador.
- ▼ Peça ajuda à criança para fazer a lista do supermercado e para escrever a amigos e parentes.
- ▼ Monte uma biblioteca em casa.

DÊ O EXEMPLO

- ▼ A premissa básica de uma família alfabetizadora é dar o exemplo. Não faz sentido um pai esperar que seu filho tenha interesse pela leitura se ele mesmo não tiver.
- ▼ Sempre que ler algo interessante em um livro ou uma revista, compartilhe com seu filho e convide-o a ler junto.
- ▼ Comente com seu filho sobre o livro que você está lendo.

CRIE ATIVIDADES ALFABETIZADORAS

- ▼ Quando escrever cartas, e-mails e bilhetes, peça para ele ajudar.
- ▼ Procure mostrar ao seu filho exemplos de como a leitura e a escrita são importantes para a vida.
- ▼ Estimule seu filho a ler tudo o que for escrito: rótulos, embalagens, cartazes, outdoors, letreiros etc.
- ▼ Fiquem sócios de bibliotecas próximas de sua casa.

OFEREÇA LIVROS E HISTÓRIAS

- ▼ Dê livros ou revistas simples para que ele comece a ver e a ler sozinho (no começo, prefira os de letra de forma).
- ▼ Deixe os livros à mão para ele folhear e inventar histórias quando quiser.

- ▼ Leia para ele desde bebê, com entonação e emoção. Leia mais de uma vez o mesmo livro. Isso é importante para a criança começar a recontar aquela história depois, no papel de leitora, passando as páginas do livro corretamente.
- ▼ Faça da leitura um momento de prazer – com suco e pipoca, por exemplo.

ESTIMULE A ESCRITA

- ▼ Faça os convites de aniversário com ele desde o primeiro ano, mostrando onde colocar o nome dele, o nome do convidado, o local, a hora, a data.
- ▼ Escreva cartões de presentes ou de agradecimento com seu filho.

Tema de casa

O hábito da leitura foi estimulado por meio do exemplo na casa de Patrícia Lamachia, 35 anos, e do seu marido, Rafael Madke, 37 anos. Muito antes de ingressarem na escola, as filhas Luiza, sete anos, e Maitê, seis anos, já tinham contato com os livros, tanto por ver os pais lendo quanto pelas histórias lidas para elas antes de dormir.

– Quando elas eram menores, ao nos ver lendo o jornal, costumavam pegar os livros infantis e sentar ao nosso lado para fazer de conta que estavam lendo também. Esse tipo de hábito e o estímulo da escola permitem que a Maitê, antes mesmo de entrar no 1º ano, já esteja alfabetizada parcialmente – conta Patrícia.

Exercício

- ▼ Um estudo feito pela Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico, mostrou que ler para o filho na infância tem como consequência um melhor desempenho em leitura na escola. Em 12 dos 13 países pesquisados, a performance de adolescentes de 15 anos foi mais alta entre os que tinham pais que leram para eles nos primeiros anos de escola.

3 O DESAFIO DO 6º ANO

Há um mês, no lançamento da campanha A Educação Precisa de Respostas, o ministro Aloizio Mercadante afirmou em Porto Alegre que uma das suas maiores preocupações é o 6º ano do Ensino Fundamental. Trata-se de um momento dramático na vida dos estudantes brasileiros. É quando eles passam a ter um professor por disciplina e a estudar uma série de matérias novas.

Tudo muda de uma hora para outra, e o resultado é o aumento das taxas de reprovação. Nessa fase, com a conquista de autonomia por parte do adolescente, os pais em geral já se afastaram da rotina escolar. Isso é um erro. Esse é um dos momentos em que eles precisam estar mais presentes e atuantes, para garantir que seus filhos não fiquem para trás.

AUTONOMIA NÃO SIGNIFICA ABANDONO

- ▼ Lembre-se de que acompanhar a vida escolar do filho, mesmo quando ele já é bastante autônomo, não significa pagar mico.
- ▼ Pergunte, com real interesse e disposição para ouvir, como foram as aulas, o que foi ensinado e o que ele achou de mais interessante.
- ▼ Olhe os cadernos e os livros. Verifique se há anotações e se os exercícios propostos estão completos e corrigidos.

SEJA PRESENTE NA ESCOLA

- ▼ Participe das reuniões e solicite oportunidades para conversar com os coordenadores.
- ▼ Tente conhecer todos os professores.
- ▼ Esteja presente em festas e apresentações.
- ▼ Confie na escola ou troque seu filho de colégio.
- ▼ Caso seu filho esteja com dificuldades, pergunte ao professor como você pode ajudar.

DÊ APOIO NOS NOVOS DESAFIOS

- ▼ O 6º ano representa um momento de desafios e novidades: um professor por disciplina, novas matérias, conteúdos mais complexos e aprofundados, organização do estudo mais independente, com menor supervisão do professor. Além disso, coincide com a entrada na adolescência.
- ▼ Se seu filho está mudando de escola, visite com ele o novo local no começo das aulas. Promova uma adaptação gradual à nova rotina. Se ele tiver de ir sozinho à escola, vá junto nos primeiros dias.
- ▼ Ensine seu filho a separar o material para as aulas e a deixar a mochila pronta com antecedência.
- ▼ Converse sobre o que ele achou dos novos professores e mostre que é possível lidar com os diferentes perfis, do mesmo jeito como ele lida com amigos distintos.
- ▼ Ajude-o, especialmente no começo, na organização do tempo dedicado às tarefas e trabalhos.

Exercício

No Ensino Fundamental, o 6º ano apresenta as maiores taxas de reprovação e de abandono (em %):

	Reprovação	Abandono
1º ano	2,6	1,6
2º ano	9,2	1,9
3º ano	12,1	1,7
4º ano	8,2	1,8
5º ano	8,2	2
6º ano	15,2	5,1
7º ano	13,1	4,5
8º ano	10,8	4,5
9º ano	10,4	4,6

Tema de casa

Para Kadu Palhano, coordenador do Educar para Crescer, a atitude mais importante que os pais devem ter diante dos desafios do 6º ano é informar as crianças e prepará-las para o novo ciclo:

– O ideal é que esse rito de passagem seja promovido no último ano do Ensino Fundamental. A criança e seus pais devem saber antecipadamente quais serão as diferenças na rotina escolar. Desde o novo espaço físico até a nova divisão de aulas, desde a maior autonomia até o sistema de avaliação. Quanto maior for a informação, melhor será a adaptação do aluno.

4**LIÇÃO DE CASA TAMBÉM É ASSUNTO SEU**

Por mais difícil que seja encarar a tarefa depois de um dia de trabalho, todo pai tem a obrigação de dedicar tempo e oferecer apoio à lição de casa do filho. Essa atenção pode ser decisiva para um bom rendimento escolar. Pesquisas mostram que as crianças que fazem o tema aprendem mais, têm notas melhores e se tornam mais seguras.

ANTES DO TEMA ENTENDA SEU FILHO

Uma grande ajuda na hora da lição de casa é saber o que motiva e o que desanima seu filho. Ele gosta que você fique por perto ou prefere privacidade?

DEFINA REGRAS

Converse com seu filho e estabeleçam como será a rotina para a lição, onde será feita e em qual horário.

ORGANIZE O LUGAR

Escolham juntos o local onde a lição será feita. Garanta que o espaço esteja arrumado e limpo.

ACABE COM A DISTRAÇÃO

Desligue a televisão e o rádio e tente eliminar ou diminuir outros sons que atrapalhem a concentração.

FIQUE DE OLHO NA DISPOSIÇÃO

Na hora da lição, seu filho precisa estar bem disposto. Não pode estar cansado, com fome, irritado, distraído.

DURANTE O TEMA RESPEITE O MOMENTO

Todos em casa devem saber que a lição está sendo feita e contribuir, evitando interrupções e barulhos desnecessários.

AUXILIE EM CASO DE DÚVIDAS

Se seu filho tiver uma dúvida, ajude-o. Mas não responda por ele. Sugira que ele procure exemplos parecidos.

OCUPE-SE COM COISAS PARECIDAS

Enquanto ele faz contas, que tal dar uma olhada no orçamento? Se ele vai produzir um texto, aproveite para fazer alguma anotação.

INCENTIVE-O A REVER A LIÇÃO

Olhar a lição de novo depois de terminada é uma boa prática. Se ele pedir para você rever com ele, valorize o esforço e não aponte diretamente os erros. Caso encontre coisas incorretas e perceba que ele tem condição de localizar o erro, estimule-o. Elogie se ele encontrar o problema e jamais brigue se isso não ocorrer.

DEPOIS DO TEMA VEJA SE A LIÇÃO FOI CORRIGIDA

A falta de correção da lição pode desestimular. O aluno pode entender que de nada valeu tanto esforço. Caso isso se repita, é interessante conversar com o professor ou com o coordenador.

ELOGIE OS ACERTOS

Seu filho acertou todos os exercícios da lição passada? Ele merece que você lhe dê parabéns. Mas se errou muitos, nada de briga. Pergunte se, com a correção do professor, ele entendeu por que errou. Se a resposta for negativa, estimule-o a tirar dúvidas. Caso a dificuldade seja frequente, o melhor é ir até a escola para identificar onde está o problema.

Exercício

- ▼ **15%** é quanto as notas aumentam quando os pais ajudam na lição de casa, reservam um lugar para os estudos e participam da vida escolar dos filhos
- ▼ **64%** é a redução no risco de evasão quando os pais são participativos

Fonte: Centro de Políticas Públicas do Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper) e Centro de Políticas Sociais da FGV

Tema de casa

Cristiane Duarte Borges, 33 anos, quando criança, recebeu da mãe boa parte de ensinamentos e responsabilidades. Hoje, repassa as lições para os filhos Lucas, 10 anos, e Maria Isabel, sete anos:

– Eles começam a fazer os temas e ajuda, pergunto se estão entendendo. O pai também ajuda. O rendimento deles e a nossa participação foram até elogiados no último conselho de classe.

5**SEJA UM PAI EDUCADOR**

Uma das melhores maneiras de colaborar com o trabalho escolar é dar-se conta de que educação não é só na escola.

DÊ O EXEMPLO

Se você quer que seu filho seja gentil, responsável e carinhoso, deve dar o exemplo.

NÃO NEGOCIE O INEGOCIÁVEL

As crianças tendem a pedir tudo o que veem. Aprender a dizer não e limitar os mimos dará a seu filho a noção de que as coisas não caem do céu.

SEJA FIRME E COERENTE

É muito abstrato dizer para a criança se comportar. Diga quais comportamentos são esperados e quais são reprovados.

DÊ TAREFAS DOMÉSTICAS

A partir do momento em que seu filho aprende a caminhar, pode assumir algumas pequenas tarefas, como guardar os brinquedos. Com o tempo, podem colaborar de outras formas, como arrumar a mesa das refeições. Isso deixa a criança feliz, porque ela se sente participante.

Fonte: Tania Marques, professora da Faculdade de Educação da UFRGS

Exercício

- ▼ Conforme a pesquisa Educar para Crescer, realizada pelo Ibope, apenas **7%** dos brasileiros acham que educação é responsabilidade dos pais.
- ▼ Uma pesquisa feita pelo movimento Todos pela Educação, a partir do questionário Prova Brasil 2009, mostra que os professores brasileiros entendem que a principal causa dos problemas de aprendizado é a falta de envolvimento dos pais.

Tema de casa

“No passado, a mãe era uma educadora complementar, que olhava a lição de casa e acompanhava o desempenho do filho. Hoje, pai e mãe trabalham, e toda a responsabilidade é transferida à escola. Essa ausência dos pais gera na criança uma falta de limites que vai bater na sala de aula. É preciso chamar os pais a assumir uma responsabilidade que é deles. Um bom diretor é capaz de mobilizar as famílias.” – **Mozart Neves Ramos, conselheiro do Todos pela Educação**

**POR QUE É IMPORTANTE OS PAIS PARTICIPAREM DA VIDA ESCOLAR DOS SEUS FILHOS?**

“Se os pais considerarem a educação fundamental para o filho, por exemplo, somente dispensando-o de ir à escola em casos limites, esse será um valor que o filho levará por toda a vida. Se fizerem concessão por qualquer motivo ou tirarem o filho da escola para trabalhar, dificilmente uma força social extrafamiliar poderá reverter esse processo. Se os pais acompanharem diariamente as tarefas escolares, o filho perceberá o processo educativo como um valor.”

“A cada dia, a relação família-escola se torna mais distante e tensa. Na busca das causas para a repetência, a evasão escolar e, principalmente, a escalada da violência, percebe-se que é cada vez mais frequente a culpabilização de uma pela outra, sobretudo por parte da escola, que acusa as famílias e os próprios estudantes por grande parte dos problemas. Somente prestando contas de suas atividades e mudando as relações com as famílias é que a escola pode estar mais integrada às comunidades. Deve ser esta a escola do século XXI.”

“As pesquisas mostram que o pai brasileiro culpa o filho por seu não aprendizado ou repetência, e isso é uma cruel dupla punição a esse aluno – tem de aguentar uma má escola e ainda leva a culpa por seus problemas. O pai e a mãe precisam se informar. Quase todas as escolas têm um Ideb, uma nota de 0 a 10, conferida pelo MEC, com base no desempenho dos alunos em uma prova e em taxas de repetência. Se a escola tem um Ideb abaixo de 5, o problema é provavelmente da escola, não do filho.”

Fernando Becker, professor titular de Psicologia da Educação da UFRGS e doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP.

Miriam Abramovay, socióloga e coordenadora da área de Juventude e Ciências Políticas da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais.

Gustavo Ioschpe, economista e especialista em Educação.

Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil. Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em: www.precisamosderespostas.com.br

@nossaeducacao /CrupeRBS @Crupe_RBS

Grupo **RBS**



A 4ª PERGUNTA

Por que apenas 2% dos estudantes querem seguir a carreira de professor?

MARCELO GONZATTO

O desafio da educação brasileira não se resume a estimular crianças e adolescentes a aprender. Exige, também, encontrar quem se disponha a ensiná-los. Nas últimas décadas, a perda de interesse dos jovens pela carreira de professor dificulta a seleção de educadores em quantidade e qualidade suficientes para garantir o salto de desempenho que se espera nas escolas. Ao cativar o interesse de apenas 2% dos estudantes do Ensino Médio, conforme demonstrado pela pesquisa A Atratividade da Carreira Docente no Brasil, o magistério brasileiro segue caminho inverso ao de países desenvolvidos.

Em lugares como Japão ou Finlândia, com ensino de excelência, bons salários e reconhecimento social atraem candidatos entre os melhores alunos. No país, baixos rendimentos, perda de status e desgaste contribuem para o envelhecimento da categoria e despertam temor em relação ao futuro da profissão.

Em apenas quatro anos, entre 2007 e 2011, as estatísticas da Educação Básica revelam que o percentual de docentes com menos de 24 anos caiu de 6% para 5,1% no Brasil, enquanto a proporção de mestres com mais de 50 subiu de 11,8% para 13,8%. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, o fenômeno se repete: os educadores mais jovens minguaram de 5% para 4,7%, e os mais velhos avançaram de 16,3% para 18,1%. No RS, enquanto em SC os mais jovens baixaram de 7,6% para 7,1% e os mais velhos subiram de 8,6% para 10,2%. Para a coordenadora do Mestrado Profissional em Gestão e Políticas Públicas da FGV, Regina Pacheco, as razões vão além dos baixos salários:

– Precisamos repensar o trabalho do professor e a carreira no setor público, que segue um modelo de cem anos atrás. Hoje, a concepção de vida é outra, os mais jovens querem ir atrás de oportunidades, enquanto o sistema prevê que fiquem 30 anos fazendo a mesma coisa.

Conforme a pesquisadora, além de dificultar a renovação da categoria, as más condições de trabalho estimulam distorções como excessos de faltas e licenças. Confira, a seguir, um resumo das condições que afugentam novos professores.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Fonte: Realizado pela Fundação Carlos Chagas sob encomenda da Fundação Victor Civita, o estudo A Atratividade da Carreira Docente no Brasil foi concluído em dezembro de 2009 e revelou que, dos 1.501 alunos do Ensino Médio entrevistados em todas as regiões brasileiras, apenas 2% manifestaram o interesse de cursar pedagogia ou alguma licenciatura – caminhos para a carreira de professor. Destes, praticamente oito em cada 10 são mulheres.

1 OFERTA DE BAIXOS SALÁRIOS

A baixa remuneração dos professores brasileiros é um dos temas mais recorrentes para explicar a pouca atratividade da carreira no país – e os números confirmam essa avaliação. Uma série de comparações revela que o salário dos educadores do Brasil está entre os mais baixos do mundo.

Conforme uma das análises mais recentes, realizada este mês pela Metas – Avaliação e Proposição de Políticas Sociais a pedido do UOL Educação, um educador da rede pública recebe o equivalente a US\$ 15,4 mil anuais nas séries finais do Ensino Fundamental. Comparando-se este valor com os de 37 países

que constam em um levantamento divulgado este ano pela Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), o Brasil fica acima somente da Indonésia (onde se paga US\$ 2,3 mil) e da Argentina.

– Quando os estudantes anteveem o que os espera, especialmente aqueles em carreiras cujo campo de conhecimento abre portas para outras atividades mais rentáveis, como biologia, química ou física, decidem que não serão professores – afirma a professora da pós-graduação em Educação da Unisinos Maria Isabel da Cunha, especializada na área de pedagogia universitária.

Exercício

Compare o salário médio de um professor de séries finais do Ensino Fundamental, com 15 anos de experiência, em alguns países:

Luxemburgo	US\$ 101,7 mil
Alemanha	US\$ 61,7 mil
Canadá	US\$ 54,9 mil
Espanha	US\$ 47,8 mil
Austrália	US\$ 47,4 mil
Média dos países da OCDE	US\$ 39,4 mil
Portugal	US\$ 37,5 mil
Itália	US\$ 35,5 mil
Chile	US\$ 23,4 mil
Brasil	US\$ 15,4 mil
Argentina	US\$ 14,8 mil
Indonésia	US\$ 2,3 mil

Tema de casa

Para melhorar a qualidade da educação, é preciso investir mais na formação dos professores, mas também na capacidade dos candidatos. Para atrair os melhores estudantes, é preciso oferecer melhor remuneração – a fim de disputar seu interesse com outras carreiras.

2 MÁS CONDIÇÕES DE TRABALHO

Não é só a remuneração insuficiente que espanta os jovens brasileiros da cadeira de professor da Educação Básica. A infraestrutura deficiente das escolas e o ambiente muitas vezes conturbado atemoriza os possíveis candidatos a mestre.

– Há até uma questão de falta de segurança. Escolas públicas sempre enfrentaram situação de pobreza, mas não havia insegurança como agora, ou a crise da autoridade do professor. É preciso ter muita preparação e compromisso para enfrentar essas situações – avalia a professora e pesquisadora Maria Isabel da Cunha.

A dificuldade para disciplinar os alunos é agravada pela impressão de que falta apoio adequado. Pesquisadora-coordenadora da Fundação Carlos Chagas e coordenadora da pesquisa A Atratividade da Carreira Docente no Brasil, Bernardete Gatti revela que a visão dos estudantes no Ensino Médio é de que os professores ficam “abandonados” nas escolas.

– Os jovens percebem que os professores não têm apoio pedagógico ou materiais didáticos adequados. A expressão que usam é que o professor fica “largado” na escola – comenta Bernardete.

Exercício

O Brasil tem uma das maiores taxas internacionais de indisciplina. Confira o percentual de casos em que alunos desrespeitam professores “em alguma medida” ou “muito”, conforme questionário aplicado pelo Pisa às direções escolares:

Turquia	70,8%
Cazaquistão	45,7%
Croácia	43,6%
Brasil	36,5%
Rússia	31,6%
Finlândia	32,8%
Portugal	24,3%
Japão	23,7%
Austrália	23,2%
EUA	21,2%
Canadá	18,1%
Alemanha	18,1%
Uruguai	15,5%
Chile	13,2%
Inglaterra	11,4%
Argentina	11,3%

Tema de casa

É necessário melhorar o ambiente de trabalho dos educadores nas escolas públicas – oferecendo instalações adequadas, material didático farto, orientação pedagógica e acompanhamento mais próximo a fim de oferecer apoio extra quando necessário.

COMPARE Algumas características da carreira de professor da rede pública no Brasil e em outros países



ARGENTINA

CONDIÇÕES DE TRABALHO

Salário anual inicial: **US\$ 11,2 MIL**
Salário após 15 anos: **US\$ 14,8 MIL**
Horas letivas por ano: **1.368**

INGRESSO

O Conselho Federal de Educação da Argentina estabelece que a titulação de professor para qualquer nível da carreira docente é emitida mediante a conclusão de cursos de formação em nível superior não inferiores a quatro anos de duração. A legislação impede, porém, que pessoas condenadas por crimes de lesa-humanidade ou tenham cometido ação de força contra a “ordem institucional e o sistema democrático” sigam essa carreira.



BRASIL

Salário anual inicial: **US\$ 9,4 MIL**
Salário após 15 anos: **US\$ 15,4 MIL (média)**
Horas letivas por ano: **800**

Desde 1996, a LDB prega a formação em curso superior de licenciatura para os professores – embora, ainda hoje, seja tolerado o magistério em nível Médio para quem trabalha com Educação Infantil e nas séries iniciais do Fundamental. Mesmo assim, cerca de 10% do magistério gaúcho, por exemplo, não apresenta o nível desejado nas áreas urbanas, conforme estudo da ONG Todos Pela Educação. Na rede pública, as vagas são preenchidas mediante nomeação por concurso ou contratação temporária.



ESTADOS UNIDOS

Salário anual inicial: **US\$ 36,7 MIL**
Salário após 15 anos: **US\$ 45 MIL**
Horas letivas por ano: **1.381**

Embora professores de escolas particulares não necessitem de licença especial para lecionar, para atuar na rede pública é necessário, na maior parte das redes, diploma universitário, participação em programa de formação de professores e experiência letiva sob supervisão, além de se submeter a exames de escrita e matemática



INGLATERRA

Salário anual inicial: **US\$ 30,2 MIL**
Salário após 15 anos: **US\$ 44,1 MIL**
Horas letivas por ano: **1.265**

A entrada na profissão depende da conquista de um certificado de “professor qualificado” mediante aprovação em exames de proficiência e realização em programa de treinamento. A partir do ano que vem, a aprovação em testes de linguagem e matemática será condição prévia para o ingresso nos programas de trainees.



JAPÃO

Salário anual inicial: **US\$ 24,4 MIL**
Salário após 15 anos: **US\$ 44,7 MIL**
Horas letivas por ano: **1.876**

O ingresso na carreira é bastante competitivo, com seleção entre os melhores alunos das universidades. O primeiro ano inclui ainda 90 dias de treinamento intensivo dentro e fora da escola. Todos os novos professores são associados a um professor experiente que vai atuar como tutor. Somente ao final deste primeiro ano probatório, caso seja bem avaliado, o educador poderá ser contratado em definitivo.

3 BAIIXO PRESTÍGIO SOCIAL DA PROFISSÃO

Os países com melhor desempenho nas avaliações internacionais, como o Programa Internacional de Avaliação de Estudantes (Pisa), implementado pela OCDE, dividem uma característica em comum: professores selecionados entre a fatia de melhores alunos no equivalente à Educação Básica. Nem sempre estão entre os profissionais mais bem pagos do mercado dos seus países, mas invariavelmente estão entre os trabalhadores com maior reconhecimento social devido ao bom nível cultural e excelente formação.

Em países como Finlândia, Coreia do Sul e Japão, que figuram na parte de cima do ranking educacional, os professores são respeitados e admirados como profissionais de alto nível pelos compatriotas. No Brasil, o prestígio da profissão caiu nas últimas décadas e hoje se encontra restrito aos mestres do Ensino Superior. Isso faz com que mesmo quem cursa uma licenciatura muitas vezes evite seguir a carreira à qual estaria habilitado. Na USP, por exemplo, cerca de metade de estudantes de algumas licenciaturas rejeita trabalhar como educador.

Exercício

Veja, de acordo com uma pesquisa realizada na USP, a proporção de alunos de licenciatura que não desejava ou tinha dúvidas sobre seguir a carreira de professor, mesmo se habilitando para ela:

Pedagogia 30%



52% dos alunos de Física



48% na Matemática



A Pesquisa Educar para Crescer demonstra que o baixo reconhecimento social dos educadores tem vinculação com a pouca prioridade atribuída pela população à educação:

...89% da população brasileira não vê a Educação como o principal problema do país

...a educação aparece em 5º lugar na lista de problemas do país

Tema de casa

O Brasil precisa estender o mesmo prestígio dedicado aos professores universitários aos educadores do nível básico, a exemplo do que ocorre em países com os melhores índices educacionais do mundo. Para isso, é preciso investir não só em salário, mas em formação para transformá-los em profissionais com status de especialista.

4 DESGASTE COM ACÚMULO DE OBRIGAÇÕES

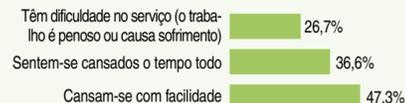
Os possíveis candidatos a professor se desestimulam ao comparar a variedade de tarefas que deveriam cumprir na escola com as condições que enfrentariam para o trabalho. Conforme a professora da Unisinos Maria Isabel da Cunha, a democratização do acesso à escola gerou acúmulo de funções:

– Os professores foram assoberbados de funções que antes não eram deles. Hoje, se destaca a importância da socialização que se faz na escola, orientação sobre hábitos de higiene, respeito mútuo, questões que antes eram tratadas pela família.

Como os pais trabalham cada vez mais, boa parte da antiga educação doméstica foi transferida aos colégios – que ainda precisam se ocupar do ensino das matérias, manutenção da disciplina, planejamento de aulas, correção de avaliações etc. Isso exige dos professores um preparo e uma disponibilidade que frequentemente as condições de trabalho e o contracheque não compensam. Muitas vezes precisariam trabalhar em mais de uma escola para melhorar a renda. Como resultado, um número ainda maior de possíveis mestres resolve seguir outra profissão.

Exercício

Pesquisa realizada em parceria pela UFRGS e pelo Cpers identificou que boa parte dos professores estaduais do Rio Grande do Sul sente-se exausta ou enfrenta dificuldades no trabalho:



Tema de casa

Nos últimos anos, o trabalho de professor vem se tornando mais abrangente. Além de ensinar números e letras, muitas vezes os educadores assumem tarefas que antigamente cabiam às famílias. Para isso, precisam de orientação adequada dos sistemas de ensino, bom ambiente de trabalho e remuneração compatível.

Magistério atrai novo perfil de candidatos

Nos últimos anos, o abandono da profissão de professor pelas classes mais abastadas abriu espaço para um novo perfil de candidato ao magistério: estudantes de colégios públicos, filhos de pais com baixa escolaridade, e que são os primeiros de suas famílias a chegar à universidade. Conforme a pesquisa A Atratividade da Carreira Docente, quanto maior o nível socioeconômico e a escolaridade dos pais, menor a intenção de se tornar educador.

Essas características ilustram o caso da estudante do 4º semestre de Pedagogia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Nathália Cargnin, 20 anos. Filha de uma

ex-doméstica, atualmente auxiliar de serviços gerais, entrou na carreira por força do destino.

– Minha mãe se enganou ao fazer a matrícula no Instituto de Educação (Flores da Cunha) e, em vez do Ensino Médio normal, me inscreveu no Magistério. Mas acabei gostando e resolvi seguir a carreira – conta Nathália, que mora na Restinga e atualmente atua como bolsista na UFRGS.

A escolha da profissão, porém, foi recebida com estranhamento entre amigos – refletindo a pouca apreciação social granjeada pela atividade hoje no país.

– Muitas pessoas me diziam que eu

era inteligente, não deveria passar o resto da vida limpando bunda de nenê ou me tornar uma futura grevista – conta, fazendo referência a sua intenção de trabalhar com Educação Infantil.

A candidata a professora, porém, que está se habilitando também para trabalhar com séries iniciais do Ensino Fundamental e Educação de Jovens e Adultos, faz uma aposta no futuro:

– Acho que as nossas condições de trabalho vão melhorar. O Brasil está vendo que é necessário ter educação de qualidade. Para isso, é preciso ter melhor remuneração, mais horas para planejar aulas. Eu acredito no futuro da educação.

BENEFÍCIOS

A legislação nacional garante capacitação e atualização integral e gratuita em serviço, participação na elaboração e implementação do projeto institucional da escola, estabilidade no cargo, programas de saúde laboral e prevenção de doenças profissionais.

Os professores contam com acréscimos no salário por tempo de serviço e gratificações, como quando a escola fica em local de difícil acesso, por exemplo. Em Estados como o Rio Grande do Sul, essa é uma maneira de compensar vencimentos básicos muito baixos – mas as gratificações não incidem sobre os cálculos de reajuste. O cronograma de trabalho inclui férias mais amplas do que outras categorias, podendo variar de 45 a 60 dias ao ano, além de licenças-prêmio por assiduidade.

O cronograma de trabalho é um dos principais atrativos, já que os professores gozam de maior flexibilidade de dias de trabalho, folgas escolares e férias de verão do que outras categorias nos EUA. Além disso, embora as condições variem em cada Estado, os educadores costumam contar com bons planos de saúde, de aposentadoria e compensações por aperfeiçoamentos durante a carreira.

O profissional pode subir degraus em uma escala salarial conforme a performance no serviço, mas também ao assumir responsabilidades adicionais na escola. O sistema de aposentadoria é o segundo maior do serviço público no país, e os professores têm acesso a programas como um projeto de facilitação de aquisição da casa própria. As férias são maiores do que as de outros trabalhadores.

Os professores contam com um sistema progressivo de aumentos salariais ao longo da carreira. Além do salário-base, também contam com gratificações adicionais que podem somar até um quarto do rendimento. Também podem receber bônus anuais que somam até o equivalente a alguns meses de trabalho.

FREQÜÊNCIA

48% dos professores faltam "algumas vezes" ou "muito"

30% dos professores faltam "algumas vezes" ou "muito"

8,8% dos professores faltam "algumas vezes" ou "muito"

13,5% dos professores faltam "algumas vezes" ou "muito"

2,8% dos professores faltam "algumas vezes" ou "muito"

RESULTADOS DO PAÍS NO PISA (ENTRE 65 PAÍSES OU REGIÕES)

58º em leitura, 55º em matemática, 55º em ciências

53º em leitura, 57º em matemática, 53º em ciências

15º em leitura, 31º em matemática, 23º em ciências

25º em leitura, 28º em matemática, 16º em ciências

8º em leitura, 9º em matemática, 5º em ciências



POR QUE APENAS 2% DOS ESTUDANTES QUEREM SEGUIR A CARREIRA DE PROFESSOR?*

*A razão é simples: baixos salários (no Brasil, um professor ganha 40% menos em relação a outros profissionais com a mesma titulação), não há um plano de carreira pautado no desempenho docente em sala de aula e na sua formação continuada ao longo da vida, a formação inicial é frágil e as condições de trabalho deixam muito a desejar na maioria das escolas públicas.

*A carreira de professor perdeu prestígio na sociedade. Os salários não diminuíram, mas o status associado ao exercício da profissão caiu em relação direta com dois fenômenos contemporâneos: a abertura de diferentes opções profissionais para as mulheres (antes restritas ao exercício da docência, assistência social ou enfermagem) e a entrada massiva dos filhos dos não letrados nas escolas públicas.

*Apesar de vivermos num país onde a educação, no sentido pleno, ainda não é prioridade, existem profissionais enfiados de compromisso, fazendo uma revolução silenciosa e duradoura nas unidades educativas com práticas curriculares geradoras de aprendizagem. Ok! Só temos 2%. Vamos fazer desses os melhores professores do nosso país. Alia-se a isso a valorização da carreira e as condições materiais de nossas unidades educativas, sem as quais nenhuma mudança será possível.

Mozart Neves Ramos, conselheiro do Todos Pela Educação, membro do Conselho Nacional de Educação e professor da UFPE.

Cláudia Costin, secretária municipal de Educação - RJ.

Lourival José Martins Filho, professor e diretor de Ensino do Centro de Ciências Humanas e da Educação da FAED-UDESC, presidente do Conselho Municipal de Educação de Florianópolis.

Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil.
Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em:
www.precisamosderespostas.com.br

@nossaeducacao /CrupeRBS @Crupe_RBS

Grupo **RBS**



A 5ª PERGUNTA

Por que 89% dos estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender o esperado em matemática?



TADEU VILANI

De onde vem o número

Fonte: a constatação de que a grande maioria dos estudantes brasileiros do Ensino Médio não aprende o esperado em matemática está presente no relatório De Olho nas Metas 2011, elaborado pelo movimento Todos Pela Educação com base em informações coletadas pela Prova Brasil e pelo Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb). As informações têm origem em provas aplicadas em todo o Brasil em 2009.

MARCELO GONZATTO

Aulas pouco dinâmicas + alunos pouco motivados + professores com formação deficiente = resultados pífios do ensino de matemática no Brasil. Essa fórmula, que contém elementos bastante conhecidos pela comunidade escolar, por gestores e especialistas em educação, continua a ser reproduzida diariamente nas salas de aula de colégios em todo o país.

Como consequência, um estrondoso percentual de 89% de estudantes chega ao final do Ensino Médio sem aprender o mínimo desejado nessa disciplina, de acordo com o relatório De Olho nas Metas 2011. Isso sujeita o Brasil a uma desconfortável 57ª posição no ranking mundial de aprendizagem de matemática em uma lista de 65 países contemplados pelo Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa).

A equação perversa que dá forma ao ensino da disciplina nos colégios brasileiros é um dos principais obstáculos à evolução dos indicadores educacionais em geral e motivo de elevadas taxas de repetência. Especialistas consultados pelo Grupo RBS avaliam que as principais razões para esse cenário pouco animador são a combinação de conteúdos que exigem o domínio de conceitos abstratos por parte dos estudantes com a insistência em estratégias pedagógicas conservadoras baseadas na repetição de exercícios e na falta de relação com a vida cotidiana dos estudantes.

Por essa razão, conforme o relatório produzido pelo movimento Todos Pela Educação, apenas sete Estados conseguiram atingir as metas de aprendizagem estabelecidas para 2009. O pior desempenho ficou com o Maranhão, com apenas 4,3% do alunado com conhecimentos satisfatórios no 3º ano do Ensino Médio. Na outra ponta, o Rio Grande do Sul ostentou o resultado menos terrível: 19,4% de estudantes com desempenho adequado. Mas não há qualquer motivo para comemoração, conforme o levantamento: a meta para o RS era de 23,6% – ainda assim, um parâmetro bastante acanhado em comparação com o objetivo final de que, até 2022, sete em cada 10 alunos tenham aprendido o que é adequado para a série que cursam. Veja, a seguir, um diagnóstico dos problemas que levam o ensino da matemática a um resultado tão negativo e alguns exemplos de como reverter essa conta perversa.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

1 COMEÇO RUIM COMPROMETE RESULTADOS

O mau desempenho na disciplina de matemática, escancarado ao final do Ensino Médio, tem raízes no início da vida escolar. Isso ocorre devido a algumas peculiaridades dessa ciência: uma das principais é que se trata de uma área cumulativa de conhecimento. Isto é, o aluno precisa aprender bem um conteúdo prévio para compreender o posterior.

– A matemática se destaca das outras disciplinas porque é sequencial, ou seja, não se aprende a multiplicar se não aprendeu a somar. Isso significa que uma etapa que não foi bem aprendida compromete o aprendizado daí por diante. Além disso, a criança tem de entender a teoria envolvida desde os seis anos de idade. Ela sabe que uma plantinha cresce quando é molhada, mesmo sem entender as reações químicas envolvidas. Mas, com a matemática, tem de entender o sistema decimal para saber que, depois do 19, vem o 20 – afirma a doutora em Matemática Suely Druck, da Universidade Federal Fluminense, criadora da Olimpíada Brasileira de Matemática.

O problema é que a largada do aprendizado numérico no Brasil é deficiente – o que cria um efeito nocivo ao longo de toda a Educação Básica. Conforme o relatório De Olho nas Metas 2011, do movimento Todos Pela Educação, dados da Prova Brasil mostram que apenas 42,8% dos alunos do 4º ano do Fundamental sabem o esperado em matemática – dominar adição, subtração e resolver problemas com notas e moedas.

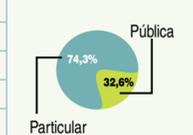
Exercício

COMEÇO COMPLICADO

Percentual de estudantes de escolas públicas e privadas que alcançaram o conhecimento esperado até o 3º ano do Ensino Fundamental:

Brasil	42,8%
Norte	28,3%
Nordeste	32,4%
Sudeste	47,9%
Sul	55,7%
Centro-Oeste	50,3%

O DESEMPENHO CONFORME A REDE:



Tema de casa

Uma pesquisa de 12 anos levou o especialista em Psicologia da Educação e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Fernando Becker a publicar o livro *Epistemologia do Professor de Matemática*. Confira algumas dicas para uma aula voltada para crianças que estão iniciando o contato com a disciplina – ou para brincadeiras que podem ser feitas até em casa:

1. É fundamental utilizar brinquedos e atividades lúdicas para as crianças treinarem dois conceitos que auxiliam a compreender os números e sua utilização: a seriação e a classificação.
2. A seriação é quando as crianças ordenam objetos do menor para o maior, por exemplo, ou fazem filas de carrinhos ou bonecas.
3. O outro conceito é a classificação, quando os alunos separam objetos com características diferentes, seja por cor ou outro critério.
4. É preciso que a criança primeiro entenda o conceito por trás de uma conta de somar ou subtrair para depois praticar exercícios. Não adianta fazê-la repetir contas e mais contas para que ela entenda as operações matemáticas.

2 AVERSÃO CULTURAL CRIA AMBIENTE NEGATIVO

As atuais dificuldades no ensino da matemática começam antes mesmo de o aluno entrar na sala de aula. Estão em casa, no grupo de amigos, nos meios de comunicação. A noção de que a matemática é “difícil”, “complicada”, “chata” ou uma disciplina rígida em que não há espaço para a criatividade é muitas vezes passada de pais para filhos, desenvolvida nas conversas entre colegas e reproduzida de maneira massiva em revistas, jornais ou programas de TV. Como

resultado, se criou o que alguns especialistas chamam de “matofobia” – a aversão ao conteúdo da disciplina.

Isso compromete o ambiente de aprendizagem antes mesmo de o professor pousar o giz no quadro-negro ou começar a falar sobre álgebra, análise combinatória ou equações. O medo dos números predispõe o aluno a ficar nervoso ao tentar resolver problemas, compromete a compreensão do conteúdo e torna a prática de exercícios

uma rotina torturante na escola. Um estudo realizado com professores de colégios estaduais da Capital, concluído em 2007 (veja número abaixo) identificou a presença da matofobia entre os alunos em mais de 80% dos casos. Como resultado, além de estarem preparados para ensinar o conteúdo devido, os professores precisavam estar dispostos antes a vencer o preconceito dos estudantes e evitar traumas ainda maiores.

Exercício

Um estudo realizado com 62 escolas estaduais de Porto Alegre apontou a existência do medo da matemática entre os alunos. Veja o percentual de professores que reconheceu a existência de estudantes com receio da disciplina no colégio:

85,7%	em escolas com baixo índice de reprovação
100%	em colégios com reprovação média
83,3%	em escolas com alto índice de reprovação

DIMENSÃO ENTRE OS PROFESSORES

71,4%	dos professores de estabelecimentos com baixa reprovação já ouviram falar em “matofobia”
30,8%	nas escolas com média reprovação
33,3%	nas escolas com alta reprovação

O IMPACTO NA REPROVAÇÃO

Veja o percentual de escolas em que cada uma das seguintes disciplinas respondeu pela maior quantidade de reprovações:

Matemática	46,8%
Física	21%
Química	8,1%

Fonte: Aprendizagem Matemática e a Relação entre Formação Docente, Práticas Metodológicas e Matofobia, de Vera Lucia Felicetti e Lucia Maria Martins Giraffa



INATIA PEREIRA

Tema de casa

Tarefa: contribuir para que a matemática deixe de ser fonte de ansiedade e frustração, mas motivo de curiosidade e satisfação.



DIEGO VIANA

VEJA O EXEMPLO

Por mais contraditório que pareça, o principal objetivo do professor de matemática **Adair Schwambach** (foto acima) – premiado nos três últimos anos na Olimpíada Brasileira de Matemática das Escolas Públicas – não é ensinar matemática. Por meio dos números, Schwambach procura abrir caminho para que cada aluno consiga realizar seu sonho profissional, mas não exige que cada estudante se torne um expert na disciplina.

– Não vou rodar alguém porque ficou um pouco abaixo da média. Prefiro criar um ambiente em que o estudante se sinta estimulado a aprender mais, mas principalmente que não termine o ano traumatizado. Senão, o que adianta sair da escola e nunca mais se interessar por matemática – questiona o educador da Fundação Escola Técnica Liberato Salzano, de Novo Hamburgo (RS).

Ele revela que sua decisão de não forçar o aprofundamento na matéria já lhe valeu críticas de colegas e diretores.

– A matemática que é ensinada no Ensino Médio, como funções, nem sequer costuma ser usada na vida real. Eu não quero ensinar matemática, eu quero educar o aluno para ser um cidadão com a matemática – enfatiza Schwambach.

Ele conseguiu colocar alunos entre os vencedores das três últimas edições da olimpíada estimulando aqueles que desejavam aprofundar os conhecimentos. Além disso, revela que tem uma tática para identificar os estudantes diferenciados:

– Faça uma prova com 10 questões. Mas coloque uma 11ª questão, que só os geniosinhos resolvem, que é para identificá-los.



3 DEFICIÊNCIA NA FORMAÇÃO DOS PROFESSORES

A matemática não costuma ser uma armadilha apenas para os estudantes, mas também para os professores. Muitas vezes, a dificuldade percebida nas aulas dessa disciplina têm origem na formação inadequada ou na escassez de educadores da área. Para o doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano e professor da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) Fernando Becker, essa é o principal obstáculo para um melhor desempenho do alunado

– principalmente no caso dos educadores de séries iniciais.

– Há despreparo nas duas dimensões fundamentais: no domínio do conteúdo e na compreensão de como a criança forma as competências necessárias para aprender. Muitas vezes, professoras de 1º e 2º ano do Fundamental mandam as crianças repetirem contas que ainda não entendem quando deveriam utilizar mais recursos como brincadeiras – avalia Becker.

Na visão do especialista, autor do livro *A Epistemologia do Profes-*

or de Matemática, as faculdades não orientam o futuro educador a compreender em profundidade o que é a matemática e a melhor maneira de ensiná-la.

– O ícone da minha pesquisa foi um professor, doutor em matemática pura, que disse que há três formas de se aprender matemática: fazer muito exercício. A segunda, mais exercício. A terceira, fazer tanto exercício até estrebuchar no chão. Pode ser um gênio matemático, mas um completo imbecil em pedagogia – lamenta Becker.

Exercício

1. Pesquisa realizada na Faculdade de Educação da USP mostra que praticamente metade dos alunos de cursos superiores como Pedagogia ou licenciaturas não se interessam em virar professores de Educação Básica – o que contribui para diminuir a qualidade do corpo docente:

- 52% dos estudantes de Física
- 48% dos estudantes de Matemática
- 30% na área de Pedagogia

2. Um relatório de 2007 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação (CNE) afirmava que o Brasil tinha um déficit de 245 mil professores de química, física e matemática.

3. Estudo realizado em 62 escolas estaduais porto-alegrenses de Ensino Médio relacionou uma melhor formação dos educadores com níveis de reprovação mais baixos:

- Escolas com baixo índice de reprovação (abaixo de 25%): **100%** dos professores com pós-graduação em matemática
- Escolas com índice médio de reprovação (25% a 49%): **53,9%** dos docentes com pós-graduação
- Escolas com alto índice de reprovação (acima de 49%): **16,7%** dos docentes com pós-graduação

Fonte: Aprendizagem Matemática e a Relação entre Formação Docente, Práticas Metodológicas e Matemática, de Vera Lucia Felcetti e Lucia Maria Martins Giraffa

Tema de casa

Tarefa: os professores precisam receber melhor formação e investir em formas mais eficientes de ensinar.



VEJA O EXEMPLO

Embora muitos educadores encontrem dificuldade para lecionar matemática, o trabalho de uma professora gaúcha mereceu destaque no *Jornal do Professor* e no Portal do Professor na internet, ambos vinculados ao Ministério da Educação. Depois disso, o trabalho de **Dioneia Boch Castilhos** (foto acima), 35 anos, vem servindo de inspiração para outras escolas das proximidades.

– Eu senti que as crianças tinham dificuldade em aprender matemática, e muitas já vinham com uma carga negativa porque o pai também não gostava. Para aprender matemática, tem de estar predisposto. Então resolvi usar jogos para trabalhar o raciocínio lógico, a estratégia – revela Dioneia, que trabalha com alunos do 6º ao 9º ano do Colégio Marista Maria Imaculada, em Canela (RS).

RESUMO DO TRABALHO

- No primeiro semestre, os estudantes realizam atividades como jogos de cartas em que os números vermelhos são considerados positivos, e os pretos, negativos, a fim de treinar as regras dos sinais, por exemplo.
- No segundo, são divididos em grupos e criam seus próprios jogos utilizando o conteúdo matemático daquela etapa de ensino. Ao final do ano, o resultado é apresentado à comunidade escolar
- Os jogos incluem ainda quebra-cabeças, jogos de varetas em que as peças podem ter números positivos ou negativos
- As aulas incluem também criação de histórias que incluem noções práticas de matemática como crédito e débito, lucro e prejuízo, entre outras.

4 AULAS POUCO DESAFIADORAS

Se um mais um sempre é igual a dois, nem por isso as aulas de matemática precisariam ser sempre iguais – mas é isso que costuma acontecer. Essa é outra razão apontada para o mau desempenho dos estudantes brasileiros nessa disciplina – no último Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), de 2009, o país ficou em 57º lugar em uma lista de 65 países nessa matéria.

– Na Índia, que está dando uma surra no Brasil nessa área, as crianças aprendem matemática antes de aprender a ler. Aqui as aulas são desinteressantes, os livros didáticos são desinteressantes. Fazer exercícios do tipo “fulano tinha tantas balas e depois ganhou mais tantas balas” é uma prática que deveria ser substituída por tarefas mais desafiadoras e estimulantes, com jogos, utilização de tecnologia. Dá para fazer muita coisa – diz a professora da Universidade Federal Fluminense Suely Druck.

Exercício

Veja a posição relativa do Brasil no ensino de matemática em comparação a outros países, conforme o mais recente Pisa:

1.	Shangai (China)
2.	Singapura
3.	Hong Kong
4.	Coreia do Sul
5.	Taiwan
6.	Finlândia
7.	Liechtenstein
8.	Suíça
9.	Japão
10.	Canadá
56.	Jordânia
57.	Brasil
58.	Colômbia

Retrato do ensino

O estudo *Rejeição à Matemática: Causas e Formas de Intervenção* traz entrevistas com 285 alunos do Ensino Médio no Distrito Federal e serve de exemplo para a situação em muitas escolas.

Veja o resultado:

...92% dos alunos disseram que o professor nunca utiliza a sala de vídeo, embora a escola tenha uma
 ...91% relataram que o professor nunca utiliza computador ou sala de informática
 ...61% disseram que o educador nunca utiliza jogos, reportagens de jornais ou revista ou outros materiais para dinamizar as aulas

Tema de casa

Tarefa: como tornar as lições de matemática mais dinâmicas, despertando o interesse dos alunos e melhorando o desempenho.

VEJA O EXEMPLO

Há cinco anos, a professora Marusa da Rosa Dreher, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Otávio Rosa, de Novo Hamburgo, decidiu encontrar uma maneira de sacudir o marasmo dos alunos e transformar o ensino da matemática em uma atividade mais dinâmica e prazerosa. Decidiu combinar aulas mais tradicionais com o desenvolvimento de projetos especiais – cujo tema muda a cada ano e pode variar de meio ambiente até o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA).

Por duas horas a cada semana, os estudantes procuram desenvolver subtemas e elaborar um trabalho que relacione o assunto estudado com a matemática.

– No estudo do ambiente, por exemplo, teve alunos que analisaram o volume da caixa d’água da escola, o consumo de água, a vazão do vaso sanitário, a quantidade de papel desperdiçada. Isso tudo deixa o ensino mais interessante – conta a educadora.

Além disso, quando necessário, os alunos saem da escola para fazer pesquisas de campo sobre o assunto escolhido. Com isso, o interesse e o desempenho dos estudantes se multiplica ano a ano. Mas ela sustenta que não é fácil mudar a estratégia de ensino.

– É difícil, não é só dar joguinho. É preciso saber o que se quer com cada atividade, qual o conteúdo a ser explorado. Além disso, toma muito tempo do professor – afirma Marusa.

Graças ao trabalho, já recebeu duas distinções na Olimpíada Brasileira de Matemática em função do desempenho positivo de seus alunos.



POR QUE 89% DOS ESTUDANTES CHEGAM AO FINAL DO ENSINO MÉDIO SEM APRENDER O ESPERADO EM MATEMÁTICA?*

“Ao longo da escolaridade, lacunas de aprendizagem nunca são preenchidas porque a escola e professores, muitas vezes, desenvolvem conteúdos sem diagnosticar os conhecimentos dominados pelos alunos. O comprometimento da aprendizagem também é acentuado no Ensino Fundamental. Possíveis razões: currículos inadequados; professores que estudam a disciplina somente até o 9º ano; falta de liderança, de capacidade gerencial e de autoridade de diretores e coordenadores pedagógicos.”

“O que se encontra ao final do Ensino Médio é o acúmulo do que existe em todas as etapas anteriores. Podemos citar alguns agravantes: currículos ‘descolados’ da realidade; planos de ensino elaborados sem levar em conta o desenvolvimento dos alunos; carência de professores especialistas em diversas disciplinas; indefinição sobre cursos profissionalizantes e/ou generalistas; alunos já trabalhadores ou em busca de trabalho; etc.”

“Existem muitas explicações, que incluem a má-formação de muitos professores, que não entendem bem o que devem ensinar; a ausência de um programa de ensino bem estruturado que o professor deve seguir; e o mau funcionamento das escolas, levando ao desestímulo e ao desinteresse por parte dos alunos. O aluno já deveria chegar ao Ensino Médio com uma boa bagagem de formação, sem a qual ele não tem como aprender os conteúdos mais avançados desse nível.”

Maria Amabile Mansutti, coordenadora técnica do Cenpec.

Viviane Senna, empresária brasileira, presidente do Instituto Ayrton Senna e conselheira do Todos pela Educação.

Simon Schwartzman, presidente do Conselho de Administração do Instituto de Estudos do Trabalho e Sociedade (IETS) e ex-presidente do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil. Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em: www.precisamosderespostas.com.br

@nossaeducacao /CrupeRBS @Crupe_RBS

Grupo **RBS**



A 6ª PERGUNTA

Por que a maioria dos alunos matriculados no último ano do Ensino Fundamental não aprende o mínimo considerado adequado?

BRUNA SCIREA

Eles deixam de ser crianças, mas ainda estão distantes da idade adulta. O momento de ruptura caracteriza a etapa da vida em que se encontram os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental. Essa transição, no entanto, ultrapassa a questão comportamental e os novos interesses revelados por esses estudantes. É verificada também, de forma brusca, na mudança da rotina escolar, na indefinição sobre como organizar essa fase da aprendizagem e em preocupantes números – indicadores que refletem um período esquecido entre a primeira fase do Fundamental e o Ensino Médio.

Como resposta a uma combinação de falhas que se arrastam do 6º ao 9º ano – entre elas um incentivo à leitura sem sucesso, um limbo escolar enfrentado por alunos que não recebem e precisam de acompanhamento pedagógico e um currículo desinteressante e limitador –, 85,3% dos jovens matriculados no último ano do Ensino Fundamental não sabem o mínimo esperado em matemática e 73,8% em língua portuguesa. Especialistas consultados pelo Grupo RBS interpretaram o fraco desempenho revelado pelo Relatório De Olho nas Metas 2011, do movimento Todos Pela Educação, baseado em dados da Prova Brasil e do Saeb 2009 (MEC/Inep). Nestas páginas, conheça possíveis causas e exemplos inspiradores.

bruna.scirea@zerohora.com.br

1 ACOMPANHAMENTO

Acostumados com o apoio e cuidados de poucos ou até mesmo de apenas um professor, os alunos ingressam na pluralidade que caracteriza os anos finais do Ensino Fundamental. As disciplinas tornam-se ainda mais específicas e, para cada uma delas, há um professor diferente. Se por um lado a diversidade de educadores possibilita aprofundamento e maior dedicação ao conteúdo que deve ser lecionado, por outro, acarreta uma dispersão na atenção conferida ao aluno.

A partir do 6º ano, o conhecimento do histórico, dos avanços e dos recuos de cada estudante em sala de aula deveria ser tarefa de um coordenador pedagógico, função raramente ocupada em escolas públicas e particulares do país.

– Nos anos finais, eles passam a ser mais um dentro de um universo de alunos para o qual cada professor se dedica. A ausência de um projeto pedagógico, que acolha essas crianças e adolescentes e mostre a importância e o porquê dessa pluralidade, impede a interdisciplinaridade e dificulta a atração do aluno pelo ensino – acredita Mozart Neves Ramos, conselheiro do Todos Pela Educação.

Exercício

Nos anos iniciais do Fundamental, os índices do Ideb costumam ser mais altos; nos anos finais, os números caem, alertando para problemas dessa etapa do aprendizado.

MUNICÍPIOS GAÚCHOS E CATARINENSES COM OS MAIORES ÍNDICES NO IDEB 2011

Anos iniciais do Ensino Fundamental, rede municipal:		Anos finais do Ensino Fundamental, rede municipal:	
Vista Alegre do Prata (RS)	8,2	Boa Vista do Buricá (RS)	5,6
Montauri (RS)	7,3	Campo Bom (RS)	5,5
Nova Boa Vista (RS)	7,2	Victor Graeff (RS)	5,5
Iporã do Oeste (SC)	7,4	São José do Cedro (SC)	6,4
Tunápolis (SC)	7,2	Treze Tílias (SC)	6,3
Ipira (SC)	7,0	Piratuba (SC)	6,1

Números nacionais do Ideb 2011:

Média dos anos iniciais do Fundamental, rede municipal	4,7
Média dos anos finais do Fundamental, rede municipal	3,8

Tema de casa

■ Apoio contínuo: as dificuldades de aprendizagem têm de ser trabalhadas assim que aparecem em sala de aula, evitando que se acumulem para o fim do ano.

■ Aulas no contraturno ou turmas flexíveis podem ser uma boa solução para alunos da mesma série ou ciclo que precisem de reforço em conteúdos de determinada disciplina.

■ Outra alternativa é a monitoria aluno-aluno, em que os próprios colegas atuam como monitores, prática que, além de eficiente, estimula a cooperação entre os estudantes.

■ Exemplo: o sistema adotado na Finlândia, país de destaque nos rankings educacionais, prevê que cada escola tenha um professor especializado em reforço escolar para cada sete turmas regulares (os docentes costumam encaminhar em média 30% dos matriculados para aulas no contraturno).

■ A escola deve entender quem é e o que pensa o adolescente e desenvolver uma visão do estudante pautada nas necessidades específicas da faixa etária.

O bom exemplo mineiro

Um município de 13 mil habitantes no Triângulo Mineiro chama a atenção por liderar o ranking nacional para o 9º ano do Ensino Fundamental de rede municipal, no último Ideb. A cidade de Nova Ponte é exemplo em um país onde a educação se arrasta, especialmente a pública.

Ao atingir 6,8 na avaliação, superou em 84% a meta estipulada pelo MEC e dobrou em relação à nota 3,2, obtida dois anos antes. Satisfeita com o resultado, a secretária de Educação Maria Regina Silva sabe que o êxito é consequência de uma revolução no ensino, grandiosa, mas não muito complicada.

A receita reúne ideias inovadoras, mas grande parte do sucesso vem de medidas simples como a prática do reforço escolar no contraturno ou 20 minutos antes e depois das aulas. Além disso, professores podem contar com uma gratificação de R\$ 200 no término do mês. O merecimento é medido por meio de avaliações pedagógicas e administrativas da escola juntamente com o parecer do educador.

Conforme a necessidade das turmas, até dois professores podem lecionar a mesma disciplina em classe. E nesse pacote, que ainda inclui programas de incentivo à leitura e ensino de matemática, também está o estímulo para que pais participem do processo de aprendizagem dos filhos.

– No início deste ano, trouxemos o projeto Família na Escola, no qual todos os professores visitaram as casas dos alunos para saber dos pais o que esperavam da escola, quais eram suas propostas, os interesses e as dificuldades presentes na família – explica a secretária.



Divididos em duas turmas, 70 alunos frequentam o 9º ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Miguel – a 15ª colocada no ranking nacional para os anos finais do Ensino Fundamental, entre escolas públicas e privadas.

Este salto mais do que satisfatório é a prova da qual a comunidade escolar de Nova Ponte pode se orgulhar: seus estudantes estão adiantados no processo que visa a aprimorar a Educação Básica no Brasil.

Estudantes de Nova Ponte, no Triângulo Mineiro, conquistaram um Ideb de 6,8 nos anos finais do Ensino Fundamental

2 FALTA LEITURA

Na opinião de Ocimar Munhoz Alavarse, professor da Faculdade de Educação da USP, as dificuldades com leitura explicam, em parte, por que a maioria dos alunos dos anos finais do Ensino Fundamental não aprendem o mínimo considerado adequado:

– As dificuldades começam nos primeiros anos de escolarização. E como faltam profissionais com capacidade para desenvolver tal competência, o problema acaba sendo cumulativo e tende a dificultar o aprendizado dos alunos. É como se eles não tivessem as condições necessárias para aprender.

Exercício

Crianças e adolescentes estão lendo menos livros. Confira os índices de leituras de livros desse grupo:

IDADE	LIVROS POR ANO	
	2007	2011
5 a 10 anos	6,9	5,4
11 a 13 anos	8,5	6,9
14 a 17 anos	6,6	5,9

- 87% dos considerados não leitores nunca foram presenteados com livros na infância
- 63% deles nunca viram a mãe lendo, e a porcentagem vai para 68% quando se trata do exemplo paterno

Fonte: pesquisa Retratos da Leitura no Brasil, realizada pelo Instituto Pró-Livro em 2011

Tema de casa

Algumas atitudes na família podem melhorar a relação da criança com a leitura:

- A leitura deve ser estimulada desde os primeiros anos de alfabetização.
- Leia com o seu filho, pergunte como ele compreendeu o livro e estimule que conte a história a outros colegas.
- Adquirir livros com assuntos de interesse da criança, sempre atento à faixa etária.

3 CURRÍCULO CHATO

Plugada na tecnologia, a geração que chega à escola está mais ativa, rápida e informada. No entanto, na definição de João Batista Oliveira, presidente do Instituto Alfa e Beto, o currículo das escolas ainda é muito “chato”. O adjetivo explicaria a queda no índice que reflete o rendimento em sala de aula no caminho percorrido entre os nove anos do Ensino Fundamental.

Ao ingressar na etapa final, por volta dos 11 anos, o alunado vive uma fase de transição, de novos interesses e curiosidades que quase nunca são contemplados pela escola. Soma-se a isso, a falta de liberdade. Se frequentar escolas em busca de educação não é uma opção tomada pelo alunos, mas imposta a eles desde os primeiros anos de vida, o ensino tornaria-se mais atraente se pudesse ser direcionado, ainda que minimamente, aos interesses particulares de cada um.

– É preciso fazer um currículo interessante, estruturado e organizado, com articulações interessantes. É necessário que se dê o mínimo de liberdade. Com ela, o aluno acaba investindo naquilo que gosta – defende Oliveira.

Exercício

Pesquisa divulgada pela Birmingham Science City, na Grã-Bretanha, em março deste ano, mostra que o perfil dos alunos está mudando com a influência tecnológica. Crianças e adolescentes de seis a 15 anos agora confiam mais no Google do que nos próprios pais e professores quando o assunto é conhecimento:

■ 54% deles têm o Google como a primeira alternativa quando surge uma dúvida, somente 3% buscam a ajuda de professores quando precisam de uma resposta.

■ 25% das crianças não sabem o que é uma enciclopédia. Uma em cada dez acredita que seja algo com o qual seja possível cozinhar ou executar uma operação.

■ 91% dos questionados afirmaram usar o Google. Destes, 47% fazem buscas no site pelo menos cinco vezes ao dia e, quando o Google não esclarece as dúvidas, 20% buscam respostas no Wikipedia.

■ Um terço das crianças e adolescentes usam tablets ou computadores para ler livros e preferem se comunicar digitalmente, por meio de mensagens via celular (47%), redes sociais (46%) ou e-mail (27%).

Fonte: Birmingham Science City, 2012

Tema de casa

É preciso reinventar a escola: 40% dos jovens entre 15 e 17 anos que deixaram de estudar o fizeram por considerar a escola desinteressante, segundo o estudo *Motivos da Evasão Escolar*, realizado pela Fundação Getúlio Vargas (RJ) em 2009.

Como chegar lá? Além da infraestrutura tecnológica, também se exige das escolas uma veloz revolução nas metodologias de ensino capazes de sedimentar uma estrada sólida para a Educação 3.0 – termo amplamente disseminado por pensadores como o americano Jim Lenge, professor da Universidade de Nova York. Confira algumas características da Educação 3.0:

- Os alunos têm autonomia para buscar aprender. Cabe ao professor propor desafios.
- Ler e escrever são habilidades básicas nesta nova educação. É preciso conectar ideias, explorar possibilidades e prever.
- É essencialmente interdisciplinar, por isso os professores devem conversar e discutir os temas a serem abordados.
- Instiga os alunos a pesquisarem na internet. Com isso, a capacidade de discernir sobre a autenticidade de uma informação é desenvolvida.
- Aproveita os dispositivos móveis. Por meio do smartphone, o estudante pode ouvir podcasts.

Fonte: Educator para Crescer (educarparacrescer.abril.com.br)



POR QUE A MAIORIA DOS ALUNOS MATRICULADOS NO ÚLTIMO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL NÃO APRENDE O MÍNIMO CONSIDERADO ADEQUADO?*

“É possível mencionar: as precárias condições de trabalho do professor, a inadequação do material pedagógico, a desvalorização do saber, a desconsideração do perfil sociocultural do aluno, a falta de segurança nas escolas e as descontinuidades das políticas educacionais. Em resumo, a maioria não aprende o mínimo necessário porque a educação de qualidade, como um direito a todos, não é (ainda) a realidade do país.”

Silvia Collelo,
professora da Faculdade de Educação da USP.

“Parece que é preciso reinventar a roda da pedagogia e da didática. Numa escola gaúcha, uniram-se professores, pais e direção para extinguir o recreio – porque havia alunos violentos. A brincadeira é a instância pela qual a criança organiza e recria o mundo, isto é, constrói sua capacidade de aprendizagem. Então, essa forma por excelência da aprendizagem escolar foi considerada um mal a ser extinto ou, pelo menos, a ser controlado.”

Fernando Becker,
professor e mestre em Educação pela UFRGS, doutor em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pela USP.

“Nos países que têm obtido bons resultados, as escolas são de turno integral e apresentam estrutura adequada, com refeitórios, ginásios, salas de música, laboratórios e opções de educação profissional. Os professores são valorizados e estão preparados. A família participa da escola, porque existe uma cultura que valoriza a educação. Num ambiente desses, os alunos aprendem o que é considerado adequado.”

José Paulo da Rosa
diretor regional SENAC-RS.

Juntos, podemos mudar a realidade da educação no Brasil.
Faça a sua pergunta e encontre muitas outras respostas em:
www.precisamosderespostas.com.br

@nossaeducacao /CrupeRBS @Crupe_RBS

Grupo **RBS**



ENTREVISTA

Tarso Genro
Governador do Rio Grande do Sul



TARSO GENRO, GOV.

“O sentido de pertencimento da comunidade em relação à escola é essencial”

MARCELO GONZATTO

Lançada no dia 28 de agosto, a campanha institucional do Grupo RBS sobre educação apresenta seis perguntas sobre a situação do ensino no país que servem de mote para reportagens, avaliações de especialistas – e considerações de gestores como o governador do Rio Grande do Sul, Tarso Genro. Convidado a expressar sua visão sobre temas como o mau desempenho nacional, o desinteresse dos jovens pela carreira do magistério e a participação das famílias no ambiente escolar, ele sustenta que avanços vêm sendo feitos. Confira, a seguir, as opiniões do governador sobre alguns dos principais dilemas da educação brasileira, resumidos nas seis questões que norteiam a campanha A Educação Precisa de Respostas, encaminhadas por e-mail.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

1 Por que, mesmo sendo a sexta economia do mundo, o Brasil ainda está no 88º lugar no ranking mundial da educação?

Desde os anos 70, o Brasil se posiciona entre as 10 primeiras economias mundiais. No entanto, somente a partir desta década há um incremento das políticas de democratização do acesso à educação pública, como a universalização do Ensino Fundamental, a expansão das escolas técnicas federais, a Universidade Aberta do Brasil, o ProUni e o Fundeb.

É importante lembrar que o Brasil faz, hoje, o que países como Chile, Argentina e Uruguai fizeram no início do século passado. A primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação brasileira é de 1961. Enquanto alguns países da América Latina tiveram suas primeiras universidades criadas nos séculos 16 e 17, no

Brasil, só na década de 30 do século 20 tivemos a criação da primeira. Apenas a partir da primeira década do século 21 ocorre de forma ostensiva a democratização do ensino e a articulação da política de distribuição de renda com a expansão da educação pública. Exemplos são o Bolsa Família, o ProUni. Se o Ensino Fundamental foi universalizado, este é um desafio ainda não respondido em relação ao Ensino Médio e à Educação Infantil.

Ao contrário de países latino-americanos, que têm jornada escolar média de sete horas diárias, somente a partir dos últimos anos acompanhamos a adoção de implementação de políticas que visam à melhoria da educação e à ampliação gradativa da jornada escolar. Tais medidas trarão resultados positivos em médio e longo prazo.

2 Por que 34,5% dos alunos do Ensino Médio não estão na série correspondente à sua idade?

Esse é um fator que está relacionado à ampliação da democratização do acesso, que colocou nas redes públicas as crianças que compõem os setores sociais mais vulneráveis. Nas redes públicas, todos são admitidos, independentemente de sua condição social, cultural ou física. Muitas dessas crianças que chegam à escola não passaram pela Educação Infantil, e as dificuldades pedagógicas, como a não adequação do currículo às necessidades dos estudantes, acabam por acarretar em alto índice de reprovação e abandono escolar. Por outro lado, muitas crianças e adolescentes deixam a escola por necessidade de sobrevivência, e alguns retornam quando resolvida a questão da subsistência. A Educação de Jovens e Adultos (EJA) está aí para atendê-los.

3 Por que é importante os pais participarem da vida escolar dos seus filhos?

A escola está inserida em um contexto social, não pode ser vista de forma isolada. Todos os atores dessa comunidade, que inclui

escola, família e sociedade, precisam agir de forma integrada, visando ao acompanhamento tanto da gestão escolar quanto do processo de ensino-aprendizagem.

Muitas famílias dos alunos de escola pública também não tiveram acesso à escola e, portanto, devem ser acolhidos no ambiente escolar. O sistema escolar precisa produzir mecanismos que aproximem das escolas as comunidades. Manter a escola aberta à comunidade, com bibliotecas comunitárias, atividades esportivas e culturais, entre outras ações, contribuirá tanto para uma gestão mais qualificada da escola quanto para o processo de aprendizagem das crianças e sua permanência na escola. O sentido de pertencimento da comunidade em relação à escola é essencial para a garantia de educação de qualidade. O incentivo à atuação dos conselhos escolares também é essencial para que o controle social se efetive.

4 Por que apenas 2% dos estudantes querem seguir a carreira de professor?

Independentemente do índice, constata-se que todos os concursos públicos de professores têm enorme procura. Exemplo é o que foi realizado em 2012 pela rede estadual, que atraiu 69 mil candidatos para 10 mil vagas. Mas cabe às políticas públicas estimular a atividade docente com ações que busquem a valorização da carreira. No Estado há um avanço: hoje, ninguém recebe, em termos remuneratórios, menos do que o piso salarial nacional. O debate é sobre os reflexos que o pagamento do benefício têm na carreira.

5 Por que 89% dos estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender o esperado em matemática?

Os resultados da Prova Brasil colocam o Rio Grande do Sul em primeiro lugar em matemática no Ensino Médio e em segundo lugar nos anos finais do Ensino Funda-

mental. Em geral, a matemática vem sendo tratada de forma abstrata, não considerando a realidade dos sujeitos. É preciso reestruturar a matriz curricular, vincular as áreas do conhecimento por meio da interdisciplinaridade, adequar a didática às formas de avaliação. Enquanto as provas avaliativas trabalham com a resolução de problemas, a didática trabalha com questões desconectadas de suas tecnologias. Esta fragmentação precisa ser rompida por meio da reestruturação curricular.

A matemática, nas práticas pedagógicas do cotidiano, em geral, é trabalhada como a área do conhecimento mais distante da realidade.

6 Por que a maioria dos alunos matriculados no último ano do Ensino Fundamental não aprende o mínimo considerado adequado?

Como citado no item anterior, os alunos dos anos finais do Ensino Fundamental da rede estadual gaúcha obtiveram o segundo lugar na Prova Brasil tanto em matemática quanto em língua portuguesa. No entanto, a maioria dos alunos da rede pública não teve Educação Infantil e, portanto, esses estudantes têm necessidades que a escola precisa adequar para garantir o processo de aprendizagem. A reestruturação curricular do Ensino Fundamental, com a adoção da organização do ensino estruturada nas áreas do conhecimento, vinculada às necessidades reais de aprendizagem dos nossos alunos, certamente induzirá a melhoria da qualidade do ensino (como já evidenciado em relação ao Ideb dos anos iniciais do Ensino Fundamental na rede estadual, onde já iniciamos a implantação da reestruturação curricular e cujo índice demonstra a superação da meta prevista para 2011). A reestruturação também envolve um trabalho e uma oferta permanente de formação continuada aos professores e educadores, o que tem acontecido de forma efetiva no país a partir da segunda metade da última década, com a definição de políticas públicas do governo federal.

ENTREVISTA

Raimundo Colombo
Governador de Santa Catarina



RAIMUNDO COLOMBO, GOV.

“A educação nunca foi prioridade número 1 no país”

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Um desafio foi lançado ao governador de Santa Catarina, Raimundo Colombo: responder às seis perguntas que norteiam a campanha A Educação Precisa de Respostas, do Grupo RBS. As questões levantadas abordam problemas da educação básica, como reprovação, aprendizado abaixo do esperado, valorização do professor e participação da família na vida escolar dos filhos. Em suas respostas, enviadas por e-mail, o governador catarinense cita questões pontuais, como gestão escolar ineficiente, o currículo extenso do Ensino Médio e a pouca valorização do professor, tanto do ponto de vista salarial quanto social. Ele também coloca como entraves a falta de tecnologia em sala de aula e o pouco tempo que o estudante permanece na escola.

julia.antunes@diario.com.br

1 Por que, mesmo sendo a sexta economia do mundo, o Brasil ainda está no 88º lugar no ranking mundial da educação?

Por vários motivos, entre eles:

a) A educação nunca foi considerada prioridade número 1 no país, prova disso é que as universidades brasileiras são mais jovens do que outras universidades, inclusive na América Latina. Da mesma forma, a preocupação com a educação básica é recente e se consolida após a LDB em 1996, sendo que a universalização do acesso ao Ensino Fundamental é recente e que no Ensino Médio ainda está longe de ocorrer.

LDB 1996: Lei de Diretrizes e Bases, garantiu acesso ao ensino a todas as crianças e adolescentes entre quatro e 17 anos, além de incluir a educação infantil na educação básica. Antes, crianças abaixo dos sete anos poderiam ficar em creches, que eram de responsabilidade de assistência social.

b) A profissão de professor é pouco valorizada, quer do ponto de vista salarial, quer do ponto de vista de status de importância pela sociedade. A formação inicial dos professores está aquém das necessidades para atuar em sala de aula.

c) A gestão escolar é ineficiente, pois o país aplica uma quantidade de recursos em relação ao PIB semelhante a diversos países desenvolvidos (e até em patamares superiores aos da China) e tem resultados inferiores.

Por lei, municípios e Estados precisam destinar 25% do orçamento para educação. Em média, o investimento do Estado fica em 26%. Em tramitação no Congresso, o Plano Nacional de Educação determina que o governo federal invista 10% do PIB. O investimento atual é de cerca de 5% do PIB.

d) O processo de alfabetização de crianças é altamente ineficiente, sendo que o percentual de jovens e adultos não alfabetizados plenamente é elevado.

O Instituto Paulo Montenegro revelou que, apesar de o analfabetismo ter diminuído nos últimos 10 anos, 38% dos estudantes do ensino superior não eram alfabetizados em nível pleno.

e) Baixo tempo de permanência dos alunos na escola. Os países com melhores indicadores educacionais têm seu sistema educacional baseado em escolas de tempo integral.

2 Por que 34,5% dos alunos do Ensino Médio não estão na série correspondente à sua idade?

Em parte, por causa das deficiências no processo de alfabetização realizado no Ensino Fundamental, em parte porque o Ensino Médio é pouco estimulante para o jovem, o que eleva as taxas de reprovação e abandono da escola. Ao mesmo tempo, a falta de professores habilitados em diversas matérias também reduz o rendimento e o interesse do estudante para o aprendizado correto.

A taxa de reprovação de SC no ensino médio é de 7,5%. A média brasileira é de 13,1%. O índice de abandono em SC é de 8%, enquanto a taxa brasileira chega a 9,6%.

3 Por que é importante os pais participarem da vida escolar dos seus filhos?

Pesquisas internacionais apontam que a participação dos pais na vida escolar dos filhos, acompanhando seu desempenho, ajudando nas tarefas, estimulando a leitura e participando de atividades na escola, aumenta significativamente a autoestima do aluno e seu desempenho escolar.

4 Por que apenas 2% dos estudantes querem seguir a carreira de professor?

A profissão do magistério perdeu a importância que tinha na sociedade, quer por causa da pouca valorização profissional, do baixo reconhecimento que traz e das condições de trabalho pouco adequadas, em especial nas escolas públicas, onde o professor muitas vezes tem de atuar em múltiplas funções, que vão de psicólogo a assistente social.

Numa tentativa de oferecer salários mais condizentes, foi aprovada em 2008 a lei federal 11.738, que determina um piso salarial para o magistério. Com ela, o professor que ingressa hoje na carreira, de nível médio, não pode ganhar menos de R\$ 1.452. Este valor é reajustado anualmente. O último aumento, concedido neste ano, foi de 22%. Em SC, para cumprir a lei, o governo do Estado precisou achatá-la a carreira dos professores, ou seja, diminuiu as diferenças salariais.

5 Por que 89% dos estudantes chegam ao final do Ensino Médio sem aprender o esperado em matemática?

Isto também tem muito a ver com o nível de aprendizagem obtido no Ensino Fundamental, aliado a práticas pedagógicas pouco estimulantes na área. Envolve também a cultura popular de que matemática “é difícil” e cria uma barreira a mais para seu aprendizado. Ao mesmo tempo, o excesso de matérias e conteúdos do Ensino Médio impede a concentração naquilo que realmente vai fazer diferença, que é português e matemática.

Um estudante de Ensino Médio aprende 13 disciplinas. O Ministério da Educação discute uma mudança curricular, para agrupar as disciplinas em quatro grupos: linguagens, matemática, ciências humanas e da natureza.

6 Por que a maioria dos alunos matriculados no último ano do Ensino Fundamental não aprende o mínimo considerado adequado?

Em parte, por causa do processo de alfabetização ineficiente, mas também por causa da estrutura dos anos finais.

O Ensino Fundamental é dividido em anos iniciais (1º ao 5º ano), que tem apenas um professor por turma, e finais (6º ao 9º ano), com um professor para cada disciplina.

ENTREVISTA **Andreas Schleicher**
Responsável pelo Pisa

“É preciso atrair para o magistério as melhores pessoas”

MARCELO GONZATTO

No comando de um dos mais respeitados rankings educacionais do mundo, o Programa Internacional de Avaliação de Alunos (Pisa), o físico alemão Andreas Schleicher monitora de perto sistemas de ensino de todo o planeta. A cada três anos, o exame compara o nível de conhecimento de estudantes de mais de seis dezenas de países em matemática, ciências e leitura. Diretor de Educação da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), entidade que organiza o Pisa desde 1997, Schleicher atesta que o Brasil vem fazendo progressos na última década, mas em um nível ainda longe do ideal. Segundo revela na entrevista a seguir, concedida por e-mail, o segredo para alcançar indicadores satisfatórios começa pela seleção e formação de bons professores.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

Quais as principais razões para o Brasil ter uma economia tão forte, mas resultados educacionais tão pobres na comparação com outros países?

Uma razão para ser uma grande economia é simplesmente o fato de o Brasil ser um grande país. Mas o hiato entre a performance econômica e a educacional é ainda preocupante. Apesar de significativos progressos no desempenho do sistema escolar brasileiro ao longo da última década, o Brasil continua atrás em termos de qualidade da educação, conforme demonstrado pelos resultados do Pisa.

O Brasil melhorou seu desempenho no Pisa 2009 em relação à edição de 2006, mas em patamares ainda modestos: atingiu a posição 53 em ciências e leitura, e a 57 em matemática, numa lista de 65 países.

Como outros países fartos em recursos naturais, por muito tempo ele extraiu sua riqueza da natureza, e não das habilidades do seu povo. Em comparação, em países com poucos recursos naturais – exemplos são China, Finlândia, Cingapura ou Japão –,



DIEGO VIANA, BR

eles são apenas um dos determinantes de uma força de ensino de alta qualidade. E não se esqueça de que o melhor sistema educacional do mundo – a Finlândia – não paga seus professores particularmente bem,

Conforme dados da OCDE, os professores finlandeses começam ganhando US\$ 32 mil anuais – menos do que em países como Austrália, Portugal (ambos US\$ 34 mil), Espanha (US\$ 40 mil) e Alemanha (US\$ 46 mil). No Brasil, tomando o piso como base, ganham US\$ 9,2 mil.

mas garante um ambiente de trabalho atrativo e alto status profissional. O importante é dar apoio, avaliar e desenvolver a qualidade do professor, visar resultados, igualdade e responsabilidade e uma cultura de engajamento, em vez de obediência, e alinhar objetivos pedagógicos com gestão de recursos. Isso é importante porque há muita demanda sobre os professores. Eles precisam dominar os assuntos que ensinam, necessitam de profunda compreensão de como a aprendizagem ocorre e do domínio de uma ampla gama de estratégias de ensino. Muitos dos países que pagam bem seus professores estão simplesmente priorizando o salário e o desenvolvimento profissional, mesmo que isso resulte em um número menor de professores e turmas com mais alunos. No balanço final, esses países acabam gastando menos recursos do que outros que comprometem suas verbas com uma relação que contempla mais professores e turmas menores.

Há algum país que o senhor veja como um exemplo de superação?

Na Europa, a Finlândia tinha um desempenho apenas mediano nos anos 70, mas agora lidera o mundo em termos de performance educacional.

O Taylorismo é um sistema de organização do trabalho elaborado pelo americano Frederick Taylor (1856-1915). Por ele, os trabalhadores são orientados a repetir ações padronizadas no menor tempo possível, a fim de reduzir custos e aumentar a produtividade.

que usam modelos administrativos de monitoramento, comandos burocráticos e sistemas de controle para dirigir o trabalho deles.

É possível conseguir boa educação com baixos salários no magistério?

Salários adequados são importantes, mas

Especial

DIOGO FIGUEIREDO

Há inúmeros caminhos para transformar a educação. Porém, nem todos são fáceis, nem agradam a todo mundo. Depois de renovar o ensino da Inglaterra com medidas polêmicas – como o fechamento das escolas com desempenho ruim –, desde 2011 sir Michael Barber é Conselheiro Educacional Chefe da Pearson, uma das maiores empresas de educação do mundo, com atuação em mais de 60 países. Hoje, o ex-assessor direto de Tony Blair trabalha com desenvolvimento de produtos e serviços, com foco em economias emergentes. Caso do Brasil, que já foi tema de estudos do especialista, também professor das universidades de Harvard e Londres. Confira na entrevista a seguir (feita por e-mail) a avaliação que Barber faz da educação brasileira.

Quais foram os pontos fracos encontrados nas escolas britânicas? Eles também existem em outras escolas do mundo?

A maior fragilidade das escolas britânicas é a variação de orçamento. Muitas crianças de origem pobre não progredem o suficiente. E, sim, esse problema é encontrado, entre outros, em países como a Austrália e também nos Estados Unidos.

Quais as ações necessárias para melhorar a educação? Como estudantes e professores podem se envolver nisso?

Os três passos mais importantes são: estabelecer patamares claros dos conteúdos que as crianças devem aprender, mensurar o progresso escolar, no nível local e global, e assegurar, por meio do recrutamento e do desenvolvimento profissional, que os professores possuam as habilidades necessárias para educar.

A democracia brasileira é considerada consolidada, ainda que jovem. Que desafios o país deve enfrentar para que as políticas de educação perdurem

ENTREVISTA **Michael Barber**
Conselheiro da Pearson

“O mais importante é investir bem o dinheiro”



ORLY VIVIANI

podem contribuir, ainda que às vezes elas tenham seus próprios interesses.

Hoje, 5,1% do Produto Interno Bruto do Brasil vai para a educação, enquanto algumas entidades tentam dobrar essa taxa. Há um percentual ideal do PIB que deva ser destinado para a educação. O Brasil está longe deste número?

Não existe uma porcentagem ideal. O mais importante é investir bem o dinheiro. De maneira geral, governos em todo o mundo estão gastando mais nas escolas, mas frequentemente reduzindo o subsídio para o Ensino Superior. Indivíduos e companhias também estão gastando mais, então um aumento no percentual do PIB é equivalente. O Brasil está aumentando o investimento em educação de maneira muito rápida, o que pode ser um risco para a qualidade. Nesse caso, uma boa gestão é essencial.

O senhor já afirmou em entrevistas que o Brasil tem boas iniciativas em educação, ainda que elas sejam isoladas. O que esses projetos têm em comum?

A liderança em nível estadual, como em Minas Gerais, por exemplo, é uma condição necessária para o sucesso. No Ensino Superior, certas organizações privadas têm tentado inovar radicalmente, e, quando elas obtêm sucesso, isso desperta o interesse de outros Estados. Por exemplo, a Universidade Anhanguera tem uma abordagem inovadora para o ensino à distância de baixo custo, com um modelo de distribuição mais espreado.

Considerando a alta diversidade do Brasil, quais problemas deveriam ser de responsabilidade do governo federal e quais deveriam ser preocupação dos Estados e municípios?

Infelizmente, não existe uma resposta exata para essa pergunta. O sucesso na Educação Básica, definitivamente, depende do Estado. O governo federal deveria definir parâmetros nacionais, criar metas nacionais, expectativas alcançáveis e utilizar sua crescente capacidade de financiamento para garantir um maior equilíbrio.

“Os três principais passos para melhorar a educação são estabelecer patamares claros dos conteúdos, mensurar o progresso escolar e assegurar que os professores tenham as habilidades para educar

em diferentes administrações?

As maneiras mais importantes de assegurar a continuidade são, primeiramente, alavancar apoio para mudanças através de empresas e líderes comunitários e, em um segundo momento, solucionar os problemas em sua raiz, para que as pessoas dentro e fora do sistema educacional possam ver e sentir o sucesso das mudanças.

No Brasil, boa parte dos programas nacionais de

avaliação do ensino são aplicados pelo governo. Nós deveríamos começar a trabalhar com agências independentes, como ONGs?

Desde que os sistemas de avaliação sejam robustos e livres de influência política, não há problema que o governo os aplique. Muitos países criam agências independentes do Ministério da Educação, para implementar avaliações que sejam independentes e seguras. Organizações sem fins lucrativos, como o excelente Pratham, com atuação na Índia, também

ENTREVISTA Deivis Dutra Pothin Professor brasileiro em Londres

“Culpar o aluno pelo insucesso é falta de profissionalismo”

ÂNGELA RAVAZZOLO
EDITORA DE EDUCAÇÃO

O professor brasileiro Deivis Dutra Pothin descobriu uma nova e desafiadora realidade educacional quando decidiu se mudar para Londres em 2004. Graduado em Letras Português/Inglês pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos) em 2003, foi buscar aperfeiçoamento na Inglaterra e conquistou espaço como professor na St. Luke's CE Primary School. Aos 32 anos, cursando doutorado em Educação na Universidade de Londres, ele acredita que o professor precisa adaptar-se aos diferentes perfis dos alunos e aconselha o Brasil a focar na qualidade. Confira trechos da entrevista concedida por e-mail:

No Brasil, a carreira de professor tem sofrido, ao longo dos anos, uma desvalorização, incluindo questões salariais e também de valorização social. É diferente na Inglaterra?

A carreira de professor na Inglaterra é, sem dúvida, mais valorizada se comparada com o Brasil. Existe um plano de carreira bem estruturado, com salários iniciais relativamente atraentes, um plano de previdência complementar compensador e escolas com excelentes recursos pedagógicos. Um fato interessante é que não há diferença salarial entre níveis de ensino – por exemplo, professores recém-formados ganham o mesmo, seja alfabetizando ou lecionando nos últimos anos. A progressão salarial e de carreira depende do desempenho do professor. Cada vez mais o governo atual tem tentado atrair formandos das melhores universidades para a carreira do magistério. Eles recebem bolsa de estudo e auxílio-manutenção e, depois de formados, aqueles que estiverem dispostos a lecionar matérias com falta de professores, como matemática, física, química e línguas estrangeiras, recebem um bônus no salário.

Qual o maior desafio para os professores na Inglaterra atualmente?

Um dos maiores desafios enfrentados pelos professores ingleses atualmente está relacionado com o plano de carreira. Devido à recessão da economia britânica, os salários estão congelados há cerca de dois anos, a contribuição para a previdência social complementar aumentou, e o governo quer au-



“Além de lecionar no último ano do fundamental, faço parte da coordenação da escola, liderando diferentes áreas do currículo e trabalhando com a diretora e os dois vice-diretores na tomada de decisões estratégicas. Essa experiência me ajudou a ver a escola de uma perspectiva totalmente diferente do que

mentar a idade de aposentadoria de 65 para 68 anos. Outra questão tem sido a sobrecarga de trabalho e o monitoramento constante por parte do departamento de educação. Escolas com baixo desempenho são monitoradas minuciosamente pelo órgão fiscalizador. Apesar de o objetivo de tais inspeções ser positivo, elas sobrecarregam não apenas o professor, mas também a liderança da escola.

A disciplina, ou a falta dela, chega a ser um problema?

A indisciplina é uma realidade principalmente nas escolas de Ensino Médio. O ministério da educação tem tomado algumas medidas dando mais autoridade aos professores e diretores. Por exemplo, professores podem vistoriar mochilas e outros pertences sem autorização do aluno ou dos pais caso suspeitem de que haja drogas, armas ou álcool. Se necessário, professores também podem fazer uso de contato físico, caso o aluno esteja colocando outros ou a si mesmo em perigo. No entanto, a indisciplina, na minha opinião, é apenas um sintoma de que algo não vai bem na escola.

Depois de conhecer o sistema britânico de ensino, houve alguma

mudança na sua percepção da situação educacional brasileira?

Uma das primeiras coisas que aprendi logo que comecei a lecionar aqui é que culpar o aluno pelo insucesso é falta de profissionalismo e injusto com o próprio aluno. A mentalidade aqui na Inglaterra é de que é responsabilidade do professor preparar aulas que sejam interessantes, que desafiem os alunos e que promovam aprendizado. Outra mudança marcante na minha percepção da situação educacional brasileira é a falta de preparo do professor e de muitos coordenadores pedagógicos em promover aprendizado de todos os alunos. Sabe-se que ainda é prática comum em muitas salas de aula brasileiras a cópia ou passar a mesma matéria e atividade para todos os alunos. Isso gera uma série de problemas: ao planejar a aula apenas para o aluno mediano, os alunos com mais dificuldades provavelmente não conseguirão acessar os objetivos, enquanto, aos mais hábeis, sobra desmotivação pela falta de desafios. E a terceira questão que aprendi é a importância da qualidade da liderança no sucesso de todas na escola. No Brasil, apesar da dedicação de muitos diretores, vice-diretores, supervisores e coordenadores, muitos ainda não têm o preparo técnico necessário para gerir uma escola.

Qual a exigência mínima para conquistar uma vaga nas escolas públicas inglesas?

O professor deve alcançar uma titulação de professor qualificado, ou seja, apenas completar o curso superior não é o bastante. É preciso passar nos estágios e no primeiro ano probatório depois de formado. Normalmente, os professores se formam em um bacharelado e fazem uma pós-graduação em tempo integral durante um ano, preparando-se para lecionar. Depois de me formar em Letras na Unisinos, enviei meu histórico escolar e diploma a uma agência do governo britânico que avalia a equivalência de diplomas estrangeiros. Depois de receber a confirmação de que o meu diploma brasileiro era equivalente a um diploma britânico, as oportunidades se abriram e consegui o visto de trabalho na escola onde trabalho até hoje.

O nível de exigência é mais alto do que no Brasil?

Como nas escolas do Reino Unido os alunos passam automaticamente para a série seguinte no final do ano letivo, cabe ao professor diferenciar o conteúdo e as estratégias para que todos avancem. Isso pode ser muito complicado para o professor inexperiente. Digamos que, por exemplo, a turma esteja aprendendo a escrever um conto. Ao planejar as aulas, o professor deve organizar atividades que permitam ao aluno com mais dificuldade escrever uma narrativa com uma estrutura mais simples, enquanto que aos mais hábeis, uma narrativa com estrutura e linguagem mais complexas. No entanto, todos os alunos estarão aprendendo a escrever um conto, mas em estágios diferentes.

As diferenças sociais e econômicas dos estudantes aparecem na sala de aula?

Nas grandes cidades, e especialmente em Londres, muitas escolas recebem alunos de famílias muito carentes. Cabe ao professor planejar aulas e organizar atividades pedagógicas que promovam aprendizado para todas essas crianças. No entanto, uma escola de qualidade não vê essa dificuldade com a língua ou a situação familiar como empecilho, mas como um desafio, oferecendo a essas crianças um espaço seguro para que elas se desenvolvam, aprendam e se socializem. Acho que essa é a grande lição para a educação brasileira: investir em qualidade, promover aprendizado para todos na sala de aula e não aceitar que a situação socioeconômica dos alunos limite o potencial de cada um.

VANIA MARTA ESPEIORIN

A necessidade de mais valorização dos docentes é quase unanimidade nas manifestações de especialistas da área da educação. Dilvo Ristoff é professor da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e também defende essa perspectiva, aliada a uma maior atenção à infraestrutura e à implementação da escola integral. Ex-pró-reitor de graduação da UFSC e ex-diretor de Estatísticas e Avaliação da Educação Superior do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais (Inep/MEC), o pesquisador é formado em Letras, doutor pela University of Southern California e autor de vários livros. Ristoff concedeu a seguinte entrevista por e-mail ao Grupo RBS:

vania.espeiorin@pioneiro.com

Como está a qualidade da educação básica no Brasil?

Os problemas de baixa qualidade da educação básica constatados nos exames de rendimento acadêmico (Saeb, Prova Brasil, Enem, Pisa) derivam, principalmente, de dois fatores. Um deles trata do processo ainda novo de transição de um sistema de acesso de elite para um sistema de acesso universal. Sou da geração que ainda fez exame de admissão ao ginásio. O Brasil ainda fazia exame de admissão para um nível educacional já há muito universalizado em outros países. Esse processo, por incrível que pareça, ainda não está 100% concluído. Teríamos que ter escola de tempo integral, instalações físicas e apoio acadêmico-social-profissional para tornar a permanência na escola segura, agradável, enriquecedora, desejável. Temos pouco e, por isso, comparando com outros países e com o nosso passado elitista e excludente, temos uma escola de baixa qualidade. O outro fator é o imprevisto no corpo docente. Em todas as disciplinas da educação básica, há falta de professores com formação específica. Cerca de 50% dos professores da educação básica são improvisados. Em algumas disciplinas (Física, Química, Sociologia e Filosofia), o quadro é extremamente grave e, pior, apesar das medidas adotadas pelo governo federal nos últimos anos, o quadro não se alterou. A se manter a atual tendência, deveremos ter

ENTREVISTA Dilvo Ristoff, professor da Universidade Federal de Santa Catarina

“Estados e municípios não estão sabendo cuidar da educação”



se sistêmica. A solução passa pelos vários níveis educacionais e, claro, pelos sistemas educacionais e seus agentes. Ou eles aprendem a colaborar, como exigem a Constituição e a LDB, ou não conseguiremos resolver essas crises. O que se observa é que o interesse pelas licenciaturas vem diminuindo ano a ano, como mostra o decréscimo no número de matrículas e de concluintes constatado pelas últimas edições do Censo da Educação Superior. Observa-se também um encolhimento do ensino médio. Desnecessário dizer que será impossível melhorar os indicadores da educação superior enquanto tivermos apenas 50% dos jovens de 15 a 17 anos no ensino médio.

Há pontos positivos?

Muita coisa positiva está acontecendo. Na educação superior, há a recuperação da rede federal, que estava sucateada e há décadas relegada à própria sorte, tendo gerado no interior dos campi uma privatização clandestina e perversa através da hipertrofia das inúmeras fundações de apoio. Observamos um processo agressivo de interiorização da rede pública federal, abrindo oportunidades que antes não existiam a jovens de baixa renda e filhos de agricultores, revertendo o processo de litoralização da população e com grande impacto sobre as economias locais e regionais. A expansão da rede federal de educação tecnológica deverá ter grande impacto na formação de profissionais qualificados e necessários ao país. E a criação de universidades estratégicas também merece ser mencionada.

O que os governos deveriam fazer com urgência em benefício do setor educacional?

Melhorar a atratividade da profissão do professor (com salários equivalentes a outras profissões com o mesmo nível de escolaridade, carreira promissora, com progresso por mérito, formação continuada em nível de especialização, mestrado e doutorado). Deve-se instituir de vez a escola de tempo integral, a exemplo do que ocorre em países avançados, e salvar o ensino médio, com um Fundeb mais agressivo e com propostas curriculares mais inteligentes, com uso intensivo das tecnologias da informação e comunicação. Outra ação necessária é garantir a sustentabilidade da expansão, dos salários, da melhoria da qualidade, com aplicação de 10% do PIB na próxima década.

professores improvisados ainda por décadas. Claro que há outras razões que se traduzem em baixa qualidade: currículos escolares mal concebidos, licenciaturas com cara de bacharelados, distanciamento entre a escola e as universidades e entre secretarias de educação e universidades, estágios insuficientes.

Como o senhor observa o ensino público no país?

Há uma situação esquizofrênica quando pensamos a educação como um todo. O ensino fundamental é 90% público; o ensino médio é 90% público; a graduação é 75% privada e a pós-graduação é 84% pública. O setor público é, na maioria das vezes, de melhor qualidade na graduação, nos mestrados e doutorados. É melhor na rede federal de ensino médio, em especial, nas escolas técnicas federais e nos colégios de aplicação federais. O ensino público estadual e municipal, no entanto, é pior que o privado e o federal. Isso mostra uma crise sistêmica que precisa ser tratada. Estados e municípios não estão sabendo cuidar adequadamente da educação dos níveis pelos quais devem responder. Pior: alguns municípios e Estados ainda insistem

BOAS PRÁTICAS



No Vale do Paranhana (RS), escolas seguem um modelo de avaliação em que toda a comunidade participa

MARCELO GONZATTO

Nem só de mazelas e queixas vivem as salas de aula comandadas por educadores brasileiros. Uma seleta amostragem destes pioneiros, que trabalham em locais e culturas tão variados como o interior gaúcho, o Ceará e os Estados Unidos, demonstra

que o próprio Brasil pode servir de inspiração para o restante do país superar dificuldades históricas. – O enorme atraso do nosso ensino, que não faz jus à maioria dos demais indicadores do país, exige novas formas de promover a educação. Mais do que exigir isso somente dos professores, é fundamental que se mudem

mentalidades dos gestores e da própria sociedade – afirma o consultor de projetos de tecnologia educacional Carlos Seabra. Confira, nas próximas páginas, exemplos de quem já faz educação com mentalidade nova.

marcelo.gonzatto@zerohora.com.br

MARCO DE SOUZA

1 A receita de Igrejinha: todos avaliam todos

Em uma escola municipal de Igrejinha, no Vale do Paranhana (RS), alunos costumavam se envolver em algazarras que por vezes resultavam em desentendimentos. A solução não veio da direção, de um orientador educacional ou de um professor. O diagnóstico do problema partiu do vigia da escola, graças a um sistema de avaliação que incluiu a cidade gaúcha em uma lista de boas práticas elaborada pelo Ministério da Educação. A cidade de 31,6 mil habitantes implantou um modelo de monitoramento institucional em que todos avaliam todos, apontam falhas e revelam caminhos por onde o sistema pode progredir. Por meio de questionários entregues a pais, alunos, professores, funcionários de escola e gestores, a secretaria municipal conseguiu identificar problemas, buscar soluções e desatar nós que possam limitar o desenvolvimento dos alunos.

Em um desses questionários, um vigia apontou que a bagunça cotidiana era agravada pela demora dos professores em chegar às salas de aula. A razão? Levava muito tempo para preencherem o livro-ponto. Identificada a razão do transtorno, o município comprou relógios automáticos que diminuiriam a burocracia e o tempo em que os alunos ficavam sem supervisão. – É um exemplo simples de como o sistema em que todos se avaliam funciona. Assim, podemos identificar problemas e melhorar sempre – observa a secretária municipal da Educação, Liége Brusius, uma das criadoras do sistema juntamente com as assessoras Sigrid Izar Becker e Adriana Odete Koch dos Santos. Por meio dos questionários, elaborados com perguntas diferentes para pais, alunos ou professores, por exemplo, é possível medir a satisfação de cada grupo com as condições

de ensino, apontar deficiências de infraestrutura ou falhas de metodologia. O questionário é distribuído a cada três anos – com um índice de devolução superior a 90%. No intervalo entre as edições da pesquisa, em um ano são propostos planos de ações para corrigir os defeitos apontados e, no outro, esses planos são colocados em prática. Os efeitos positivos incluem uma maior integração dos pais às escolas e melhoras no desempenho dos estudantes – desde 2005, o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) subiu de 4,7 para 6,1 nas séries iniciais. – Muitas escolas se queixam de que os pais não participam. Derrubamos esse mito. Eles só não participam se são chamados apenas quando há alguma reclamação, e no horário de trabalho. Quando eles sentem que podem contribuir, participam – resume a secretária.

RESUMO DA IDEIA

Estabelecer um sistema de avaliação institucional, periódico, por meio de questionários submetidos a toda a comunidade escolar – incluindo alunos, pais, professores, gestores e funcionários de escola. Os resultados geram planos de ação.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > Aproxima os pais da administração escolar, fazendo-os participar ativamente da identificação de problemas e da busca de soluções.
- > Dá voz aos estudantes, que passam a se sentir mais valorizados pelo sistema escolar.
- > Permite que a comunidade escolar avalie também os gestores municipais da área.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > Muitas das redes de ensino são resistentes a avaliações, pelo temor de maus resultados e de cobranças.
- > Os gestores da educação não costumam ser formalmente avaliados pela comunidade escolar.
- > Não há um plano detalhado de coleta de sugestões, implementação de mudanças e cobrança das ações prometidas.

2 Lista de material em Porto Alegre: lápis, cadernos, livros e... tablet

Tem o tamanho aproximado de um caderno, mas nele cabem palavras, desenhos, sons, movimentos, jogos e tudo que se possa imaginar. O tablet, espécie de prancheta digital que roda aplicativos e permite conexão à internet, vem conquistando espaço como ferramenta didática nas salas de aula do mundo inteiro – inclusive em escolas gaúchas.

Em Porto Alegre, o Colégio Israelita começou um projeto-piloto no ano passado envolvendo a Educação Infantil. O sucesso e o interesse dos alunos mais velhos foram tão grandes que neste ano a iniciativa foi estendida para todos os mais de 700 estudantes. Foi criado até mesmo um núcleo especializado em que os próprios alunos do Ensino Médio desenvolvem aplicativos, como jogos pedagógicos, no turno inverso às aulas.

– Ainda é um projeto em fase inicial, mas que já vem apresentando bons resultados – afirma a diretora-geral da escola, Mônica Timm de Carvalho.

A responsável ressalta, porém, que a tecnologia de ponta não substitui a leitura do bom e velho livro, as explicações dos professores e outros recursos tradicionais.

– O tablet é um elemento a mais, que não podemos ignorar porque faz parte da vida de crianças e adolescentes. Para eles, a tecnologia é uma coisa natural – sustenta Mônica.

Como o uso do tablet varia conforme

o aplicativo, ele pode ser utilizado das mais diversas formas. No segundo ano do Fundamental, por exemplo, crianças usam uma espécie de quebra-cabeças em que têm de deslocar barras coloridas até que uma se encaixe em um local pré-determinado. Assim, treinam o raciocínio lógico e a coordenação motora. Por ser portátil, leve e prático, permite que várias crianças se reúnam em volta de um e testem hipóteses em grupo para resolver problemas, por exemplo.

Para utilizar a ferramenta da melhor forma, os professores do colégio começaram a receber orientações específicas na universidade corporativa da escola – onde os educadores participam de formação complementar.

Dos 89 educadores do Israelita, cerca da metade já está fazendo uso dos 35 equipamentos disponíveis em sistema de revezamento.

RESUMO DA IDEIA

Empregar tablets como recurso pedagógico na sala de aula, utilizando aplicativos próprios para fins didáticos, como jogos de raciocínio lógico, matemática ou língua portuguesa.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > É leve, portátil e de fácil manuseio por crianças menores, que por vezes apresentam difi-



O tablet é ferramenta para a sala de aula, exigindo treinamento por parte dos professores

HELEN ZODDO

culdades para lidar com o mouse de computadores tradicionais.

- > Facilita o trabalho em grupo.
- > Em vez de os alunos terem de se deslocar a um laboratório de informática, podem usar os dispositivos na sala de aula.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > A interação mais comum com a tecnologia é

em laboratórios de informática, com computadores divididos entre os alunos, e em horários pré-determinados.

- > Poucas escolas, principalmente da rede pública, fazem uso de aparelhos mais sofisticados, como tablets.

> Nem sempre a informática é utilizada de maneira a potencializar o estudo de disciplinas variadas, como português, matemática ou história.

3 Projeto em São Paulo treina os professores na sala de aula

Um dos problemas da educação brasileira, conforme especialistas, não está nas salas de aula das escolas, mas nas salas onde estudam os próprios professores para se graduarem.

Deficiências na formação dos educadores, principalmente pela ausência de maior treinamento prático, acabam se refletindo em dificuldades de ensino nas salas de aula dos colégios. Para suprir essa lacuna, um projeto pioneiro apoiado pela Fundação Itaú Social e aplicado em 10 escolas públicas de São Paulo criou um método de formação em serviço. A proposta é treinar um professor mais experiente, com reconhecida capacidade, para atuar como tutor de outros educadores. Além de ajudar a planejar aulas e

atividades por meio de reuniões periódicas, o tutor acompanha algumas aulas do colega e sugere mudanças que podem melhorar o desempenho.

Entre as falhas corriqueiras estão hábitos como ficar muito tempo de costas para os estudantes, não reservar tempo para eles falarem, não direcionar perguntas à turma, entre outros pequenos pecados didáticos que só podem ser flagrados em plena atividade. O problema é que nem todos os educadores gostam de ser observados trabalhando.

– Há uma dificuldade inicial, porque a entrada em sala é vista como “intromissão”. Mas o tutor não é um fiscal. A resistência acaba superada porque os professores estão ávidos por apoio – afirma Isabel Santana, gerente da Fundação Itaú Social.

RESUMO DA IDEIA

Oferecer apoio aos professores por meio de um trabalho de tutoria realizado por outros educadores, que observam aulas, sugerem adaptações e ajudam a planejar as lições.

PRINCIPAIS AVANÇOS

> Compensa uma lacuna na formação de professores do Brasil atualmente, que carecem de maior orientação prática e metodologia de ensino.

> Permite que o professor reflita sobre os seus hábitos de trabalho e ainda corrija deficiências, em vez de lecionar durante anos no “piloto automático”.

> Facilita uma maior estruturação das aulas,

ao permitir que uma pessoa treinada participe desse processo.

PRINCIPAIS AVANÇOS

> A ênfase da formação de professores na universidade é teórica, com pouca aposta em práticas de ensino.

> Os cursos de aperfeiçoamento costumam ser realizados fora do ambiente de trabalho do professor, o que impede a observação de falhas em sala de aula.

> Deficiências de desempenho ou problemas disciplinares costumam ser apontados como consequência de “turmas difíceis”, e não de eventuais falhas do educador, como falta de liderança em aula.

BOAS PRÁTICAS



Na escola municipal Luiz Cândido da Luz, de Florianópolis (SC), a maioria dos alunos passou a ter mais interesse no aprendizado com o currículo mesclado com oficinas de arte e esportes

ANDRÉ LOPES

4 Exemplos positivos para virar o jogo

JÚLIA ANTUNES LORENÇO

Mesmo quando os dados não são os melhores e mostram que a educação precisa avançar, projetos e iniciativas em Santa Catarina, no Brasil e em outros países são exemplos de que é possível virar o jogo. Por trás deles, muita boa vontade e dedicação dos estudantes, participação da sociedade civil e do poder público. O resultado de muitos deles é uma melhora na autoestima dos estudantes, além de diminuição nos índices de reprovação e evolução nos indicadores de qualidade.

julia.antunes@diario.com.br
educacaosc@diario.com.br

Uma mudança moldada por música, arte e esportes. Apostando na educação integral, a escola municipal Luiz Cândido da Luz, em Florianópolis, tem transformado o clima do local, que já sofreu com a violência e pouco envolvimento dos estudantes e da comunidade. À frente destas mudanças está a diretora Marcela de Leon. O trabalho, que começou na gestão anterior, foi intensificado por ela. O colégio tem dois projetos de ensino integral, um do Ministério da Educação, chamado Mais Educação, de sete horas por dia na escola, e outro da própria instituição. Nele, o aluno fica nove horas no colégio, com um currículo que mescla disciplinas regulares e oficinas. Dos 740 estudantes, cerca de 500 passam mais tempo no colégio. Apesar de a educação integral ser um diferencial, a diretora observa que não será a salvação:

– Depende de políticas públicas, formação dos professores, incorporação das novas tecnologias.

Aos alunos são oferecidas oficinas de violão, dança, jiu-jitsu, capoeira, karatê, dança, futsal, percussão, dese-

no, basquete e vôlei. Há ainda o coral, que coloca os estudantes em contato com a música popular brasileira. A iniciativa, que começou com 33 alunos, hoje tem 53 e já foi premiada pela prefeitura, justamente por ajudar a promover estas transformações na escola. A professora Jaqueline Rosa sente que as aulas melhoram a confiança dos alunos, que se apresentam fora da escola. Ainda desperta a responsabilidade e o comprometimento. O estudante não pode faltar e precisar ir bem em sala de aula.

As mudanças não param no envolvimento dos estudantes. A diretora também percebeu que os pais não iam à escola. Para garantir a presença dos responsáveis, as avaliações são entregues aos sábados, junto com um café, quando cada professor leva um prato.

Além disso, a unidade promove alguns eventos, como festa junina, que neste ano foi aberta à comunidade. Marcela comemora o fato de não ter sido registrado nenhuma briga ou confusão. Ela não nega que é um trabalho difícil, mas afirma, sem pestanejar, que é possível.

Júlia Antunes Lorenço
Repórter de Educação

Mudança de atitude

Em 2010, a reportagem do Diário Catarinense entrava na escola Luiz Cândido da Luz por um motivo preocupante. A violência dentro de colégios de Florianópolis estava virando rotina, e a Luiz Cândido enfrentava o problema. Foi um dia chuvoso de setembro, o que deixava a escola com um aspecto mais desolador. Paredes descascadas, portas com fechaduras quebradas e alunos que passeavam pelos corredores, em horário de aula. Desta vez, a reportagem voltou por outro motivo. Ao pisar no colégio, logo foi percebida melhoria na infraestrutura. As paredes ganharam azulejos coloridos e pinturas novas. Por trás da aparência, a mudança mais profunda veio com a evolução no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2011. Era 4,4 em 2009 para 5,8. Que virada.

5 Alunos viram inventores

Já pensou entrar em uma escola onde a sua principal tarefa é sonhar com uma invenção e tentar transformá-la em realidade? Esse tipo de colégio, onde aulas convencionais e decoreba não têm vez, já existe: três estão nos Estados Unidos, um na Rússia e outro na Tailândia.

Mas o responsável por lançar um dos mais instigantes projetos de revolução educacional dos últimos anos é brasileiro. Professor na universidade americana de Stanford, Paulo Blikstein é o responsável pelo projeto FabLab@School (FabLab é abreviatura em inglês para “laboratório de fabricação”).

O projeto é instalar, nos colégios, laboratórios onde é possível fabricar praticamente qualquer coisa, com auxílio de computadores, máquinas de corte de materiais a laser e outros equipamentos. Pode-se criar um veículo automotor com sensor para evitar choques, por exemplo, ou um sistema para desligar lâmpadas automaticamente e poupar energia.

– Nos nossos laboratórios, o aluno tem liberdade para criar, mas percebe que, para criar algo interessante, precisa entender a ciência e a engenharia por trás da ideia, então você tem o melhor dos dois mundos – vibra Blikstein.

RESUMO DA IDEIA

Implantar laboratórios de design nas escolas para estimular o interesse e facilitar o aprendizado dos alunos por meio de desafios práticos.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > O aluno se sente motivado a aprender conceitos de matemática, física e de outras disciplinas a fim de tornar seus projetos pessoais uma realidade.
- > Desenvolve o empreendedorismo e facilita a inserção no mercado de trabalho.
- > Estimula o gosto pelo estudo e a criatividade.

COMO SE FAZ HOJE NO BRASIL

- > O ensino é baseado em teorias, memorização de fórmulas e conceitos sem aplicação prática.
- > A motivação para estudar normalmente é imposta de fora, por meio da necessidade de obter boas notas em provas, por exemplo.
- > Os laboratórios de disciplinas, quando disponíveis, contam com pouca tecnologia.

Em Sobral, no Ceará, as escolas melhoraram o desempenho a partir de mudanças na seleção de diretores



REBEKAH DE SOBRAL/ANTUNES

6 Sobral, Ceará: o mérito revolucionou o ensino

Há cerca de 10 anos, uma cidade cearense ostentava índices vergonhosos na educação básica: praticamente a metade dos alunos concluía a segunda série sem conseguir ler um texto, uma frase, uma palavra. Hoje, 97% das crianças estão aprendendo a ler no prazo adequado. A cidade promoveu nesse período uma revolução baseada na valorização do mérito, que teve efeitos amplos e vem chamando a atenção de especialistas.

A implantação de uma série de medidas fez com que a rede da cidade de 188 mil habitantes obtivesse o segundo melhor de-

sempenho municipal de todo o Nordeste pelo mais recente Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (média de 7,3), e quase zero o abandono escolar nas séries iniciais.

Graças a esses feitos, virou exemplo em um documentário lançado recentemente pela Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômico. A receita nordestina apresenta ingredientes pouco comuns na educação brasileira: os diretores deixaram de ser escolhidos por votação ou indicação política e passaram a ser nomeados por meio de concursos.

– Criamos uma seleção rigorosa, com

prova escrita, avaliação comportamental e entrevista – revela o secretário municipal de Educação de Sobral, Julio Cesar da Costa Alexandre. Além disso, foi reduzido o número de escolas do município para otimizar recursos, os professores passaram a receber cursos frequentes de formação e bônus de R\$ 800 para a aquisição de um computador para uso próprio.

Todo esse processo é completado pela realização de duas avaliações anuais.

– Fazemos uma prova por semestre para avaliar o desempenho dos estudantes, das escolas e de toda a rede – conta o secretário.

RESUMO DA IDEIA

Implantar um novo sistema de gestão que valoriza o mérito de diretores, coordenadores pedagógicos e professores, oferece formação continuada, material didático organizado, e monitora o desempenho da rede por meio de duas avaliações anuais realizadas mediante aplicação de provas.

PRINCIPAIS AVANÇOS

- > Escolhe diretores e coordenadores pe-

dagógicos por meio de seleção específica que prioriza liderança, capacidade de gestão e conhecimento sobre a educação.

> Proporciona formação continuada por meio de iniciativas permanentes, como cursos pedagógicos para professores e oficinas de liderança para gestores, por exemplo.

> Avalia permanentemente os alunos, controla a presença em sala de aula e premia professores com bom desempenho.

COMO SE FAZ HOJE NO BRASIL

> A escolha de diretores escolares nem sempre leva em conta o mérito, podendo envolver decisões políticas.

> O professor costuma ter dificuldade para receber materiais didáticos suficientes e formação permanente.

> Seguidamente, as secretarias não conseguem ter um controle preciso do desempenho de cada aluno e agir a tempo de evitar uma reprovação.

BOAS PRÁTICAS

Caxias do Sul
VANIA ESPEIORIN

São várias as possibilidades de respostas para justificar a má posição do país na educação, mas nenhuma é tão contundente como a falta de prioridade. Diante da primeira pergunta da campanha de Educação que a RBS lançou – Por que, mesmo sendo a 6ª economia do

mundo, o Brasil ainda está no 88º lugar no ranking mundial da educação? –, especialistas compartilham opiniões e percebem que a educação é tratada de forma secundária no país. Tanto governos quanto o povo precisariam considerá-la prioritária na prática, não apenas na teoria e nos discursos, opinam os estudiosos. A reportagem conferiu situações de colégios

que driblaram problemas e colhem resultados, como a Escola Municipal Oscar Bertholdo, de Farroupilha (RS), que teve salto de 6,0 para 7,7 no Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb), e a Escola Estadual Abramo Eberle, de Caxias do Sul (RS).

vania.espeiorin@pioneiro.com

ESCOLA JOÃO TRICHES
As alunas Sttephany Gonçalves (em segundo plano, à esquerda) e Eduarda Fontoura (à direita) queixam-se por não haver livros suficientes para toda a classe



7 Sem livros, alunos trabalham em dupla em Caxias

Além da falta de salas para reforço e de pessoal de limpeza, os alunos do Ensino Médio da Escola Estadual João Triches, em Caxias do Sul, convivem com outra ausência. Não há livros didáticos suficientes nesta etapa, justamente a fase em que o RS mais amarga desqualificação. O último Ideb aponta que o RS baixou a nota de 3,9 (2009) para 3,7 (2011) no Ensino Médio. A meta era 4. Ironicamente, na semana passada, o jornal Pioneiro mostrou livros didáticos sem uso no lixo.

– Os livros que o Ministério da Educação envia são de qualidade. Só que a gente faz a escolha, mas não vêm para todos os alunos – lamenta a diretora Fabiana Andréa Daris.

As estudantes do 2º ano do Ensino Médio Sttephany Gonçalves, 14 anos, e Eduarda Fontoura, 16, mostram que um dos problemas de trabalhar em dupla ocorre quando um dos alunos falta.

– Quando o colega não vem e o livro está com ele, a gente tem que se juntar à outra dupla. Isso causa transtornos – avalia Eduarda.

Professor de matemática, Tiago Signor vê que o trabalho em dupla é produtivo até certo ponto. Há vezes em que é mais adequado o trabalho individual. Diante da carência de livros, tem de passar tarefas no quadro ou ditá-las. O Pioneiro entrou em contato com o MEC para abordar o assunto, mas não obteve retorno.

8 Vacaria tenta atrair os pais

Na Escola Municipal de Ensino Fundamental Soli Gonzaga dos Santos, em Vacaria (RS), a meta é atrair as famílias. Na avaliação da diretora Silvana Gomes Maineri, a baixa participação dos pais é um dos aspectos que influencia no rendimento da escola no Ideb. Nos anos finais, a nota foi 2,5, e nos iniciais, 4,4. A cada semana, um tema diferente é trabalhado em sala de aula. Depois, os estudantes levam textos para casa e convidam os pais a lê-los. Solidariedade e importância da família estão entre os temas, substituídos a cada 15 dias.

A diretora estima 10% de reprovação em algumas séries. Para diminuir o índice, o colégio investe em aulas de reforço no turno contrário. Silvana

calcula, no entanto, que 20% dos que precisam do reforço não comparecem.

– Acreditamos que, se os pais participassem mais, não haveria tanta reprovação. Nosso trabalho é para tentar trazer os pais para a escola. Quando os pais acompanham, os alunos são ótimos – afirma.

A escola fica no bairro Monte Claro, mas recebe alunos da redondeza e até de outras cidades. Alguns estudantes frequentam as aulas apenas na época de colheita da maçã, nos primeiros meses do ano. Depois, famílias inteiras deixam a cidade. Esses aspectos também contam para o baixo resultado, porque o Ideb é calculado pelo desempenho dos estudantes em avaliações de Português e Matemática e pelas taxas de aprovação, reprovação e abandono escolar.

9 Normas melhoram a convivência em escola de Farroupilha

Há cinco anos, a direção e os professores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Oscar Bertholdo, de Farroupilha (RS), notaram que havia espaço para uma melhora no comprometimento dos alunos em relação às tarefas e às atitudes. Surgiu a ideia de fazer uma pesquisa com a comunidade escolar para elaboração do Livro das Normas de Convivência. O Conselho Escolar acatou a iniciativa e começou a coleta de opiniões. Nasceu uma lista de regras, com penalidades aos descumpridores. Essas normas são revistas anualmente. Entre as proibições, estão: usar celular e ficar de namoro no colégio. Dez faltas leves transformam-se em uma infração grave e o aluno é excluído dos passeios de estudo. A agressão física é grave. A turma que não tiver infração alguma é premiada. Esses critérios, na opinião da diretora Neuza Prestes dos Santos, tratam de comportamento, mas também têm ajudado na aprendizagem. No Estado, o colégio foi o terceiro melhor colocado no Ideb nos anos iniciais. Além disso, a ex-aluna Laura Dietrich acaba de ganhar medalha de ouro na 7ª Olimpíada Brasileira de Matemática, disputada em 2011, quando ainda estudava no colégio.

– Apostamos o ano todo na qualidade, por isso estamos colhendo frutos. Temos um grupo de estudos empenhado e procuramos fazer uma gestão em conjunto com pais, alunos, professores e funcionários. As normas de convivência, por exemplo, foram criadas no coletivo – frisa Neuza.

Morgana Puhl, de 11 anos, do 6º ano, acredita que as regras ajudam o aluno a se organizar melhor no dia a dia de estudos. Numa visita à escola, que tem 399 estudantes e 28 professores, é possível verificar que as normas auxiliam na organização da instituição.

Em tom de brincadeira, os alunos fazem cara feia quando veem o Livro das Normas. Mas, a exemplo de Felipe Lago, 10 anos, do 5º ano, são unânimes em dizer que passaram a ter mais responsabilidade sobre tarefas e ações. Anelise de Almeida Gajardo é professora do 5º ano e diz que as normas ajudam inclusive na condução das aulas. Segundo ela, no caso do Ideb, houve forte preparação dos alunos com conteúdos e testes simulados que o próprio Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) disponibiliza.

– Toda prova gera desconforto. Por causa disso, fizemos testes antes. Mas não só por causa do Ideb. Fizemos em benefício do estudante, estimulando o aprendizado e o preparo. Aqui, aprendemos com o aluno. Desempenhamos o papel do professor-mediador. Docente motivado faz a diferença. Os alunos sentem que você está feliz no que faz. Também ouvimos muito os pais – conta Anelise.



Professoras Simone e Vania adotaram programa que permite inserir imagens, vídeos e comentários sobre a obra lida

10 Computador é chamariz em Flores da Cunha

As aulas de Português tornaram-se muito mais atrativas desde que passaram a compor projeto integrado às aulas de Informática na Escola Municipal de Ensino Fundamental São José, em Flores da Cunha (RS). Os alunos leem livros e, depois, produzem uma resenha virtual na internet. A meta é ler um livro por mês. A recompensa: o colégio obteve nota 6,3 para os anos finais no Ideb. O São José celebra o segundo melhor Ideb da região, atrás das escolas municipais Santa Cruz (6,8), de Farroupilha, e Imaculada Conceição (6,5), de Guaporé, e o quinto melhor do Rio Grande do Sul. O projeto foi implantado em 2000. Atualmente, é dirigido a uma turma de 7ª série e a duas de 8ª.

Os programas estão disponíveis gratuitamente na internet e são sugeridos pelas professoras das duas disciplinas.

– As tecnologias precisam estar incorporadas ao português. Os alunos não têm de escrever apenas para o professor, mas para o mundo – teoriza a professora de português, Simone Viapiana.

– Para adolescentes, é preciso procurar novidades que atraiam a atenção – complementa a professora de informática, Vania Brachini Muraro.

As professoras comemoram: os alunos apresentaram melhora em escrita e interpretação de textos. Notas vermelhas são raras. Ao final do projeto, os trabalhos são divulgados no blog da escola. A escola conta com uma sala de informática

com 14 computadores e uma lousa digital. Além de português, outras disciplinas também recorrem à tecnologia.

Integrantes do Conselho de Pais e Mestres (CPM) ou não, a maior parte das famílias tem participado ativamente, garante a diretora Carmen Nadir Grison. É graças ao esforço dos pais que a escola paga os salários de uma psicóloga e uma estagiária que atendem a toda a comunidade escolar. Para custear projetos como os das aulas de português na internet, há verba de empresas que abatem valores do Imposto de Renda e auxílios municipal e federal.

O colégio também está atento aos boletins. Pais de estudantes com notas baixas são convocados para comparecer à escola.

11 Mais atenção aos casos de indisciplina na Serra

Embora pequena, com 350 alunos e 22 professores, a Escola Estadual Abramo Eberle, de Caxias do Sul (RS), recebe diversos alunos de outras instituições de ensino. Uma parcela deles (cerca de 8%) traz registros de indisciplina. Analisando essa realidade, a direção e o time de professores arregaçaram mangas e decidiram investir em ações que pudessem ajudar esses estudantes a melhorarem o comportamento.

A escola bateu à porta de vários órgãos até conseguir uma psicopedagoga

com a 4ª Coordenadoria Regional de Ensino. A profissional atende só em dois turnos semanais, mas, com a colaboração dos educadores, os resultados estão aparecendo.

– Esses alunos só serão melhores se os estimularmos. Às vezes, já são trazidos pelos pais com motivação negativa. Fazemos um trabalho de apoio, que é bom para seu progresso e acolhida. Aos poucos, vemos que vão evoluindo na maturidade e na qualidade da aprendizagem – frisa a vice-diretora da manhã, Terezinha Borges Gomez.

Esse trabalho, explica a vice, exige empenho e paciência dos educadores, afinal, o avanço dos estudantes nas atitudes é gradual. Nesse sentido, a escola tem regras e procura desenvolver o ensino na perspectiva do amor exigente. Há atenção ao aluno, mas há também limites. Diante do esforço do grupo docente, Terezinha aproveita para reivindicar melhores condições ao governo do Estado:

– Pedimos a mesma dedicação que destinamos aos alunos e um olhar mais atencioso para que possamos trabalhar com mais dignidade.

BOAS PRÁTICAS

Chega a 8% o número de jovens que deveriam estar nas salas de aula do Ensino Médio da rede pública de Joinville que abandonaram os estudos. A média é menor que o índice nacional, de 10,8%, e catarinense, que registrou 9,2% em 2011.

A capital, Florianópolis, tem um índice mais alto – são 13,5% das crianças e adolescentes fora da escola. Mesmo assim, a situação da mais populosa cidade de SC é preocupante. Os motivos para a evasão escolar podem ser trabalho, situação social

e até falta de interesse. Mas como mudar? Com a combinação de empenho e sensibilidade de professores e pais é possível virar este jogo. Conheça os exemplos bem-sucedidos das escolas estaduais Gertrudes Benta Costa e Tufti Dippe.



Emanoelle (E) e Láysa sabem conciliar a escola com o trabalho; Murilo cuida das notas para não ter que deixar a natação

12 Equilíbrio entre trabalho e estudo

Murilo Renan Tavares, 15 anos, compete por Joinville na natação e tem uma rotina diária de treinos. Emanoelle Darassi, 16, trabalha em uma loja de decoração. Láysa Antônia Martim, 15, é jovem aprendiz e trabalha em uma creche. Durante o dia, eles não param. Do trabalho, vão para a Escola Estadual Tufti Dippe. E não se cansam. Eles sabem o que querem para o futuro e fazem de tudo para equilibrar boas notas e um dinheirinho no bolso.

– Uso o salário para comprar coisas para mim. Eu quis trabalhar e meus pais apoiaram. Mas, para continuar, preciso ter boas notas – conta Emanoelle.

Murilo ainda viaja para competições e fica fora alguns dias da escola. Mas se as notas começarem a baixar, sabe que terá que abandonar o esporte. Por isso se empenha.

– Temos bons exemplos na escola. A maioria dos adolescentes trabalha para conquistar o seu dinheiro, para comprar um tênis bacana. Alguns ainda ajudam a

família, mas a maioria quer contar com uma renda própria – revela a diretora, Emma Zenei Dal-Ry Cavalheiro.

No entanto, é por causa deste dinheirinho que os adolescentes do Ensino Médio têm deixado a escola. Para se ter uma ideia, o período noturno na Tufti Dippe conta com 148 alunos – destes, 135 trabalham. Em uma média de três anos, dos 450 alunos novos, 217 abandonaram os estudos – quase 50%. Foi preciso apoio da Gerência Regional de Educação e do governo federal para diminuir o abandono. Programas de ensino profissionalizante como o Pronatec e o Mais Educação, que oportuniza aulas extras de português, matemática e atividades extracurriculares, têm colaborado. A Tufti Dippe implantou, a partir do 1º ano do Ensino Médio, o chamado ensino inovador. As aulas são realizadas o dia inteiro, três vezes por semana, com disciplinas diferenciadas.

– Com a boa vontade de todos, dá para fazer a diferença – acredita a diretora.

13 O que fazer para diminuir a evasão

Sabe quando os especialistas afirmam que a escola precisa ser um ambiente acolhedor? Que o aluno precisa entender a importância da educação e se sentir à vontade na sala de aula? É a mais pura verdade. Não há como evitar a evasão escolar e, consequentemente, a distorção de séries/idades se os adolescentes não se sentirem recompensados com os estudos. Joinville ainda registra um índice satisfatório na área – abaixo das médias brasileira e catarinense. Em 2011, o Inep registrou 8% de abandono somente nas escolas públicas da cidade. O recorde – a menor taxa de abandono – foi registrado no ano de 2009, quando apenas 6,3% de crianças da rede pública abandonaram os estudos durante o ano.

No entanto, não existe uma fórmula secreta para evitar a evasão. Para a professora da Univille e mestre em educação Rosânia Campos, este é o grande dilema da educação em Joinville e no

Brasil. Para ela, hoje é preciso repensar o Ensino Médio.

– Avançamos bastante no Ensino Fundamental, principalmente nos anos iniciais. O Ensino Médio é o grande desafio. O Brasil carece de políticas públicas para juventude, e as duas coisas estão interligadas. Avançamos na infância e houve um vácuo nas políticas para a juventude – analisa a professora. – É importante ter projetos para os jovens, pensar num currículo inovador. Mas, na minha opinião, se isto não for articulado com a valorização do professor, não vamos conseguir.

Para motivar os adolescentes, a professora e coordenadora do curso de Pedagogia da Univille, Sonia Regina Pereira, acredita que o ensino integral e inovador pode ser uma boa solução.

– Mas existem programas do governo federal que oferecem bolsas para alunos. Deveríamos ampliar este número de bolsas. Até porque eles querem o seu dinheirinho – observou Sonia.

ARTIGOS

Compromisso pela educação

MOZART NEVES RAMOS*

Para completar 55 anos de fundação, o Grupo RBS toma a importante decisão de concentrar suas ações e seus investimentos sociais na educação, com o firme propósito de não só ampliar seus esforços no campo da mobilização social por uma educação de qualidade, mas também de reconhecer e valorizar as iniciativas inovadoras que estão produzindo mudanças qualitativas em prol da aprendizagem escolar.

Essa iniciativa vem em boa hora, face aos últimos resultados do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) 2011, recentemente apresentados pelo Ministério da Educação (MEC), que reforçam a necessidade de um maior envolvimento da sociedade na busca por uma educação de qualidade.

Os resultados não deixam dúvida de que o país, caso mantenha o atual ritmo de melhoria, alcançará o Ideb de 6,0 previsto para

2021 no que se refere às séries iniciais do Ensino Fundamental; por outro lado, eles mostram que o país avançou muito pouco para as séries finais, e encontra-se estagnado há mais de 10 anos em relação ao Ensino Médio, e num patamar muito baixo.

Portanto, mesmo com o avanço das séries iniciais do Ensino Fundamental, o país não pode se acomodar, ainda há uma longa estrada pela frente.

Notadamente, o maior esforço do Grupo RBS, do ponto de vista de suas empresas e seus veículos de comunicação, se concentra nos Estados do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.

Com relação aos resultados do Ideb 2011, esses dois Estados apresentaram comportamentos diferentes, especialmente no que se refere às séries finais do Ensino Fundamental e do Ensino Médio.

Nas séries iniciais do Ensino Fundamental, os dois Estados alcançaram as metas previstas para 2011, mas o desempenho de Santa Catarina foi relativamente superior.

Só haverá país livre e soberano quando todas as suas crianças e jovens tiverem uma escola de boa qualidade

Por exemplo, 90% dos municípios catarinenses alcançaram as metas previstas para 2011, para um percentual de 75% dos municípios gaúchos. Para as séries finais do Fundamental, 80% dos municípios catarinenses alcançaram as metas previstas para 2011, e apenas 50% foi o percentual verificado para aqueles do Rio Grande do Sul. Já no Ensino Médio, a situação do Rio Grande do Sul exige uma atenção ainda maior.

O Estado piorou de 2009 para 2011, além de não ter alcançado a meta prevista para 2011; o Ideb foi de 3,4 enquanto a meta prevista era de 3,7. A rede pública de Santa Catarina obteve Ideb 4,0 (o melhor de todo o país) para uma meta de 3,8.

Mas os bons resultados alcançados pelo Estado de Santa Catarina não podem servir para acomodação, pois os dados também mostram que, à medida que se evolui, as dificuldades se tornam cada vez maiores para o cumprimento das metas seguintes. Por outro lado, os números do Rio Grande do Sul vão exigir do Estado e de seus municípios um grande esforço para alavancar os atuais indicadores de desempenho escolar.

No lançamento da campanha A Educação Precisa de Respostas, do Grupo RBS, ficou claro o compromisso de todos em prol de uma educação de qualidade na região, assim podem ganhar os dois Estados. Que essa iniciativa sirva de exemplo para todo o país. Só haverá país livre e soberano quando todas as suas crianças e jovens tiverem uma escola de boa qualidade, com professores valorizados. Esse é o desafio que se impõe ao Brasil para o século 21.

*Membro do Conselho de Governança de Todos Pela Educação e do Conselho Nacional de Educação, professor da UFPE

A formação do professor Qualidade da educação

CLÓVIS REIS*

Todos os especialistas ouvidos na série de matérias da campanha A Educação Precisa de Respostas, em algum momento, fazem referência à formação do professor como condição fundamental para que o país melhore os indicadores de qualidade na área. A afirmação não constitui novidade. Quanto mais qualificados estejam os docentes e quanto mais seguros respondam aos desafios sociais contemporâneos, maiores são as chances de êxito na sala de aula.

A contradição reside no hiato entre o diagnóstico oficial e a execução de medidas que, efetivamente, assegurem as condições para a superação de tais obstáculos.

No âmbito das bolsas de estudo para financiamento da graduação, por exemplo, são escassos os programas que privilegiam cursos de licenciatura. As ofertas existentes hoje, em geral, restringem-se à complementação de estudos para docentes que atuam na rede pública num campo de trabalho diferente da habilitação original.

Evidentemente, trata-se de uma iniciativa importante, mas insuficiente diante da necessidade de criação de novos quadros. Se a formação de professores constitui uma prioridade, uma área estratégi-

ca para o desenvolvimento do município, do Estado e do país, por que as iniciativas oficiais não reservam uma parcela dos investimentos exclusivamente para as licenciaturas?

As dificuldades para o pagamento das mensalidades, aliadas à falta de perspectivas salariais futuras, provocaram ao longo dos anos uma queda acentuada na procura dos cursos de graduação na área do magistério. Na maioria dos campos de atuação, há muito mais vagas nas salas do que estudantes nas carteiras, o que levou ao gradual encolhimento na oferta regular de diferentes habilitações. Nesse sentido, a instalação de uma universidade federal no Vale do Itajaí a partir da Furb, o que se convencionou chamar de projeto Furb Federal ou federalização da Furb, cumpriria um papel nevrálgico para o atendimento das demandas regionais e a implementação de políticas públicas em áreas estratégicas para o nosso desenvolvimento, como é o caso da educação.

O fato é que, se hoje faltam professores em sala de aula e se aquece que estão lá precisam de melhor formação, a culpa definitivamente não é deles. Está na hora de fazerem algo para que o quadro mude.

*Professor universitário

MARIA TEREZA LUNARDINI CARDOSO*

Não há dúvida de que o Brasil potencializou-se através do esporte. No futebol, conquistou várias copas mundiais. No automobilismo, subiu ao pódio com o imortal Ayrton Senna. Nas olimpíadas, muitos atletas brasileiros vêm se consagrando vencedores e ostentando medalhas no peito. No vôlei, na natação e em outras modalidades esportivas, o país já venceu os “inveníveis”. Na economia, o Brasil passou de devedor a credor do FMI. O mercado internacional abriu as portas para os produtos brasileiros. Na educação, o Brasil deu a largada; já venceu a barreira da quantidade – mais de 95% das crianças já estão nas salas de aula. Muitos governantes estão conscientes de que investir em educação infantil é garantir um futuro promissor para muitos pequenos brasileiros; já entenderam que “as flores do futuro estão nas sementes de hoje”. No entanto, o Brasil não conseguiu erguer a bandeira da vitória: os resultados da educação brasileira não são alentadores. Os índices de evasão, de repetência e a qualidade do ensino são incompatíveis com os avanços que o país vem conseguindo nesses últimos anos. Na última edição trienal na prova do programa de Avaliação Internacional de Estudantes (Pisa), referente a 2009, o Brasil ficou no 54º lugar num ranking de 65

países. Segundo o Inaf (Indicador do Analfabetismo Funcional), os índices de analfabetismo apresentaram declínio nos últimos anos. No entanto, os níveis de avaliação externa sobre as habilidades de leitura e escrita e matemática dos brasileiros entre 15 e 64 anos ainda são preocupantes. Avaliar a situação dessa população-alvo quanto à capacidade de acessar e processar as informações escritas como ferramentas para enfrentar as demandas cotidianas indica que não basta codificar e decodificar palavras ou expressões.

Ler e entender diferentes gêneros de textos que circulam socialmente, escrever com clareza e com domínio das noções básicas da língua escrita são hoje condições imprescindíveis para a inserção plena na sociedade letrada. São também requisitos básicos para a promoção pessoal e para conquista de um espaço no mercado de trabalho.

Indiscutivelmente, a educação é o alicerce para o progresso do país; é, portanto, o grande passaporte para o sucesso individual e para a construção do desenvolvimento coletivo de uma nação. É preciso dar a grande largada para o Brasil concorrer em nível de igualdade com as outras nações do mundo e dar a tão sonhada volta olímpica, ostentando a bandeira da vitória na educação.

*Professora, mestre em Educação

INSTITUCIONAL

Mobilização e engajamento

Ao longo de cerca de três meses, foram realizadas mais de 50 ações institucionais de mobilização e engajamento junto às comunidades gaúcha e catarinense, com repercussão nos veículos do Grupo RBS. O marco inicial da campanha e ação de largada da bandeira foi o Paineis RBS (veja nas páginas 6 e 7 deste especial). Confira algumas das demais ações realizadas dentro do escopo da campanha:



FOTOS: GABRIEL RBS, DIVULGAÇÃO

Seis eventos em escolas gaúchas e catarinenses (veja na contracapa) mobilizaram alunos, professores e voluntários pela valorização do ambiente escolar



Distribuição de marca-livros na Semana Farrroupilha



Marcadores entregues durante a Feira do Livro



Blitz de distribuição de adesivos para carros



Evento em parceria com o CIEE-Florianópolis



Evento em parceria com a Amcham-POA



Jornal do Almoço especial do Dia da Criança

junto às comunidades



FOTOS: GABRIEL RBS, DIVULGAÇÃO

Personalidades e comunicadores do Grupo RBS vestiram a camiseta da campanha, como o ministro da Educação, Aloizio Mercadante, e a escritora Martha Medeiros



RICARDO DIAMANTE

A camiseta entrou em campo com times de futebol, como Grêmio...



JESSE GOTTI

Prêmio Elpídio Barbosa, do Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina



MAURO VIEIRA

... Inter (acima) e Criciúma (abaixo), antes de partidas realizadas pelos...



MAURO VIEIRA

Prêmio Excelência em Comunicação, concedido pelo Sinepe-RS



... Campeonatos Brasileiros das Séries A e B de 2012, no RS e em SC



AÇÕES NAS ESCOLAS

Seis dias especiais

Alunos e professores de seis escolas de municípios gaúchos e catarinenses receberam um dia especial de valorização do ambiente escolar e dos profissionais da educação, com diversas oficinas e atrações promovidas por voluntários.

Porto Alegre - 5/12
Colégio Estadual
Florinda Tubino Sampaio



FOTOS: FRANCO RODRIGUES, DIVULGAÇÃO/GRUPO RBS

Florianópolis - 27/9
Escola Simão Hess



Santa Maria - 30/10
Colégio Estadual Manoel
Ribas, o Maneco



Caxias do Sul - 6/11
Instituto Estadual de
Educação Cristóvão de
Mendoza



Joinville - 13/11
Escola Básica
Dom Pio de Freitas



Blumenau - 20/11
Escola de Educação
Básica Pedro II



FOTOS: GRUPO RBS, DIVULGAÇÃO

A bandeira em números

EDITORIAL

Em três meses de projeto, a bandeira de Educação atingiu um volume editorial de mais de **1,1 mil matérias**

> Jornais: **454 páginas**

> Rádios: **138 matérias**

> TV: **90 matérias** estaduais e **486 matérias** locais

CAMPANHA PUBLICITÁRIA

Ao longo do projeto, a campanha publicitária contou com:

> **150** anúncios

> **xx** inserções em rádios

> **xx** inserções em TV

> **4.938.597** impressões de peças digitais

SITE

O site do projeto contou com matérias especiais sobre educação, interação do público ("Perguntas e Respostas" e "Fala Professor!"), entrevistas e vídeos com especialistas, conteúdos e materiais da campanha, possibilidades de apoio e voluntariado, dentre outros.

> **67.730** visitas

> **247.082** páginas vistas

> Mais de **10min** de duração média de cada visita

> **538** contatos recebidos pelo site

> Perguntas respondidas no "Envie sua pergunta": **67**

> Mensagens publicadas no "Fala Professor!": **63**

REDES SOCIAIS

Mais de **135 mil** seguidores no total

/GrupoRBS
/portalsocial

> mais de **9.800** likes

> mais de **5.000** compartilhamentos

> mais de **600** comentários nos posts sobre a Bandeira

> Perguntas respondidas no "Envie sua pergunta": **67**

> Mensagens publicadas no "Fala Professor!": **63**

@nossaeducacao
@grupo_rbs
@portalsocial

> mais de **4.900** menções

> mais de **300** tweets sobre a Bandeira

youtube.com

> mais de **14.000** visualizações do filme da Bandeira

> mais de **500** visualizações do filme de making of da Bandeira

@Grupo_RBS

> mais de **50** fotos

> mais de **3.800** curtidas

> mais de **210** comentários